

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MAIRA BRANDÃO BENEDITO

**A EMERGÊNCIA DA RELAÇÃO ENTRE O BEBÊ E O AMBIENTE:
REFLEXÕES A PARTIR DE FREUD E WINNICOTT**

CURITIBA
2015

MAIRA BRANDÃO BENEDITO

**A EMERGÊNCIA DA RELAÇÃO ENTRE O BEBÊ E O AMBIENTE:
REFLEXÕES A PARTIR DE FREUD E WINNICOTT**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Nadja Nara Barbosa Pinheiro

CURITIBA
2015

Catálogo na publicação
Vivian Castro Ockner – CRB 9º/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Benedito, Maira Brandão

A emergência da relação entre o bebê e o ambiente: reflexões a partir de Freud e Winnicott / Maira Brandão Benedito. – Curitiba, 2015.

126 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nadja Nara Barbosa Pinheiro
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Setor de Ciências Humanas,
Universidade Federal do Paraná.

1. Psicologia clínica - Núcleo Integrado de Apoio Psicossocial das Varas da Infância e Juventude do Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba (NIAPVIJ).
2. Criança - desenvolvimento emocional primitivo. 3. Freud, Sigmund (1856-1939) - Winnicott, Donald (1896-1971) - constituição psíquica e subjetiva.
I. Título.

CDD 150.195



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas.
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA



MARA BRANDÃO BENEDITO

"A EMERGÊNCIA DA RELAÇÃO ENTRE O BEBÊ E O AMBIENTE:
REFLEXÕES A PARTIR DE FREUD E WINNICOTT"

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do
Título de MESTRE EM PSICOLOGIA, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado
em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas da UFPR – Universidade
Federal do Paraná, e aprovada (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora
abaixo assinada.

Prof.^a Dr.^a Nadja Mara Barbosa Pinheiro
Universidade Federal do Paraná
Professora orientadora

Prof. Dr. Vinícius Anícius Garriga
Universidade do Estado de Rio de Janeiro
Professor titular

Prof.^a Dr.^a Ivonise Fernandes da Mota
Universidade de São Paulo
Professora titular

Curitiba, 12/06 de 2015

AGRADECIMENTOS

À professora Nadja Nara Barbosa Pinheiro, pela orientação, apoio e incentivo. Por acreditar em meu potencial e se dispor a construir comigo um espaço onde ele pudesse se desenvolver.

Aos meus pais, por terem me dado o suporte para tantas conquistas, o colo para tantas integrações e o cuidado para que eu pudesse ter confiança para me aventurar em novas descobertas. Por me apresentarem um mundo em que as construções, desconstruções e reconstruções têm seu lugar e importância.

À minha mãe, por ter me ajudado a adquirir a capacidade de estar só, sempre em sua companhia.

Ao meu pai, por me surpreender a cada dia com seu potencial para um viver criativo, tão inspirador.

À minha avó, Dirce, por, entre tantos momentos turbulentos, manter-se viva e presente, me dando esperança sempre.

Ao Guilherme Karam, pela parceria, paciência, e principalmente por propiciar momentos de descanso e leveza que deram mais ânimo para os momentos difíceis.

A Priscilla Poitevin, pela escuta atenta, pelas sugestões sempre em tempo e pela amizade que transcende as fronteiras do tempo e do espaço.

A Carmen Krutul, pela presença firme e constante e também por estar sempre ao meu lado.

A Angela Lubiazi, por sua amizade singela, pelas risadas garantidas e por tornar leves os tempos difíceis.

A Ana Dilger, pelos rabiscos construídos juntas e por me ensinar a importância da aceitação dos paradoxos.

Às minhas amigas e amigos, por entenderem minha ausência com bom-humor e incentivo, que me auxiliaram em minha caminhada.

Às minhas primas, Natália, Ana e Tatiana, por terem me ensinado desde muito cedo que a proximidade não se limita às questões biológicas, mas se funda e se mantém a partir do afeto.

Ao Miguel e a Ana Lara, e às suas mães Pollyana e Natália, por me deixarem participar de suas vidas desde o início e por encherem minha vida de alegrias, descobertas e doçuras.

A Dulce, por cuidar tão bem da minha casa, aceitar as “bagunças”, e assim possibilitar que eu me dedicasse a essa dissertação.

A Raquel Leite, pela leitura cuidadosa e precisa, que me ensinou a olhar atentamente as entrelinhas.

Às minhas colegas do NIAPVIJ, pelos casos discutidos, pelas angústias repartidas e pelas elaborações construídas.

Ao gabinete, em especial a Carol, a Patrícia, e à Dra. Lídia, por confiarem em meu trabalho, me apresentarem o “mundo do Direito”, e estarem abertas e disponíveis para ouvir minhas descobertas e inquietações.

Às famílias e crianças atendidas no NIAPVIJ, que, compartilhando comigo suas histórias, me ensinaram tanto sobre a vida, seus percalços, suas conquistas e superações.

O essencial é invisível aos olhos.

Saint-Exupéry

RESUMO

Esta dissertação tem sua origem a partir das inquietações advindas da atuação profissional da autora como psicóloga no Núcleo Integrado de Apoio Psicossocial das Varas da Infância e Juventude do Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba (NIAPVIJ), para onde são encaminhadas diariamente crianças que se encontram em situações de extrema vulnerabilidade. O encontro com crianças que são afastadas de suas famílias de origem por estarem em uma situação considerada como de risco pela Rede de Proteção local provoca um grande questionamento acerca do que pode ser considerado com um ambiente suficientemente bom e, mais ainda, qual seria sua importância para o desenvolvimento da subjetividade. Diante de tais acompanhamentos, parte-se da hipótese inicial de que o estabelecimento de uma relação primordial com o ambiente é vital para o desenvolvimento emocional, pois proporciona os fundamentos emocionais e psíquicos para que outras relações objetais se estabeleçam, assim como porque relaciona-se intimamente a outras importantes conquistas do indivíduo. Dessa forma, propõe-se uma reflexão a respeito das condições necessárias para que haja o estabelecimento de uma relação primordial entre o bebê e o ambiente, que propicie a emergência de sua subjetividade e lhe permita estabelecer relações objetais. O primeiro capítulo se dedica a apresentar um percurso nas formulações freudianas que versam sobre a constituição psíquica, que está intrinsecamente relacionada à sexualidade e ao campo pulsional. É realizada a demarcação do papel essencial atribuído à mãe nas primeiras experiências de satisfação vivenciadas pelo bebê, bem como da importância de tais experiências, que subsidiam escolhas objetais posteriores e operam na diferenciação *Eu/não-Eu*. Centrando-se na perspectiva de Winnicott, no segundo capítulo são apresentadas diversas conquistas relativas às etapas iniciais da constituição subjetiva, tais como a identificação primária, as experiências de ilusão, agressividade e reparação, e o próprio estabelecimento de relações objetais, demarcando-se a função vital da mãe/ambiente nesse processo. Por fim, no terceiro capítulo, é realizada uma interlocução entre o trabalho prático desenvolvido no NIAPVIJ e o percurso teórico apresentado ao longo da dissertação, fazendo-se uso de pequenos exemplos da literatura para o aprofundamento de particularidades do momento primitivo do desenvolvimento emocional, com especial destaque ao plano afetivo.

Palavras-chave: Freud. Winnicott. Constituição psíquica. Desenvolvimento emocional primitivo. Ambiente. Psicanálise.

ABSTRACT

This dissertation is originated from the concerns evoked by the author's activity as a psychologist in the Child Protection Division of Parana Justice Court (NIAPVIJ) in Curitiba, to where children who are found at a vulnerable situation are conducted on a daily basis. The encounter with children who are apart from their families of origin due to the fact of being at risk, as defined by the Local Protection Network, stimulates serious reflection on what can be defined as a good-enough environment, and mostly, on its importance to the development of subjectivity. The initial hypothesis is that the establishment of a relationship with the environment is vital to the emotional development, since it provides the emotional and psychic foundations for further objet relations; as well it is intimately related to other important accomplishments of the individual. Therefore, it's proposed a reflection about the necessary conditions needed to the establishment of a vital relationship between the baby and the environment that can lead to the emergence of subjectivity and objet relations. The first chapter presents the path made on Freud's formulations related to the psychic constitution, which is intrinsically related to sexuality and the instinctual life. It's conducted a demarcation of the essential role of the mother in the baby's first experiences of satisfaction, as well as the importance of such experiences that also provide support for later choices of objects and help in the *Me /not-Me* differentiation process. Focused on Winnicott's perspective, the second chapter presents various achievements from the early stages of subjectivity constitution, such as primary identification, illusion, aggressive and repairing experiences, as well as the establishment of objet relations itself, emphasizing the role of the mother/environment in these processes. At last, in the third chapter it's conducted a discussion between the practical experience held at NIAPVIJ and the theoretical path displayed in the previous chapters, making use of examples of literature to deepen the reflection on the particularities of the primitive stages of emotional development, with special emphasis on the affective field.

Key-words: Freud. Winnicott. Psychic Constitution. Primitive Emotional Development. Environment. Psychoanalysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 – AS TRÊS IDADES DA MULHER	15
ILUSTRAÇÃO 2 – MÃE PRETA	43
ILUSTRAÇÃO 3 – ALICE SHAKING HANDS WITH HUMPTY DUMPTY	81
ILUSTRAÇÃO 4 – A ÁRVORE DA VIDA	109

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA NA CONCEPÇÃO FREUDIANA	17
2.1 A VIVÊNCIA DE SATISFAÇÃO E O CIRCUITO DO DESEJO NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA.....	18
2.2 A SEXUALIDADE INFANTIL COMO MOTOR DO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO	19
2.3 A PULSÃO E A DISTINÇÃO ENTRE EXTERNO E INTERNO	22
2.4 OS PRINCÍPIOS REGULADORES DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO	25
2.5 O PROTÓTIPO DA ESCOLHA OBJETAL.....	27
2.6 O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO <i>EU</i> - NÃO <i>EU</i>	30
2.7 A AGRESSIVIDADE E A IDENTIFICAÇÃO	35
2.8 A ANGÚSTIA INFANTIL E O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO.....	39
3. O AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL- FORMULAÇÕES WINNICOTTIANAS	45
3.1 A EXPERIÊNCIA DO NASCIMENTO – O INÍCIO?	46
3.2 A UNIDADE AMBIENTE-INDIVÍDUO	48
3.3 A PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA	52
3.3.1 <i> Holding</i> – a sustentação para grandes conquistas.....	57
3.4 – AS CONQUISTAS POSSÍVEIS DE UMA JORNADA PESSOAL	58
3.4.1 A relação com objetos– um olhar paradoxal	62
3.4.2 A relação primária (in)existente entre o bebê e sua mãe – uma forma de comunicação.....	63
3.4.3 A construção do ego – ecos de um processo silencioso	70
3.4.4 O cuidado materno como propulsor para a experiência da ilusão, agressividade e reparação.....	72
3.5 UMA ÁREA INTERMEDIÁRIA DE EXPERIÊNCIA.....	76
4 REVERBERAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DE UMA PRÁTICA	83
4.1 A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RISCO- INTERVENÇÕES POSSÍVEIS.....	84
4.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS A UMA PRÁTICA	90
4.3 UM RECURSO ADICIONAL – OU SERIA TRANSICIONAL?	99

4.4 A DIMENSÃO AFETIVA NO ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES - UMA CONQUISTA.....	106
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
REFERÊNCIAS.....	120

1 INTRODUÇÃO

Uma das características fundamentais da investigação psicanalítica consiste no modo como ela sempre esteve articulada com a prática, na maneira como desde seus primórdios foi impulsionada a partir de observações realizadas por meio da clínica.

O fino delinear da investigação proposta neste trabalho tem seu berço nessa característica peculiar da psicanálise, uma vez que tem seu despertar a partir da prática e de reflexões por ela impostas.

A atuação como psicóloga no Núcleo Integrado de Apoio Psicossocial das Varas da Infância e Juventude (NIAPVIJ) do Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba do Tribunal de Justiça do Paraná, nos coloca diariamente em contato com situações de abandono e violência de crianças e adolescentes.

Face à multiplicidade de atuações que nos são demandadas no acompanhamento de tais famílias, nos propusemos aqui a fazer um recorte dessas vastas demandas e nos dedicamos à reflexão das questões advindas do acompanhamento de infantes que são separados de suas famílias de origem em uma etapa muito inicial de seu desenvolvimento emocional, por se encontrarem em uma situação de risco pessoal e social, tal como entendido pela Rede de Proteção Local¹.

As principais questões suscitadas por esse acompanhamento se referem justamente ao que o determina, ou seja, a situação de risco. Dessa forma, perguntamo-nos: o que poderíamos compreender, a partir da psicanálise, como sendo uma situação de risco? Será que podemos relacioná-la a um ambiente não suficientemente bom? E ainda, seria possível que tal ambiente fosse avaliado a partir de um observador externo? Em caso afirmativo, qual o valor dessa observação para a psicanálise? Haveria um momento em que o infante estaria mais preparado para lidar com essas turbulências do meio em que vive? O que tornaria possível que ele se tornasse relativamente independente, de modo que pudesse estabelecer relações com o mundo que o rodeia?

¹ Iremos abordar os pormenores do funcionamento da Rede de Proteção à Criança e ao adolescente em situação de Risco para a Violência, no item 4.1.

Por serem esses os questionamentos que operam na demarcação da temática a ser abordada a partir deste trabalho, reconhecemos sua importância, contudo, ponderamos que não seria possível abordá-los em sua totalidade nesta dissertação. Dessa forma, nos propomos a investigar a questão que consideramos fundamental, e refletimos sobre quais seriam as condições necessárias para que, de um estado inicial de indiferenciação entre o bebê e o ambiente, possa ocorrer uma paulatina diferenciação entre ambos que permita a emergência de relações objetais.

Destacamos, ainda, que partimos da hipótese inicial que o estabelecimento de uma relação primordial é vital para o desenvolvimento emocional, pois proporciona os fundamentos emocionais e psíquicos para que ulteriores relações objetais se estabeleçam, relacionando-se também intimamente a outras conquistas do indivíduo, não podendo ser tomada como garantida aprioristicamente.

Com o intuito de investigar a questão formulada acima, direcionamo-nos para as teorias de Sigmund Freud e Donald Woods Winnicott, por entendermos que ambos os autores abordam, ainda que em momentos distintos de suas obras e especialmente a partir de experiências clínicas diversas, como as relações entre o ego e os objetos podem ser fundadas a partir do estabelecimento de uma relação entre o bebê e sua mãe.

A aposta na possibilidade de um diálogo entre as teorias de Freud e Winnicott encontra sustentação nas considerações de Plastino (2007), para quem a filiação freudiana da teoria winnicottiana seria inquestionável. Ainda assim, consideramos válida a ressalva realizada pelo mesmo autor, que destaca que as perspectivas freudianas e winnicottianas têm como base atuações clínicas distintas, além de terem se originado em contextos históricos e sociais diversos. A respeito, define o autor:

A experiência de Winnicott, como se sabe, consistiu em décadas de trabalho com bebês, crianças, adultos e com as psicoses. Seu olhar foi assim dirigido não apenas para questões vinculadas ao *funcionamento* do psiquismo e suas perturbações, terreno no qual brilhou o gênio criativo de Freud. Mergulhando em experiências dominadas por processos emocionais primitivos, Winnicott encontrou subsídios para pensar o processo de *constituição* do psiquismo e suas perturbações (PLASTINO, 2007, p. 200, *itálico do autor*).

Diante deste panorama, afirmamos novamente nossa intenção de propiciar um diálogo entre ambas as teorias, que não tem o propósito de unificá-las ou

contrapô-las radicalmente, mas de refletir as questões despertadas pela prática a partir delas.

Assim, essa dissertação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná, na linha de pesquisa “Psicologia Clínica”, vincula-se aos trabalhos realizados no Laboratório de Psicanálise, o qual constitui um espaço de estudos e discussões que conta com a colaboração de diversos professores e alunos da graduação e da pós-graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

Nesse âmbito, esta pesquisa se insere nas pesquisas coordenadas pela professora Dr^a. Nadja Pinheiro, cujo objetivo principal é o de partir das obras de Freud e Winnicott para produzir reflexões teóricas que possuem como ponto de partida a condução da clínica, seus movimentos e seus impasses (PINHEIRO, 2012).

Ao nos dedicarmos à definição do método utilizado para realização da presente pesquisa, cabe-nos pensar a respeito das questões que se referem à via, ao caminho, e ao propósito desta investigação. Desta feita, faz-se inevitável uma alusão ao próprio método psicanalítico, eminentemente clínico desde seu fundamento.

Consideramos importante ressaltar que o método está intrinsecamente relacionado ao objeto de estudo e que é justamente devido a este aspecto que o método psicanalítico se faz singular.

Ainda com relação à especificidade da psicanálise e seu método, Green² (2004, citado por Mezan, 2006) sustenta a ideia de que, quando se trata de psicanálise, se faz presente um pensamento clínico, um modo original e específico de racionalidade originado da experiência prática, concluindo que, mesmo quando não se faz referência explícita aos pacientes, o pensamento clínico sempre faz pensar neles.

A realização da pesquisa proposta é embasada, justamente, nos princípios elencados acima e se operacionalizará pela releitura da literatura freudiana e winnicottiana, no intuito de verificarmos de que maneira tais autores podem contribuir para a condução de nosso trabalho diário.

²GREEN, A. *La pensée Clinique*, Paris: Odile Jacob, 2004.

Ainda a esse respeito, consideramos válido destacar que a proposta dessa dissertação está de acordo com o que propõe Darriba (2004, p. 78) acerca da existência de um “inacabamento” conceitual intrínseco ao saber ofertado pela psicanálise, e que tal fato se relaciona à própria singularidade da experiência analítica.

Seguindo essa lógica, o referido autor adverte que, “destituída da referência na experiência clínica, a psicanálise se apresentaria como um saber que a precede; quando se trata, ao contrário, do que está em jogo, em uma análise, ser algo que ultrapassa o saber do analista” (DARRIBA, 2004, p. 79). E é justamente esse algo que escapa ao saber previamente adquirido que impulsiona a investigação proposta neste trabalho.

No primeiro capítulo percorreremos a obra freudiana a partir de suas importantes referências ao papel destinado à sexualidade desde os primórdios da constituição psíquica, assim como apresentaremos a função atribuída à pulsão no desenvolvimento sob o princípio de prazer. Igualmente visamos destacar a presença marcante da mãe nas primeiras experiências de satisfação vivenciadas pelo bebê, bem como a importância que tais experiências teriam para subsidiar escolhas objetais posteriores. Ainda a partir de Freud, iremos abordar a questão dos princípios reguladores do funcionamento psíquico e a maneira como eles estão relacionados ao processo da diferenciação *Eu/não-Eu*, inerente à própria constituição do *Eu*. Por fim, proporemos uma investigação mais detalhada acerca do papel atribuído à identificação, à agressividade e às experiências de angústia nesse processo.

Diante das inúmeras referências freudianas à mãe como facilitadora do processo de construção psíquica do bebê, no segundo capítulo desta dissertação consideraremos os aspectos relacionados à participação ambiental no desenvolvimento emocional do bebê.

Iniciaremos com uma reflexão, já proposta por Freud e aprofundada por Winnicott, sobre a experiência do nascimento, e daremos destaque à relatividade do desamparo apresentado pelo bebê em tal momento de seu desenvolvimento.

A concepção de tal relatividade está relacionada à compreensão winnicottiana de que no início não haveria um indivíduo e sim uma unidade composta pelo indivíduo e o ambiente que o circunda. Essa assertiva somente pode

ser considerada em consonância com a concepção de um estado muito especial da mãe, denominado, pelo autor, preocupação materna primária.

Na sequência, apresentaremos as inúmeras conquistas que esse estado especial de identificação da mãe com seu filho pode propiciar ao infante, e daremos especial ênfase à função de *holding*, que provê sustentação a tais conquistas. Uma das conquistas que advém desse cuidado é elencada por Winnicott como a capacidade para o estabelecimento de relações objetais, que tem como base uma relação paradoxal existente entre o bebê e sua mãe.

Outros aspectos que serão abordados se referem aos efeitos do ambiente na construção do ego e também a maneira como os cuidados maternos podem ser compreendidos como propulsores de experiências de ilusão, agressividade e reparação, tão importantes ao desenvolvimento inicial.

Em um movimento de transição, destacaremos ainda no segundo capítulo a importância atribuída pelo psicanalista inglês ao espaço intermediário entre o interno e o externo e as inúmeras construções que nele podem acontecer.

Uma vez esclarecida a importância vital atribuída por Winnicott ao viver criativo que se constrói a partir de um espaço potencial, nos sentimos autorizadas a dar o passo seguinte e compartilhar nossas inquietações oriundas da prática.

No terceiro capítulo exporemos as intervenções possíveis de serem realizadas com crianças em situação de risco e intentamos definir, a partir do ponto de vista jurídico, o que possibilitaria a identificação de tais situações. A partir de tal explicação, nos direcionaremos a elucidação das questões práticas que ensejam tantas reflexões, e recorreremos às teorias de Freud e Winnicott para articulá-las, uma vez que as referidas teorias nos auxiliam na condução de nossa atuação profissional. Diante da complexidade dos casos acompanhados, propomos o uso de pequenos exemplos da literatura para um aprofundamento em momentos muito primitivos da constituição subjetiva, que são traduzidos com muita singeleza pelos autores selecionados.



ILUSTRAÇÃO 1 - Klimt, G. **As três idades da mulher**, 1905. Óleo sobre tela, 180 cm X180 cm. Galleria Nazionale d'Arte Moderna, Roma, Itália

2 A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA NA CONCEPÇÃO FREUDIANA

A teoria freudiana, desde seu nascimento, ocupou-se com o estudo da mente e seu funcionamento, diferenciando-se das teorias já existentes por destacar a sexualidade como fundamento na etiologia das neuroses e também como organizadora da vida psíquica.

Em uma de suas contribuições mais originais, Freud (1905/1996) postula a existência de uma sexualidade infantil ativa diferentemente do que consideravam outros teóricos, que, quando a levavam em conta, situavam-na como latente.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) propõe que o recém-nascido já traz consigo germes de moções sexuais que irão seguir um curso oscilante de desenvolvimento. Tal constatação freudiana nos direciona para a discussão acerca do que organizaria a sexualidade, visto que, de acordo com a referida teoria, esta não seria um derivativo direto de um dado natural, e tampouco estaria restrita à natureza do objeto, impelindo-nos a investigar o que seria responsável por esta organização.

Neste capítulo inicial de nosso trabalho, nos propomos a destacar a referência basal que a teoria freudiana nos propicia para a compreensão das situações encaminhadas para nosso acompanhamento e intervenção no Poder Judiciário, bem como visamos elucidar como referida teoria nos impulsionou para o estudo das formulações winnicottianas acerca do desenvolvimento emocional primitivo.

Para tal, iremos destacar a maneira pela qual Freud atesta a importância das funções maternas para a constituição psíquica, em especial na demarcação do campo pulsional, diante do qual deve ser considerada sua formulação sobre a sexualidade infantil que estaria intrinsecamente relacionada às primeiras experiências de satisfação, usualmente proporcionadas pela mãe, cabendo-nos assinalar que estas seriam as precursoras das relações objetais.

Consideramos salutar destacarmos que embora saibamos que a teoria pulsional em Freud receberá uma transformação importante com a inserção da noção de pulsão de morte, compreendemos que tal inserção não significa um abandono total das ideias apresentadas em sua primeira teoria pulsional. Cabe-nos, portanto, frisar a importância das ideias freudianas aqui apresentadas, em especial

no que se refere à questão de um apoio inicial da pulsão sexual na função nutritiva, porque tal perspectiva será retomada por Winnicott ao estudar os movimentos primitivos da constituição subjetiva, ainda que ele o faça a partir de um prisma original.

2.1 A VIVÊNCIA DE SATISFAÇÃO E O CIRCUITO DO DESEJO NA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

Em suas ideias apresentadas no artigo intitulado *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900/1996) nos indica que o aparelho psíquico está sujeito a um longo período de desenvolvimento, baseando-se inicialmente em um aparelho reflexo que visa se manter tão livre de estímulos quanto possível.

Neste momento inicial de sua obra, Freud (1900/1996) postula que a excitação sensorial que extrapolasse certo limiar deveria ser descarregada por via motora e, para demonstrar as limitações impostas pela vida à execução deste comportamento reflexo, o autor faz uso do exemplo de um bebê faminto que, movido por excitações provindas de necessidades internas, grita e dá pontapés, desamparado. Freud pondera que tais atitudes motoras do bebê não lhe garantem imediato escoamento da excitação e afirma que este será obtido apenas quando houver uma “vivência de satisfação” (FREUD, 1900/1996, p.594). Tal formulação leva Freud a afirmar que, no caso do bebê, é fundamental que haja um auxílio externo, que podemos entender aqui como a mãe ou quem exerce seu papel, no atendimento de suas necessidades vitais e, conseqüentemente, no estabelecimento de tal vivência de satisfação, que se mostra tão importante nesse circuito percorrido pela excitação.

É também a partir dos postulados freudianos que compreendemos que, uma vez estabelecida esta vivência de satisfação, ocorre a associação de uma imagem mnêmica de uma percepção específica, no caso a nutrição, a um traço mnêmico da excitação produzida pela necessidade.

É com base nessa formulação que Freud (1900/1996) afirma que quando a necessidade for novamente despertada haverá uma busca pela re-catexização da imagem mnêmica da percepção com o intuito de restabelecer a situação da

satisfação original. A esta moção psíquica a psicanálise denomina *desejo*, e o reaparecimento dessa percepção seria compreendido como a *realização do desejo*, sendo possível afirmar que seria uma corrente que colocaria o aparelho psíquico em ação, partindo da sensação de desprazer e apontando para o prazer.

Primitivamente, tal caminho era percorrido de maneira alucinatória pelo bebê e gradativamente foi se demarcando uma diferença entre essa satisfação e a que fora obtida através do exterior, indicando que, no caso da primeira, algo perdura em sua necessidade de escoamento e desta forma incita o aparelho psíquico a buscar novos caminhos que levem à realização do desejo. Como a teoria freudiana elucida, “(...) só o desejo é capaz de pôr o aparelho em movimento e que o curso da excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer” (FREUD, 1900/1996, p.625).

Na busca do aparelho psíquico por novos caminhos de satisfação, Freud identifica a emergência de um sistema que controla o movimento voluntário e nomina tal processo de pensamento, sendo importante destacarmos que o referido autor considera que o pensamento trabalharia como um substituto do desejo alucinatório. Notamos que, neste momento da obra freudiana, a motilidade é vista como um meio de promover também alterações internas no corpo, fazendo-se valer como importante via de descarga, ainda que com a mediação do pensamento.

2.2 A SEXUALIDADE INFANTIL COMO MOTOR DO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO

Conforme vimos no item anterior, de acordo com a teoria freudiana apresentada no texto *A Interpretação dos Sonhos (1900)* a experiência de satisfação inicial, tão fundamental ao desenvolvimento psíquico, estaria inicialmente relacionada à provisão adequada de cuidados maternos vinculados à nutrição. Desta forma, consideramos importante uma interrogação mais aprofundada a respeito de que satisfação seria esta que funda e inaugura a economia pulsional do bebê e que se faz digna de repetição, sendo alvo de seus anseios.

Freud (1905/1996) nos ensina que o ato de mamar no seio é a primeira e mais vital experiência da criança e que possivelmente seria tal vivência que teria

familiarizado o indivíduo com o prazer que se esforça por renovar ao longo de sua vida e que foi obtido nessa experiência de satisfação inicial.

Ao situar a zona erógena dos lábios, que fora estimulada pelo fluxo cálido do leite como a origem da sensação prazerosa, Freud (1905/1996) permite-nos vislumbrar sua ideia de que a satisfação pulsional inicialmente se apoia na satisfação da necessidade biológica e apenas mais tarde se tornará, parcialmente, independente dela. Nesse ponto, cabe-nos lembrar que o referido autor nos indica que posteriormente a necessidade de repetição da satisfação sexual dissocia-se da necessidade de absorção de alimentos.

Seguindo essa lógica, Freud (1905/1996) elege como protótipo das manifestações sexuais infantis o ato de “chuchar”, ou, como ele mesmo descreve: o sugar com leite, que se realiza por meio de uma repetição rítmica de um contato de sucção com a boca, independentemente de qualquer propósito de nutrição.

O destaque atribuído para tal manifestação se baseia na observação de Freud (1905/1996) de que o ato de chuchar apresenta três características da manifestação sexual infantil, que seriam a de que: ele nasce se apoiando em uma das funções vitais somáticas; não conhece objeto – é autoerótico; e possui um alvo sexual sob o domínio de uma zona erógena³. Para um detalhamento das características da manifestação sexual infantil, consideraremos primeiramente que, conforme descrito no referido artigo freudiano, o ato de chuchar representa a busca de um prazer já vivenciado e, portanto, lembrado.

Além do mais, em seu texto intitulado *Um Estudo Autobiográfico* (1925[1924]/1996), ao rerepresentar sua teoria da organização da libido e escolha do objeto, Freud indica que: “Após a fase do *autoerotismo*, o primeiro objeto de amor no caso de ambos os sexos é a mãe, afigurando-se provável que, de início, uma criança não distingue o órgão de nutrição da mãe do seu próprio corpo” (FREUD, 1925 [1924]/1996, p.41)

Sendo assim, ao se referir à inexistência de objetos externos na obtenção inicial de satisfação pelo o bebê, e em consonância com sua observação acerca da provável ausência de uma diferenciação clara entre o bebê e seu corpo e o corpo de sua mãe, de onde inicialmente obtém o prazer associado à nutrição, Freud abre-nos

³ Convém assinalarmos que a parte do corpo em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade é denominada por Freud (1905/1996) como uma zona erógena. De acordo com o referido autor, seria a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, que teria maior relação com a produção da sensação prazerosa.

a possibilidade de compreendermos o autoerotismo como também esse momento inicial entre o bebê e sua mãe quando ainda seriam, em alguma medida, indiferenciados.

No que se refere ao autoerotismo, verificamos que a obra freudiana apresenta contínuas modificações a respeito do seu ordenamento na organização psíquica, ora definindo-o como precursor do narcisismo ora como sua própria expressão. Por ora, e com base nos postulados de Freud (1905/1996, 1914/1996, 1925/1996), ressaltamos que, no autoerotismo, a pulsão não está direcionada a um objeto externo e sim se satisfaz no próprio corpo, levando-nos novamente a compreender esse reconhecimento do corpo como seu ainda em processo de construção, permitindo-nos pensar que inicialmente a mãe pode representar também esse corpo que o bebê compreende como sendo seu.

Importante destacarmos que Freud (1905/1996) considera que o sentimento de tensão sexual teria em si o caráter de desprazer e traria consigo uma pressão para alterar a situação psíquica, o que indica a possibilidade do prazer e desprazer estarem relacionados, ainda que indiretamente. Assim, para Freud (1905/1996) o alvo sexual infantil consistiria em provocar a satisfação mediante a estimulação adequada da zona erógena que de alguma forma foi escolhida.

A verificação freudiana de que a vida sexual infantil é essencialmente autoerótica, assim como sobre a existência de pulsões sexuais parciais, que estão desvinculadas e são independentes entre si na busca pela obtenção de prazer, impeliu Freud a realizar uma investigação mais aprofundada a respeito das etapas preliminares de desenvolvimento da organização das pulsões parciais.

Em 1915, já na terceira edição de seus *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud (1905/1996) reconhece a organização oral como uma fase de organização da vida sexual na qual, assim como na fase anal, as zonas genitais ainda não assumiram papel preponderante. Ele apresenta a fase oral ou canibalesca como a primeira das organizações sexuais pré-genitais, indicando, como já vimos anteriormente, que nela inicialmente a atividade sexual não estaria separada da nutrição e não haveria correntes opostas diferenciadas em seu interior. Dessa forma, o objeto de uma atividade seria também o da outra e o alvo sexual consistiria na incorporação do objeto, que servirá como modelo para as identificações promovidas entre o ego e seus objetos, fundamentais para o processo de sua constituição.

Novamente nessa etapa de suas formulações, Freud distingue o chuchar como “resíduo dessa hipotética fase de organização” (FREUD, 1905/1996, p.187), indicando que nele a atividade sexual desvinculada da alimentação renunciou a um objeto alheio em detrimento de um objeto situado no próprio corpo, cabendo-nos ressaltar que esta diferenciação entre o *Eu* e o objeto, e entre o mundo externo e o mundo interno, ainda se apresenta nesse momento de constituição psíquica de maneira muito embrionária, e pode ser identificada apenas do ponto de vista do observador.

Ainda no texto mencionado acima, Freud (1905/1996) considera que, quando a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertencia o órgão que lhe dispensava tamanha satisfação, ela é impelida a buscar tal satisfação em seu próprio corpo, indicando que a relação originária com um objeto, ainda que não seja inicialmente identificado pelo bebê como tal, apenas será restabelecida após um período de latência.

Freud (1905/1996) assinala que o que é introduzido de maneira a provocar no bebê a retirada da libido do objeto externo seria justamente a percepção deste como externo e, logo, entendido como de difícil manuseio em tão preliminar fase de organização.

Considerando que seria esta percepção do objeto de satisfação como externo que impulsionaria o bebê a outra etapa de desenvolvimento libidinal, cabe-nos, portanto, uma maior investigação na obra freudiana acerca da importância da distinção entre o que é externo e o que é interno, e suas contribuições no desenvolvimento psíquico.

2.3 A PULSÃO E A DISTINÇÃO ENTRE EXTERNO E INTERNO

Verificamos que de acordo com a teoria psicanalítica a distinção realizada entre o interno e o externo está intrinsecamente relacionada à obtenção de satisfação e para que possamos compreender melhor a maneira como essa distinção ocorreria, consideramos necessária uma definição mais atenta do que Freud compreendia como circuito pulsional, para que então possamos identificar de

que maneira sua demarcação e posterior distinção estaria relacionada com os primórdios da constituição psíquica.

Freud (1915/1996) postula a existência de dois diferentes tipos de estímulos atuantes sob o psíquico, classificando-os como estímulos pulsionais e estímulos fisiológicos e distingue os estímulos pulsionais como aqueles que se originariam dentro do próprio organismo, imprimiriam um impacto constante e teriam uma atuação particular sobre a mente, sendo que para sua eliminação ações específicas se fariam necessárias.

Para uma melhor compreensão do efeito da distinção entre tais estímulos para a organização psíquica, Freud convida-nos a nos colocarmos no lugar de um ser “*quase totalmente desamparado*”⁴, ainda desorientado no mundo, que acolhe estímulos em seu tecido nervoso” (FREUD, 1915/2010, p. 54). O autor considera que, quando esse indivíduo é capaz de distinguir os estímulos aos quais pode se subtrair mediante uma ação de fuga atribui a eles um mundo externo ao passo que os outros estímulos, que se mostram intocáveis diante da mesma ação de fuga, sinalizariam a existência de um mundo interior, em que prevalecem as necessidades pulsionais.

Ainda a este respeito, cabe-nos destacar a importante função atribuída por Freud (1915/1996) à eficácia da atividade muscular de fuga que forneceria à substância perceptual do organismo uma base para distinguir, tal como dispõe, “um ‘de fora’ e um ‘de dentro’”. (FREUD, 1915/1996, p.125).

Freud (1915/1996) também nos indica que a antítese *Eu/não-Eu* é lançada sobre o organismo individual em uma fase inicial, através da experiência de que pode silenciar por uma ação muscular os estímulos externos enquanto não o pode fazê-lo quando se refere a estímulos pulsionais. Convém ressaltarmos que aqui Freud novamente nomeia a ação muscular como um dos mecanismos identificadores de um mundo externo, tal como já havia proposto em 1900.

⁴ Itálico nosso. Ao descrever o bebê dessa forma, Freud nos possibilita a hipotetização de que seria justamente o cuidado ambiental/materno que não deixaria que o bebê se encontrasse em situação de desamparo absoluto. Diferentemente das demais citações realizadas ao longo desta dissertação, esta faz uso da tradução de Paulo César de Souza, realizada diretamente do texto freudiano em alemão. Tal decisão se pauta na escolha do autor pela expressão ‘quase totalmente desamparado’, que nos será de fundamental importância no diálogo realizado neste trabalho entre os pensamentos de Freud e Winnicott, diante de nosso acompanhamento de situações de crianças que estariam em um momento primitivo de seu desenvolvimento e necessitariam de amparo para que ele pudesse seguir seu curso.

Assim, o psicanalista em questão compreende que os estímulos pulsionais colocariam exigências bem maiores ao aparelho psíquico, estimulando-o a assumir atividades complexas e interligadas para que sejam obtidos através do mundo externo os elementos para saciação parcial das fontes internas de estímulos.

Importante destacar que a teoria freudiana nos assinala que a relação entre o *Eu* e o mundo externo é passiva, considerando-se que recebe estímulos desse e ativa na medida em que reage a eles. Freud (1915/1996) conclui que, além de provocarem uma ação que interfere no mundo externo, os estímulos internos obrigariam o sistema nervoso a renunciar à sua tendência de manter-se afastado de todos os estímulos, pois o confrontariam com estímulos que são contínuos e inevitáveis, apontando as pulsões como os motores dos progressos do sistema nervoso.

Ainda com base no referido artigo de Freud, constatamos que as pulsões, que tem a função de veículo para o desenvolvimento sob o princípio de prazer, estão acompanhadas pelas necessidades de autopreservação impostas pelo *Eu*, inicialmente satisfeitas pelo cuidado preconizado por um agente externo, representado geralmente pela mãe do bebê. Consideramos importante ressaltar que tal vinculação inicial entre as pulsões e as necessidades de autopreservação, como a alimentação, por exemplo, já havia sido abordada por Freud (1905/1996) em *Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade*, conforme apresentamos detalhadamente no item anterior.

Apesar de afirmar reiteradas vezes em sua obra que o funcionamento do aparelho psíquico seria regido pelo princípio de prazer, em *Além do Princípio de Prazer*, Freud (1920/1996) indica que seria incorreto falar na dominância do princípio de prazer uma vez que percebeu que existem diversas outras forças ou circunstâncias que contrariam tal princípio, sendo apenas possível indicar que haveria uma tendência no sentido do prazer, que nem sempre se harmoniza com o resultado final do funcionamento psíquico.

2.4 OS PRINCÍPIOS REGULADORES DO FUNCIONAMENTO PSÍQUICO

Vimos que desde tenra idade a criança precisa encontrar maneiras de lidar com os diversos tipos de estímulos aos quais está sujeita. Tais esforços são primordialmente regidos pelo princípio de prazer e, de acordo com a teoria freudiana, tal princípio incita a busca pelo prazer e o afastamento de qualquer evento que possa despertar o desprazer.

Visando explicitar melhor o modo como compreendia o funcionamento psíquico, Freud (1911/1996) afirma que já havia fornecido indicativos em obras anteriores, tais como o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950[1895]/1996) e *A interpretação dos Sonhos* (1900), de que o estado de repouso psíquico seria perturbado pelas exigências das necessidades internas.

Consideramos importante salientar que, como abordado no item 2.1 desta dissertação, o psicanalista em questão considera que, quando o estado de repouso é perturbado, o que havia sido desejado seria apresentado de uma maneira alucinatória, associando tal funcionamento ao mecanismo do sonho. Igualmente valioso é o postulado do referido autor de que seria apenas a ausência da satisfação esperada, que provocou certo descontentamento, que teria levado ao abandono da tentativa de satisfação por meio da alucinação.

Dessa forma, Freud (1911/1996) nos ensina que seria a não obtenção da satisfação esperada por meio da alucinação que conduziu o aparelho psíquico a se apropriar das circunstâncias reais no mundo externo, visando efetuar nelas uma alteração real. Assim, também estaria atuante no aparelho psíquico um novo princípio, ao qual Freud irá denominar *princípio de realidade*.

Freud (1911/1996) faz ainda a consideração de que uma organização que fosse escrava do princípio de prazer e negligenciasse a realidade do mundo externo estaria fadada ao seu fim, porém, utiliza-se desta ficção ao considerar “(...) que o bebê - desde que se inclua o cuidado que recebe da mãe - quase realiza um sistema psíquico deste tipo” (FREUD, 1911/1996, p. 238)

É de fundamental importância mencionarmos que em um de seus artigos, Winnicott (1960b/1983) destaca essa consideração freudiana e afirma que seria possível observar que nesse ponto de sua obra o fundador da psicanálise presta inteiro tributo à função do cuidado materno, presumindo que talvez Freud não tenha

abordado pormenorizadamente tal questão porque não estava preocupado em discutir suas implicações naquele momento. Dessa forma, nos interessa destacar que tais perspectivas freudianas aqui veiculadas serão uma importante ponte para nossa compreensão da proposta de Winnicott sobre a função dos cuidados maternos para o desenvolvimento emocional.

Para que pudesse melhor explicar o mecanismo utilizado pelo bebê, Freud (1911/1996) faz uso de uma nota de rodapé e amplia sua descrição a respeito dos recursos empregados pelo bebê, vejamos:

Ele provavelmente alucina a realização de suas necessidades internas; revela seu desprazer, quando há um aumento de estímulo e uma ausência de satisfação, pela descarga motora de gritar e debater-se com os braços e pernas, e então experimenta a satisfação que alucinou. Posteriormente, a criança de mais idade aprende a empregar intencionalmente estas manifestações de descarga como métodos de expressar suas emoções (FREUD, 1911/1996, p. 238-239).

Com base nesse excerto do texto freudiano podemos verificar que tanto o bebê quanto a criança mais velha fazem uso de algumas manifestações motoras para retratarem seu desconforto, visando dessa forma obter a satisfação esperada. Contudo, podemos conjecturar que haveria uma distinção na intencionalidade de tais descargas nos diferentes momentos do desenvolvimento subjetivo.

Para melhor compreendermos a qualidade de tais modificações, recorreremos à formulação freudiana que nos informa que o princípio de realidade traz consigo uma nova função atribuída à descarga motora. Sob o domínio do princípio de prazer, a descarga motora servia como meio de aliviar o aparelho mental de adições de estímulos, através do envio de inervações ao interior do corpo, que desencadeavam manifestações do afeto, movimentos expressivos e mímicas. Com a ascensão do novo princípio de funcionamento mental, a descarga motora se transformaria em ação, que por sua vez seria empregada na transformação apropriada da realidade.

A emergência gradativa desse novo princípio no funcionamento psíquico provoca alterações em seu funcionamento, e a teoria freudiana nos ensina que mesmo com o princípio de realidade não há a completa destituição do princípio de prazer, mas, sim, a sua proteção, visto que um prazer momentâneo é abandonado para que mais tarde seja obtido um prazer seguro.

Diante da constatação de que o aparelho psíquico seria organizado e fundado pelo prazer, realizamos anteriormente algumas pontuações acerca das

formulações freudianas a respeito da maneira como este prazer é obtido ao longo do desenvolvimento libidinal, mais especificamente na forma de satisfação autoerótica, claramente identificada na fase oral canibalesca.

Entretanto, a teorização freudiana nos indica outro caminho possível para esta investigação ao nos apontar que o autoerotismo se apresenta em um momento anterior e até mesmo preparatório para o estabelecimento de relações objetais.

Entendemos que tal via de estudo se mostra primorosa para nosso aprofundamento na questão que ensejou a presente pesquisa, que estaria relacionada à compreensão das condições necessárias para a emergência de relações objetais. Desta forma, cabe-nos frisar ainda que o caminho indicado por Freud é retomado por Winnicott, que compreende esse momento inicial como o fundamento para a possibilidade de constituição das relações objetais e será apresentado no capítulo seguinte da dissertação.

2.5 O PROTÓTIPO DA ESCOLHA OBJETAL

A teoria freudiana nos assinala que, ainda na infância, a criança irá efetuar uma escolha de objeto, e que esta ocorre em dois tempos, sendo o primeiro anterior ao período de latência, dessa forma demarcado pela natureza infantil dos alvos sexuais e o segundo tomaria lugar durante a puberdade.

Freud (1905/1996) indica que, com a chegada da puberdade, a pulsão sexual que até então era autoerótica, partia de zonas erógenas distintas e buscava o prazer do órgão, passará a encontrar um objeto e se direcionará para um novo alvo sexual. Para tal, as pulsões se conjugariam e as zonas erógenas se subordinariam ao primado da zona genital.

É também na puberdade que seria consumado o encontro do objeto para o qual o caminho foi preparado desde a mais tenra infância. Cabe-nos lembrar que Freud (1905/1996) apresenta a ideia de que, na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo, o seio materno. Contudo, novamente aqui ressaltamos que o objeto, ainda que fora do corpo, não era considerado como tal pelo bebê.

A formulação de Freud (1905/1996) a respeito da amamentação no seio materno como modelo para os outros relacionamentos amorosos, sustenta sua afirmação de que “o encontro do objeto é sempre um reencontro” (FREUD, 1905/1996, p.210). Reencontro este que pode se dar por apoio em modelos infantis primitivos ou por meio do caminho narcísico, no qual, grosso modo podemos dizer que ocorrerá a busca do *Eu* do próprio sujeito em outra pessoa⁵.

Verificamos que a fase da amamentação, por ser considerada pela teoria freudiana como modelo para os demais relacionamentos amorosos, apresenta-se indispensável para o aprofundamento de nossos estudos a respeito da participação dos cuidados maternos na constituição psíquica.

Como apresentamos anteriormente, a atividade sexual, inicialmente apoiada na nutrição, aos poucos dela se desvia. Ainda assim, Freud (1905/1996) observa que a atividade sexual conserva uma parcela significativa desses primeiros e mais importantes vínculos sexuais, indicando-nos que tal relação pode ser compreendida como auxiliar no preparo para a escolha do objeto e na tentativa de restauração da felicidade perdida.

Uma vez compreendido que é após o período de latência que tal (re) encontro com o objeto vai ocorrer, Freud (1905/1996) verifica que é nesta fase que a criança aprende a amar as pessoas que ajudam no seu desamparo e satisfazem suas necessidades. Tal aprendizado tem suas raízes no modelo da relação estabelecida entre o lactente e sua ama, tal como considera Freud:

Durante todo o período de latência a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele. (...) O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a mãe – contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como um substituto de um objeto sexual plenamente legítimo (FREUD, 1905/1996, p.210).

Diante da importância atribuída à relação do lactente com sua ama, faz-se fundamental que nos debrucemos sobre seus pormenores. Na sequência de suas formulações, a teoria freudiana assinala que a mãe desperta a pulsão sexual do filho com suas expressões de ternura e que também é através delas que será preparada

⁵ Tais modalidades da escolha objetal posterior serão abordados com maior detalhamento na sequência deste trabalho.

a intensidade da pulsão sexual. Desta forma, Freud (1905/1996) compreende que não é apenas a excitação da zona genital que desperta a pulsão sexual, havendo também um efeito desencadeado pela expressão da ternura.

Freud (1905/1996) considera que ao ensinar o filho a amar, a mãe cumpre sua tarefa, visto que a criança se torna um ser capaz de realizar em sua vida aquilo que os seres são impelidos pela pulsão.

Ainda a esse respeito, encontramos no texto freudiano referenciado acima a consideração de que quando a ternura dos pais é bem-sucedida em evitar que a pulsão seja prematuramente despertada, ela pode cumprir a tarefa de orientar esse filho na maturidade em sua escolha do objeto sexual.

Diante desses excertos, torna-se novamente possível a identificação na obra freudiana da importância atribuída ao relacionamento infantil com os pais para a escolha posterior do objeto sexual, sendo-nos possível vislumbrar outra importante ponte com a teoria desenvolvida por Winnicott, que destaca a participação do ambiente como basal para o estabelecimento de relações objetais.

Ainda sobre as origens da escolha objetal, Freud (1914/1996) retoma a ideia de que as escolhas objetais da criança pequena são baseadas em suas experiências de satisfação e ao refletir sobre os motivos pelos quais se torna necessário ultrapassar os limites do narcisismo e ligar a libido a objetos, Freud (1915/1996) afirma que tal fato se dá quando a catexia do *Eu* com a libido excede certa quantidade, concluindo que “devemos amar a fim de não adoecermos” (FREUD, 1915/1996, p.92).

É também no artigo datado de 1914 que Freud revisita a questão da maneira como as pulsões sexuais apoiam-se, a princípio, nos processos de satisfação das pulsões do *Eu*, atribuindo a esse fator a escolha da mãe ou seu substituto como primeiro objeto sexual, uma vez que ela tem função de prover alimento, cuidado e proteção.

Devemos lembrar, como indicamos anteriormente, que Freud (1914/1996) faz a ressalva que existem casos em que a escolha objetal se pautaria pela própria pessoa, diante da qual há a procura por si mesmo como objeto de amor, o que o leva a concluir que “(...)o ser humano possuiria dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida (...)pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário (...)” (FREUD, 1914/1996, p. 108).

A fim de encontrar uma maneira de confirmar a existência desse narcisismo primário, Freud (1914/1996) nos convida a reparar na atitude dos pais afetuosos para com os seus filhos, indicando-nos que ali ocorre uma revivescência, uma reprodução de seu próprio narcisismo. Colocamos, pois, em evidência a ideia apresentada por Freud de que “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” (FREUD, 1914/1996, p.98).

Nessa revivescência narcísica, os pais conferem à criança todas as perfeições e tendem a encobrir os seus defeitos, ainda que a observação realística aponte para outra direção. Dessa forma, a teoria freudiana indica a atribuição da posição de majestade à criança, que se daria em referência a tudo aquilo que, em fases iniciais de seu próprio desenvolvimento, os pais acreditaram ser e precisaram abandonar diante das leis da natureza e da sociedade.

Mas, de que maneira poderíamos compreender que essa etapa de desenvolvimento libidinal, denominada narcisismo, estaria relacionada, como postulou Freud, ao processo de demarcação do *Eu*? Tal questão nos parece de extrema valia visto que nos auxiliará na reflexão sobre as situações de crianças que são encaminhadas para acompanhamento no Núcleo Integrado de Apoio Psicossocial das Varas da Infância e Juventude (NIAPVIJ) e que ainda se encontrariam em momentos muito primitivos de seu desenvolvimento subjetivo, com um *Eu* ainda em processo de formação.

2.6 O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO *EU* - NÃO *EU*

Freud (1914/1996) afirma que é necessário supor que não há, no início do desenvolvimento do indivíduo, uma unidade equiparada com o *Eu*, acrescentando que esta precisa ser desenvolvida. Tal constatação será novamente exposta nas formulações freudianas publicadas sob o título *O Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]/1996).

Diante da importância atribuída por Freud à fase do narcisismo e sua satisfação tipicamente autoerótica para a demarcação do *Eu*, podemos verificar que

ela é retomada em diversos momentos de sua obra. Em seu artigo metapsicológico *Os instintos e suas vicissitudes* Freud (1915/1996) se dispõe a aprofundar sua compreensão da relação entre o autoerotismo e o narcisismo. Para tal, examina os pares de opostos e também as polaridades presentes na vida psíquica, nas quais se opõem o Sujeito (Eu) e o objeto (mundo exterior), o prazer e o desprazer, e também o ativo e o passivo.

A respeito da primeira oposição listada, entre o *Eu* e o não-*Eu*, Freud (1915/1996) afirma que ela já é imposta ao indivíduo desde o início da vida⁶, retomando novamente a importância da distinção entre os estímulos externos e os estímulos pulsionais para tal, lembrando-nos que tal distinção se dá a partir da experiência do indivíduo que pode silenciar estímulos externos enquanto é indefeso diante dos estímulos pulsionais.

A teoria freudiana apresentada indica que em uma situação psíquica inicial duas das polaridades acima mencionadas coincidem. Freud (1915/1996) afirma que nessa situação inicial o *Eu* se acha tomado por pulsões e é capaz de em parte satisfazer essas pulsões em si mesmo, nomeando esse estado de narcisismo e essa maneira de obter satisfação de autoerótica.

Ainda nesse trecho de seu texto, Freud faz referência ao período inicial durante o qual o indivíduo é inerte e necessita de cuidados, tendo suas necessidades satisfeitas por um agente externo, de maneira que não se tornem maiores. Assim, podemos salientar que novamente a teoria freudiana nos remete a um período muito primitivo da vida no qual é evidente a importância do outro na satisfação das necessidades iniciais, que, como vimos, são modulares para as demais satisfações almejadas ao longo da vida.

Interessante destacar que Freud (1915/1996) também discorre sobre a possibilidade da existência de um 'Eu da realidade original' que irá, sob a influência do princípio de prazer, transformar-se em um 'Eu do prazer', a partir da existência de impulsos libidinais autoeróticos. Freud destaca que a emergência deste 'Eu do prazer' será possibilitada justamente pelo prolongamento do estado de narcisismo primário a partir dos cuidados dos pais para com a criança, que têm satisfeitos os instintos autopreservativos, postergando o estabelecimento de um "Eu da realidade adulto final" (FREUD, 1915/1996, p.140).

⁶ Aqui compreendemos que Freud apresenta tal ideia a partir do ponto de vista do observador, que identifica tal distinção antes mesmo dela ser gradativamente construída pelo bebê.

Entendemos essa distinção realizada por Freud, que indica que o 'Eu da realidade' inicial seria transformado em um 'Eu do prazer', através dos cuidados dos pais, como outro ponto fecundo para um diálogo com os estudos winnicottianos acerca do desenvolvimento emocional, visto que o psicanalista inglês atribui papel de destaque ao ambiente nesse processo, que será amplamente abordado no capítulo seguinte dessa dissertação.

É possível conjecturarmos que esse 'Eu da realidade' inicial estaria vinculado às necessidades vitais e que, apesar de não haver a distinção entre o mundo interno e o mundo externo pelo bebê em um momento tão primário de seu desenvolvimento, a realidade já imprimiria seus efeitos, exigindo o atendimento de suas necessidades prementes. Assim, aos poucos e pela ação do outro, geralmente representado pela mãe ou quem exerce suas funções, essas necessidades da realidade se desviariam do campo biológico e seriam demarcadas pela erogenização do corpo.

Tais conjecturas nos indicam, mais uma vez, que a pulsão tem seu delineamento a partir do outro e da relação possível de ser estabelecida com ele, ou seja, é através do cuidado que o prazer seria demarcado e por meio dos investimentos parentais que as necessidades pulsionais poderiam tomar seu lugar na economia psíquica do sujeito, sendo-lhe possível postergar a lida com as imposições do mundo externo para uma etapa posterior de seu desenvolvimento.

Para Freud (1915/1996), neste momento primitivo da constituição psíquica o mundo externo não estaria investido de interesse para satisfação pulsional, pois, o *Eu*-sujeito coincidiria com tudo o que é prazeroso enquanto o mundo externo lhe seria indiferente e até mesmo associado ao desprazer por ser fonte de estímulos.

Assim, Freud (1915/1996) elucida mais uma vez que inicialmente o *Eu* é autoerótico e não tem necessidade do mundo exterior, e acrescenta que seria devido às experiências das pulsões de autoconservação que o *Eu* adquiriria objetos do mundo externo. A teorização freudiana postula que os objetos externos oferecidos ao *Eu* podem representar fontes de prazer e que, se assim o forem, são recolhidos por ele, que os introjeta em si, assim como expelle de si o que em seu próprio interior seja motivo de desprazer, sendo importante reconhecermos que por vezes as moções pulsionais seriam sentidas como desprazerosas pelo indivíduo.

Dito de outra maneira, Freud (1915/1996) observa relação desse funcionamento do *Eu* com os mecanismos de incorporação presentes na fase oral

canibalesca e descreve esse desenvolvimento de um 'Eu-real inicial' para um 'Eu-prazer', através da afirmação de que o *Eu* toma para si a parte prazerosa do mundo externo, direcionando ao externo também aquilo de si que identificou com o desprazer, superpondo assim as polaridades do 'Eu-sujeito' com o prazer e do 'Mundo-exterior' com o desprazer.

Verificamos que posteriormente tal mecanismo egóico será relacionado por Freud (1925/1996) à função de julgamento. Em seu texto *A Negativa*, Freud (1925/1996) discorre sobre tal função, indicando-nos que a ela compete verificar a existência real de algo que possui uma representação. O referido autor pontua ainda que o papel de tal verificação extrapola o fato de saber se a percepção obtida será integrada ao *Eu* e se direciona muito mais para saber se algo que já está no *Eu* como representação pode também ser redescoberto na realidade sob a forma de percepção.

Dessa forma, Freud aborda mais uma vez a problemática da distinção entre o interno e o externo, afirmando que o que é uma mera representação é subjetivo, interno, e diferenciar-se-ia do que é real e "está também lá fora" (FREUD, 1925/1996, p.267). Tal diferenciação representa uma evolução no funcionamento psíquico uma vez que, pelo fato das representações serem originadas das percepções e serem repetições destas, originalmente a existência de uma representação garantia a realidade daquilo que estava sendo representado. Tal questão demonstra novamente que a antítese entre o objetivo e o subjetivo não estava estabelecida desde o início.

Importante ressaltar que de acordo com a teoria freudiana essa antítese se constrói a partir da possibilidade desencadeada pelo pensar, que traz diante da mente algo que foi percebido anteriormente, mesmo que o objeto externo não esteja mais lá. Ainda a esse respeito, Freud (1925/1996) acrescenta que o objetivo do teste de realidade seria reencontrar na percepção real o objeto correspondente ao representado.

Novamente aqui podemos verificar que o objeto encontrado está relacionado a um reencontro desta percepção originária da representação inicial que, de acordo com o que apresentamos anteriormente, seria o seio da mãe, sendo também importante verificar que uma condição para que este movimento em direção a um reencontro ocorra seria justamente a de que o objeto inicial tivesse sido perdido, tal como afirma Freud (1925/1996).

Freud (1915/1996) indica ainda que no momento em que a etapa narcísica inicial dá lugar à etapa objetual é que a polaridade prazer-desprazer passa a significar as relações do *Eu* com o objeto. Ao considerar que, se o objeto for fonte de situações prazerosas haverá uma tendência para trazer o objeto ao *Eu* e incorporá-lo, Freud observa a atração que o objeto fonte de prazer exerce, levando o indivíduo a amá-lo. Tal ideia freudiana pode ser relacionada ao protótipo de relação indicado por ele como a relação do bebê e sua ama, que representaria a primeira relação objetual estabelecida, conforme apresentamos detalhadamente no item 2.5.

Ainda com relação ao amor, Freud (1915/1996) nos indica nesse ponto de sua obra que tal relação estaria reservada ao *Eu*-total e seus objetos, sendo possível considerar apenas etapas preliminares do amar em fases iniciais do desenvolvimento psíquico, nas quais emergiriam as metas sexuais provisórias, como o incorporar e o devorar, por exemplo, que Freud (1915/1996) compara a um amor compatível com a abolição da existência separada do objeto. O texto freudiano também faz referência ao amor como derivado da capacidade do *Eu* para satisfazer auto eroticamente uma parte de seus impulsos sexuais, através da obtenção de prazer do órgão.

Assim, Freud (1915/1996) define o amor como originalmente narcísico, considerando que depois passaria aos objetos que foram incorporados ao *Eu* e então seria ampliado, através da procura do *Eu* por esses objetos como fontes de prazer.

Freud (1915/1996) indica que a procura pelo objeto surge na organização sádico-anal, sob a forma de impulso de apoderamento, que não se importa se o objeto é aniquilado ou danificado, elucidando como nessa fase o amor e o ódio ainda não se distinguem, e que tal distinção só irá ocorrer com o estabelecimento da função genital.

Após acompanharmos o percurso realizado pelo indivíduo do autoerotismo à procura por objeto, tal como proposto por Freud, resta-nos um aprofundamento no movimento demonstrado pelo *Eu*, que indica uma tendência inicial de incorporar, devorar o objeto que lhe satisfaz. Consideramos válido indicar que tal modo de relação inicial impiedosa com o objeto também será postulado por Winnicott, conforme apresentaremos na sequência, no subcapítulo 3.4.4.

2.7 A AGRESSIVIDADE E A IDENTIFICAÇÃO

Inicialmente consideramos fundamental destacarmos que, em suas formulações respectivas à segunda tópica Freud (1930[1929]/1996) afirma que a agressividade constitui a base para toda a relação de afeto e amor entre as pessoas. Podemos também observar que, desde seus primeiros escritos, Freud (1905/1996) já identifica um componente sádico no instinto sexual.

Ainda que considere a existência da pulsão de vida e da pulsão de morte amalgamadas no indivíduo, Freud (1920/1996) relaciona a polaridade inerente ao amor objetual, que se estabelece entre o amor e o ódio, àquela que verifica entre os dois grupos pulsionais. Posteriormente, o referido autor reafirma tal posicionamento, quando postula em *O Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]/1996) que as pulsões nunca estão isoladas e sim mescladas em proporções variadas, indicando que o sadismo e o masoquismo estão unidos à sexualidade.

Diante de suas constatações acerca da existência de uma pulsão que se relaciona com a polaridade do ódio presente no amor objetual, Freud (1920/1996) conjectura que a pulsão de morte teria sido expulsa do *Eu* pela libido narcisista, emergindo desta forma em relação ao objeto. Para tal análise, Freud (1920/1996) recorre novamente às suas formulações respectivas à fase oral, na qual, conforme vimos anteriormente, o ato de obtenção de domínio erótico sob o objeto coincide com a destruição desse mesmo objeto.

Tal fato nos direciona para uma interrogação mais aprofundada a respeito do que ocorreria na fase oral, na qual as distinções entre amor e ódio, amorosidade e agressividade, se encontram tão amalgamadas, tal como a teoria freudiana postula que ocorre ao longo da vida.

Ressaltamos que, já em seu texto intitulado *Totem e Tabu*, Freud (1913[1912-13]/1996) pondera a origem dessa ambivalência e, além de apreciar a possibilidade de que seja um fenômeno fundamental da vida emocional, considera também que ela pode não ter existido desde o início da vida emocional, mas teria sido adquirida em conexão com o complexo parental.

Salientamos que apesar de reconhecermos que tal ponderação freudiana se expressa em um momento anterior a sua formulação do conceito de pulsão de morte, que lhe permitiu pensar a ambivalência como primária, ele se mostra

importante por nos indicar que a própria pulsão só pode emergir no seio de uma relação primitiva, posto que uma das funções maternas seria de, como assinalamos acima, erotizar a satisfação das necessidades vitais, nos auxiliando a compreender que nem mesmo as pulsões, tão fundamentais para a constituição psíquica, são dadas *a priori*.

Ainda visando compreender a questão da ambivalência, recorreremos a Freud (1921/1996) que descreve a identificação como a mais antiga manifestação de uma ligação afetiva a outra pessoa, sendo que no texto em questão o referido autor também ressalta que essa ligação desde seu início tem o caráter ambivalente. Freud (1921/1996) associa esse caráter da identificação ao fato de compreendê-la novamente como derivada da primeira fase da organização da libido, a fase oral, na qual o indivíduo incorporou o objeto, comendo-o e, assim, aniquilando-o como objeto.

Guiados pelos escritos de Freud, nos questionamos sobre como seria possível compreender os pormenores desse ato de incorporação e aniquilação do objeto, e Freud (1913[1912-13]/1996) nos indica que os motivos mais elevados para o canibalismo entre os povos primitivos se originam na afinidade, uma vez que tais povos consideram que, ao incorporar partes do corpo de uma pessoa pelo ato de comer, adquirirão as qualidades possuídas por ela.

Ainda com base no artigo acima mencionado, podemos destacar a observação do autor de que há uma completa identificação dos povos primitivos com o animal totêmico e que, ainda assim, pode ser verificada uma atitude emocional ambivalente para com ele. Tal afirmação nos ensina que o caráter de ambivalência estaria presente já em um momento muito inicial do desenvolvimento psíquico e do estabelecimento de relações objetais.

Podemos localizar em outro texto freudiano, *Luto e Melancolia* (1917 [1915]) a referência à ambivalência como algo já presente em um momento da vida do indivíduo anterior ao estabelecimento das relações objetais propriamente ditas. No referido texto, ao investigar a maneira pela qual o investimento objetal regride a uma identificação narcísica ao mesmo tempo em que é remetido de volta à etapa do sadismo em decorrência do conflito da ambivalência, Freud (1917[1915]/1996) situa a identificação como uma etapa preliminar da escolha de objeto, considerando que teria uma expressão ambivalente e seria a primeira modalidade pela qual o *Eu* distingue um objeto.

Posteriormente, a formulação sobre identificação é retomada e Freud (1921/1996) reafirma que ela precede a catexia objetal, distinguindo-se desta, ainda que mantenha sua conexão com a fase oral da organização libidinal. Freud (1923/1996) assinala mais uma vez a característica da fase oral, na qual o investimento objetal e a identificação não se distinguiriam um do outro, destacando que os efeitos dessas identificações originais seriam duradouros.

Tal constatação é sustentada por Freud (1923/1996) através da afirmação de que a identificação com os pais não seria uma consequência de uma catexia objetal e sim um fenômeno direto e imediato que seria verificado anteriormente a qualquer catexia objetal. Convém destacarmos a importância dessa formulação freudiana para que possamos compreender o conceito de identificação primária amplamente discutido por Winnicott, conforme apresentaremos no item 3.4.2.

Consideramos de extrema valia para nossa reflexão acerca das formulações freudianas sobre a identificação, em especial por representar uma ponte que pode ser realizada com a teoria de Winnicott sobre essa questão, as ponderações de Freud (1941[1938]/1996) sobre a forma como a criança expressa um modo de relação de objeto através da identificação, vejamos:

As crianças gostam de expressar uma relação de objeto por uma identificação: 'Eu sou o objeto.' 'Ter' é o mais tardio dos dois; após a perda do objeto, ele recai para 'ser'. Exemplo: o seio. 'O seio é uma parte de mim, eu sou o seio.' Só mais tarde: 'Eu o tenho' – isto é, 'eu não sou ele'... (FREUD, 1941[1938], p. 317).

Tais postulados nos possibilitam compreender que de maneira paradoxal a identificação já inclui de forma sutil um modo de relação com os objetos, sendo possível inclusive conjecturar que ela seria uma relação muito primitiva, que ainda não contaria com a diferenciação *Eu/ não-Eu*, restando-nos uma investigação mais detalhada acerca da maneira pela qual a catexia se direcionaria aos objetos. Podemos afirmar que a respeito da relação de um *Eu* ainda frágil com os objetos, Freud (1923/1996) nos indica que, ao tomar conhecimento dos investimentos objetais, o *Eu* pode aprová-los ou afastá-los. Ainda a esse respeito o referido autor chama nossa atenção para o fato de que, no caso de um abandono do objeto sexual, pode haver uma alteração no *Eu* relacionada ao estabelecimento deste objeto no *Eu*, tal como ocorre na melancolia e também na introjeção inicial do objeto realizada por este *Eu* ainda em formação.

A importância de tal formulação é a de que ela leva Freud (1923/1996) a hipotetizar que a identificação poderia ser a condição sob a qual o *Eu* abandonaria os objetos, tão frequente no desenvolvimento psíquico. Dessa forma, o referido autor justifica a concepção de que o *Eu* seria um precipitado dos investimentos objetivos efetuados e abandonados, ou seja, a constituição do *Eu* contém as histórias destas escolhas e abandonos de objetos. Assim, inicialmente o *Eu* introjeta o objeto para que possa paradoxalmente e de forma gradativa relacionar-se com ele como um objeto externo.

Convém destacarmos que tais ponderações freudianas ecoam sobre o pensamento winnicottiano, visto que Winnicott se debruça sobre este paradoxo para compreender as diferentes maneiras com que o *Eu* se relaciona com os objetos, com especial ênfase à concepção de objeto subjetivo, objeto objetivamente percebido e objeto transicional, noções que serão apresentadas no próximo capítulo da dissertação.

Pudemos verificar que na obra freudiana, o *Eu*, além de marcado por introjeções de objetos sexuais incorporados/abandonados, também é referenciado como sede da angústia e desta maneira constatamos mais uma vez a importância de seu detalhado estudo para que possamos também identificar o lugar da angústia na constituição psíquica e seus fundamentos.

Em *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/1996) fornece indícios da relação existente entre a angústia infantil e a falta que a criança sente da pessoa amada e considera também que a tendência ao estado de angústia está presente em crianças com uma pulsão sexual desmedida, prematuramente desenvolvida ou decorrente de mimos excessivos.

Interessante destacarmos que no início de sua obra, Freud (1905/1996) assinala que a criança transforma a libido em angústia na medida em que não pode satisfazê-la. O referido autor observa que tal mecanismo seria repetido por adultos que, diante da libido insatisfeita, comportam-se como crianças em sua angústia.

Dessa maneira, consideramos imperativo o estudo da angústia, suas origens e desdobramentos, especialmente a partir da relação que pode ser estabelecida com a mãe e sua função em uma etapa preliminar da vida do indivíduo. Como indicamos anteriormente, a função dos cuidados maternos para o desenvolvimento emocional do indivíduo será minuciosamente trabalhada por Winnicott em sua obra, desta forma, a compreensão dos postulados dos referidos autores se mostra de

grande valia para nossa prática diária no NIAPVIJ visto que nos auxilia a refletir sobre as condições necessárias para o (re)estabelecimento de um ambiente que possibilite a emergência de um indivíduo e de relações objetais.

2.8 A ANGÚSTIA INFANTIL E O FUNCIONAMENTO PSÍQUICO

Visando melhor compreender esses momentos iniciais da vida do indivíduo, destacamos a afirmação de Freud (1926[1925]/1996) de que a experiência do nascimento apresentaria uma relação com a angústia entendida como uma resposta frente a um perigo, constatação que o leva a tentar desvendar a maneira como essa relação se estabeleceria.

Para bem analisarmos essa questão devemos ter claro que, de acordo com Freud (1926 [1925]/1996), mesmo que possamos compreender o ato do nascimento como uma separação do bebê de sua mãe, essa não pode ter sido experienciada subjetivamente pelo bebê como tal, uma vez que descreve o feto como uma criatura que estaria naquele momento ainda alheia a sua existência como um sujeito e até mesmo como um objeto.

Ponderamos aqui que, para uma melhor compreensão do nascimento e sua função como protótipo da experiência de angústia, é necessário situar que para Freud (1926 [1925]/1996) a angústia surgiu inicialmente como uma reação a uma situação de perigo e que ela se reproduz sempre que esse estado se repete. Tal estado, conforme descreve o referido autor, se caracterizaria por acentuado desprazer, com atos de descarga que ocorrem por trilhas específicas, o que o indica que este estado afetivo se faz acompanhar de sensações físicas mais ou menos definidas, tais como aquelas vinculadas aos órgãos respiratórios e ao coração.

Encontramos, então, referência à angústia como sendo a reprodução de uma experiência que anteriormente tinha as condições necessárias para o aumento da excitação e que realizou sua descarga. Tal situação inicial é relacionada por Freud (1926 [1925]/1996) como o ato do nascimento, que é visto como o estado original da angústia, no qual as reações físicas que comumente acompanham a angústia tinham razão de ser.

Freud (1926 [1925]/1996) exemplifica que no nascimento a inervação dirigida para os órgãos respiratórios provavelmente tinha finalidade, uma vez que possivelmente estava preparando o caminho para a atividade dos pulmões e que ao acirrar as pulsações do coração estivesse ajudando a manter o sangue isento de substâncias tóxicas. Postula, também, que nem sempre que tal mecanismo é repetido tais reações são adequadas, levando-o a formular mais explicitamente o que é considerado pelo aparelho psíquico como um perigo.

Ao afirmar que no nascimento não há qualquer perigo de conteúdo psíquico, Freud (1926 [1925]/1996) novamente reconhece que o feto não tem o discernimento de que sua vida pode ser destruída, estando apenas sujeito à percepção de uma perturbação na economia de sua libido narcísica, face às grandes somas de excitação que ali se acumulam.

Tal observação freudiana nos é de suma relevância uma vez que indica que há a necessidade de que algo ocorra para que tal discernimento seja conquistado pelo indivíduo, possibilitando-nos hipotetizar que tal conquista se dá em íntima relação com os cuidados iniciais recebidos por este indivíduo ainda desprovido de recursos próprios para lidar com o desprazer ao qual é exposto desde tão tenra idade.

Frisamos a importância da ponderação freudiana de que inicialmente tal afeto estaria muito além da perda de um objeto e destacamos que para sustentar sua proposição, Freud (1926 [1925]/1996) afirma que a criança de colo, baseada em suas experiências, deseja perceber a presença da mãe por saber que ela satisfaz suas necessidades sem delongas, indicando que a situação de perigo para a qual deseja proteção se situaria além da perda de objeto, e estaria relacionada a não satisfação de uma crescente tensão decorrente da necessidade, contra a qual ainda é indefesa, tal como ocorreu analogamente na situação do nascimento.

Tal postulado freudiano representa uma importante via de diálogo com a teoria winnicottiana que apresentaremos a seguir, visto que demarca a importância dos cuidados maternos na satisfação das necessidades iniciais que seriam anteriores às necessidades inerentes às relações objetais.

De acordo com Freud, apenas posteriormente, quando a criança houver descoberto pela experiência que um objeto externo pode pôr fim a situação de perigo que lhe remete ao nascimento, haverá o deslocamento da situação econômica do perigo temido para a condição que determinou tal situação, a saber, a

perda do objeto. Consideramos válida a constatação de Freud (1926[1925]/1996), que observa que a ausência da mãe seria entendida como um perigo ao qual a criança reage com um sinal de angústia, e que isso ocorreria antes mesmo que o perigo propriamente dito, o da não satisfação de suas necessidades, se estabeleça.

Freud (1926 [1925]/1996) ressalta esta mudança, do aparecimento automático e involuntário da angústia para a emissão intencional da angústia como um sinal de perigo, como o primeiro grande passo à frente na providência adotada pela criança na sua autopreservação.

O referido autor faz a ressalva de que a semelhança encontrada na angústia do bebê e da criança de colo está condicionada pela separação da mãe e que tal fato não necessita de explicações psicológicas, direcionando sua explanação para a observação de que originalmente a mãe satisfaz as necessidades do feto através de seu corpo, dando continuidade a tal satisfação, embora parcialmente e por outros meios, também após o nascimento.

Desta forma, Freud (1926 [1925]/1996) conclui que com o passar do tempo a situação biológica da criança como feto é substituída para ela por uma relação psíquica de objeto com sua mãe, indicando que, apesar da mãe ser um objeto para o feto durante a vida intrauterina, não havia naquele momento qualquer percepção de objetos.

Uma importante observação a ser realizada é que tais reflexões freudianas só se tornaram possíveis a partir de uma reformulação da concepção do funcionamento e organização do psiquismo, a partir da qual o *Eu*, reconhecido anteriormente como a sede da angústia, é também identificado como uma parte diferenciada do *Id*, justificando assim a existência de tal afeto mesmo antes do estabelecimento do *Eu* como uma instância diferenciada.

Uma vez que a angústia foi situada como uma reação a um perigo, sendo manifestada inclusive como um sinal frente à possibilidade de repetição de tal situação de perigo, faz-se necessário destacar que Freud (1926[1925]/1996) indica que o progresso da criança em seu desenvolvimento, sua independência gradativa e a divisão mais demarcada de seu aparelho mental em diferentes instâncias que são acompanhadas pela emergência de novas necessidades, instauram novas situações de perigo com as quais se defronta o indivíduo, que mesmo assim, podem coexistir com as mais antigas e podem atuar simultaneamente, em especial na causação das neuroses.

Ao listar os fatores que desempenham um papel na constituição da neurose, Freud (1926[1925]/1996) apresenta ao lado dos fatores psicológicos e filogenéticos o fator biológico, o qual daremos especial destaque em nossa investigação, visto que é na apresentação desse fator que Freud situa inicialmente a questão do desamparo do indivíduo.

Segundo Freud, é importante observar o longo período em que o indivíduo se encontra em “condições de desamparo e *dependência*⁷” (FREUD, 1926[1925]/1996, p.151), cabendo-nos notar que, devido a curta existência intrauterina, o indivíduo é lançado ao mundo em um estado menos acabado, estando sujeito a uma forte influência do mundo real, o que de acordo com suas observações irá ocasionar uma diferenciação inicial entre o *Eu* e o *Id*.

Ainda em decorrência da inicial imaturidade do indivíduo, Freud (1926 [1925]/1996) afirma que os perigos do mundo externo terão grande importância, sendo que por esse motivo o objeto que lhe protege contra tais perigos seria altamente catexizado. Desta maneira, a teoria psicanalítica situa o fator biológico de imaturidade como aquele que estabelece as primeiras situações de perigo, indicando que seria inicialmente derivada desse fato a necessidade do sujeito de ser amado, que irá lhe acompanhar ao longo de sua vida.

Realçamos a importância de compreendermos que ao situar o nascimento como uma situação de angústia, Freud não necessariamente atribui a esse momento uma característica de trauma, inclusive porque, como ele bem situa, não haveria a percepção por parte do bebê acerca da magnitude desse momento.

Dessa forma, nos é possível afirmar que, ainda que a angústia seja considerada por Freud como fundamental para a constituição psíquica, visto que se instaura em um momento muito primitivo do desenvolvimento, e que seus efeitos seriam derradeiros sobre o indivíduo, ela só pode ser compreendida em relação aos cuidados iniciais que são providos a esse bebê em uma etapa tão primitiva.

Tal concepção nos indica novamente a possibilidade de conjecturarmos que haveria um desamparo inicial relativo, que apenas seria sentido como tal caso o ambiente não exerça sua função de forma satisfatória. Convém destacarmos que, de acordo com Winnicott, essa modulação inicial dos estímulos estaria relacionada às

⁷ Itálico nosso. Tal formulação freudiana nos indica a possibilidade de pensar este estado inicial em que se encontra o indivíduo também a partir da noção de dependência absoluta, proposta por Winnicott.

funções desempenhadas pela mãe, que pode por sua vez propiciar sustentação à vida do bebê ou não, tal como apresentaremos no capítulo 3.

Salientamos ainda que tais reflexões se mostram indispensáveis para nossa prática diária, que, como apresentamos anteriormente, é realizada com crianças que são encaminhados para nosso acompanhamento diante da possibilidade de estarem inseridas em um ambiente precário, tal como discutiremos ao longo do capítulo 4.



ILUSTRAÇÃO 2 - Albuquerque, L. **Mãe Preta**, 1912. Óleo sobre tela, 180 cmX 130 cm. Museu de Belas Artes da Bahia, Salvador, Brasil.

3. O AMBIENTE E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL - FORMULAÇÕES WINNICOTTIANAS

Ao tratar de questões relativas ao desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott (1956/2000) propõe uma ampliação da compreensão da vida do bebê, indicando que ela não se inicia apenas com as experiências instintivas orais ou com a emergência da relação objetal a partir destas experiências instintivas. Ainda a esse respeito, o psicanalista inglês apresenta reiteradas vezes sua tese de que existe entre o bebê e sua mãe um relacionamento vitalmente importante e que este seria anterior, paralelo e entremeado à relação objetal originada a partir da experiência instintiva (WINNICOTT, 1952a/2000, 1956/2000, 1960a/2011, 1960b/1983).

De acordo com Winnicott (1962b/1983), o desenvolvimento emocional possui dois estágios essenciais: o desenvolvimento em termos de vida instintiva e de relações objetais e o desenvolvimento em termos de estrutura da personalidade, que existiria para lidar com os impulsos instintivos e relações objetais que os tem como base. O referido autor destaca que, enquanto o desenvolvimento instintual segue seu curso, para que possa ser melhor discutida a provisão ambiental, é fundamental a compreensão do desenvolvimento da estrutura da personalidade, visto que a provisão facilita as tendências inatas da criança.

Dessa forma, neste capítulo nos propomos a apresentar as principais ideias winnicottianas acerca da participação do ambiente no processo de desenvolvimento emocional, cujos estágios não assumem o status de conquistas permanentes na vida do indivíduo, podendo ser encontrados sobrepostos ao longo de toda sua existência. Tomaremos como fio condutor de nossa caminhada a formulação primorosa de Winnicott de que o ambiente possui um papel basal nesse processo, e desenvolveremos algumas das ramificações que consideramos fundamentais para a compreensão do valor atribuído aos cuidados maternos, em especial no que se refere ao modo como estes propiciariam condições para a emergência de relações objetais.

Para tal, abordaremos o ambiente inicial em que se encontra o indivíduo e o trajeto realizado pelo bebê⁸ de um estado de dependência absoluta ao ambiente, ao nascer, rumo à independência, transitando pela dependência relativa. Posteriormente trabalharemos questões referentes ao relacionamento com objetos, que estão intrinsecamente relacionados ao modo pelo qual a comunicação mãe-bebê vai sendo estabelecida a partir de uma experiência de mutualidade em um espaço transicional.

3.1 A EXPERIÊNCIA DO NASCIMENTO – O INÍCIO?

Conforme vimos no capítulo anterior, Freud propõe uma reflexão sobre o papel da experiência do nascimento na constituição psíquica, tomando-a como paradigma de uma vivência primitiva que acomete o bebê sem que ele seja capaz de organizá-la sozinho, destacando a necessidade da mãe⁹ para que possa fazê-lo. Visando dar continuidade a essa proposta, apresentamos a seguir as considerações winnicottianas a esse respeito, em especial por considerarmos que assim também poderemos dar início à investigação planejada para este capítulo.

Ao comentar as formulações freudianas acerca da angústia do nascimento, Winnicott (1949/2000) destaca que lhe é evidente que para Freud a experiência do nascimento era importante do ponto de vista do indivíduo e pondera que para uma análise mais aprofundada do tema faltou a Freud certos dados essenciais. Tal observação nos permite conjecturar que Winnicott estaria se referindo à compreensão do desenvolvimento emocional primitivo que o psicanalista inglês

⁸ Diante das possibilidades propostas pelas variadas traduções das obras winnicottianas para o português, ao longo desta dissertação faremos uso das palavras infante, lactente e bebê como sinônimos, no sentido proposto por Winnicott (1960a/2011), para se referir à criança muito nova, que não ainda não faz uso da fala e depende do cuidado materno que, por sua vez, é baseado na empatia materna.

⁹ Consideramos válido destacar que ao nos referirmos à importância atribuída à mãe pela teoria Winnicottiana, compreendemos que ela não se limita à pessoa da mãe, mas às suas funções, e se relaciona intimamente a alguém com a disponibilidade para se dedicar à causa da criação do filho, em especial no que se refere à propensão de apresentar o estado de *preocupação materna primária*, conforme apresentaremos detalhadamente no item 3.3 deste capítulo. No item 4.2 a proposta de ultrapassarmos a determinação biologicista que tal termo inicialmente poderia causar será debatida.

desenvolveu em um momento posterior a partir do atendimento de pacientes gravemente regredidos e crianças.

Em suas formulações acerca do primeiro ano de vida, Winnicott (1958b/2011) afirma que muita coisa acontece nesse período e assevera que o desenvolvimento emocional teria seu lugar desde o princípio, frisando que seria impossível ignorar os acontecimentos dos primeiros dias e horas de vida, incluindo também o estágio pré-natal e a experiência do nascimento.

Winnicott (1949/2000) chama nossa atenção para que reconheçamos que as experiências intrauterinas e do nascimento ocorrem dentro do contexto de um ambiente, indicando-nos que a vivência do nascimento não pode ser considerada isoladamente, porque já haveria outras dimensões a serem levadas em conta nessa etapa inicial.

Assim, podemos considerar que ele acrescenta a questão da adaptação ambiental à tão importante reflexão acerca da experiência do nascimento que, como pudemos depreender, a partir de suas formulações e em consonância com o disposto por Freud, não são compreendidas como necessariamente traumáticas. Winnicott acrescenta que essas experiências podem, inclusive, serem boas e contribuir para o fortalecimento egóico, relacionando essa possibilidade a uma adequada provisão ambiental.

Winnicott (1949/2000) vai além e afirma que não vê justificativa alguma para que seja considerado que no processo de nascimento haveria *essencialmente* uma situação de desamparo. É possível compreender essa afirmação a partir de sua tese de que, no início, o bebê não pode ser visto como separado do ambiente, e sim, como formando com ele um conjunto denominado *ambiente-indivíduo*, no qual o ambiente lhe apresentaria o suporte e o manejo adequados de modo a não o deixar desamparado.

Consideramos válido lembrar que ao discorrer a respeito desse momento muito primitivo da constituição psíquica, Freud (1915/2010, p.54) se refere a um *ser quase totalmente desamparado*, prestando tributo à importância do cuidado materno, assim como Winnicott o faz.

Outro dos paradoxos observados por Winnicott (1960b/1983) é o de que no ambiente inicial o que é bom ou mau não é uma projeção do bebê, mas precisa parecer assim para que o bebê possa ter um desenvolvimento saudável. Tal paradoxo é relacionado pelo psicanalista inglês à onipotência e ao princípio de

prazer que estariam em operação desde a mais tenra infância. Dessa forma, foi-lhe possível concluir que a diferenciação de um não-*Eu* seria uma questão do intelecto, que pertence à maturidade do indivíduo.

Interessante mencionarmos que aqui encontramos outras semelhanças entre a formulação winnicottiana e as ideias de Freud apresentadas no capítulo anterior, especialmente no que diz respeito à participação do intelecto na diferenciação *Eu/não Eu*. Como vimos, para Freud o pensamento emergiria como um sistema que substituiria a satisfação alucinatória do desejo, promovendo modificações concretas na realidade para obtenção de satisfação, delineando um contorno para o mundo externo e conseqüentemente para o *Eu*.

Cabe ressaltar, igualmente, que, de acordo com a teoria winnicottiana, esse conjunto ambiente-indivíduo já teria seu início antes mesmo do nascimento, e que haveria um estado de *ser* que pertenceria ao bebê, e não ao observador, no período anterior ao nascimento e logo depois. Para o psicanalista inglês, a *continuidade de ser* indicaria saúde e a mudança do centro de gravidade do *ser* para a parte da unidade que identificamos como o “bebê” seria uma conquista do desenvolvimento emocional saudável. Veremos na sequência algumas especificidades desse conjunto primitivo.

3.2 A UNIDADE AMBIENTE-INDIVÍDUO

As contínuas referências da teoria winnicottiana ao ambiente atestam que haveria algo denominado ambiente suficientemente bom que possibilitaria ao bebê alcançar as vivências pertinentes a cada etapa de seu desenvolvimento, ponderando também que existiria o ambiente não suficientemente bom que distorceria o desenvolvimento do bebê (WINNICOTT, 1956/2000).

Inicialmente, cabe-nos, portanto, definir o que pode ser entendido como *ambiente* sob a perspectiva winnicottiana e, para tal, recorreremos a Abram (2000) que destaca que o primeiro ambiente que se constitui para o bebê é a mãe, realçando que, no princípio, ambos estão fundidos em uma unidade que poderia ser denominada ambiente-indivíduo.

Ao afirmar enfaticamente “isso que chamam de bebê não existe” (Winnicott, 1952a/2000, p.165), Winnicott chama atenção para o fato de que ao observarmos um bebê não o encontraremos sozinho e, sim, associado a alguém que dele cuida, atestando mais uma vez que o que existe no início está além do indivíduo e corresponde à unidade ambiente-indivíduo.

Com esta observação, Winnicott situa como as coisas seriam antes de serem estabelecidas as relações de objeto e, a partir de sua teoria, nos é possível compreender que muito já aconteceu no desenvolvimento emocional do indivíduo antes que ele se torne capaz, ou não, de estabelecer relações objetais, que serão vivenciadas de modos sempre singulares.

É de fundamental importância mencionarmos que, para Winnicott (1963a/1983), a adaptação dos processos de maturação da criança é algo extremamente complexo, que traz exigências aos pais, salientando que, paradoxalmente, no início a mãe seria o ambiente favorável, mas que “ela necessita de apoio a esta época, que é melhor dado pelo pai da criança (digamos seu esposo), por sua mãe, pela família e ambiente social imediato” (WINNICOTT, 1963a/1983, p. 81). Dessa forma, podemos compreender que, ainda que o psicanalista inglês relacione a mãe a esse ambiente inicial, explicita que ela não se encontra só e necessita do apoio externo para que possa exercer tão importante função.

Ainda a esse respeito, Winnicott (1962b/1983) afirma que seria esse apoio que protegeria a mãe da realidade exterior e a capacitaria para proteger o filho de fenômenos externos imprevisíveis que poderiam levar a criança a produzir uma reação, como defesa, o que poderia prejudicar seus processos de integração.

Ao escolhermos tratar do conjunto ambiente-indivíduo, que como vimos se refere à unidade mãe-bebê, ao mesmo tempo em que vai além desta, declaramos aceitar o convite feito por Winnicott (1960b/1983) para que não apenas reconheçamos que o ambiente é importante, mas que compreendamos que nos estágios iniciais o infante e o cuidado materno pertencem um ao outro, não podendo ser concebidos separadamente.

Acreditamos que também seja fundamental levarmos em conta a ressalva de Winnicott (1954/1971) ao informar que ao concebermos o conjunto ambiente-indivíduo não haveria a necessidade de mencionarmos o ambiente como o conhecemos, porque o indivíduo, nesse momento de seu desenvolvimento

emocional, ainda não reuniria as condições necessárias para percebê-lo como tal. Destacamos ainda, a formulação winnicottiana de que nesse momento de desenvolvimento, não se poderia, inclusive, conceber a existência de um indivíduo, posto que este ainda não se encontraria ali, na medida em que o indivíduo não está separado do aspecto ambiental da unidade total.

Dessa forma, Winnicott (1954-1971/1990) explica que quando a adaptação ativa do ambiente às necessidades do bebê se processa de uma maneira quase perfeita, é o movimento do próprio indivíduo que faz com que o ambiente seja descoberto, ainda que o bebê não tome consciência do ambiente como tal imediatamente. Nesse sentido, seriam as repetições desse movimento de descoberta espontânea e pessoal que se transformariam em padrões de relacionamento, através de um acúmulo de experiências que parece fazer parte da vida de um modo real. Convém destacarmos que, conforme indicamos no capítulo anterior, a motilidade é tomada também por Freud como uma das demarcadoras da distinção entre interno e externo.

Por outro lado, quando a adaptação do ambiente às necessidades do bebê é falha e o padrão de relacionamento está baseado no ambiente e não no bebê, ao indivíduo caberia apenas reagir a essa intrusão ambiental que é imprevisível e que não está relacionada ao processo vital pessoal.

Para melhor esclarecer a unidade indivíduo-ambiente, Winnicott recorre à sua experiência clínica e apresenta a sugestão de uma de suas pacientes como uma forma de referência à situação inicial do indivíduo:

No início, o indivíduo é como uma bolha. Se a pressão externa adapta-se ativamente à pressão interna, o elemento central da situação será a bolha, ou seja, o eu do bebê. Mas se a pressão do ambiente foi maior ou menor que a do interior da bolha, então a bolha não será o elemento principal, e sim o ambiente. A bolha adapta-se à pressão externa (Winnicott, 1949/2000, p. 264).

Em consonância com esse pensamento, Winnicott (1954-1971/1990) afirma que quando a pressão externa está adaptada à pressão interna, a bolha pode continuar existindo e, analogamente, o bebê pode continuar “sendo”. Contudo, quando a pressão externa estiver em descompasso com a pressão interna, a bolha (bebê) precisa reagir a essa intrusão, ou seja, modifica-se em reação a uma alteração no ambiente e não em decorrência de um impulso próprio, movimento que

para o bebê significaria uma interrupção na continuidade do *ser*. O referido autor esclarece que a reação termina quando a intrusão cessa e que dessa maneira seria possível um retorno ao *ser*, desde que tais interrupções não sejam muito intensas ou prolongadas.

Tais considerações winnicottianas nos remetem à atuação com crianças que são separadas de suas famílias em um momento muito primitivo de seu desenvolvimento emocional, que iremos apresentar no capítulo seguinte deste trabalho, levando-nos a refletir sobre a existência de inúmeras maneiras pelas quais tais interrupções podem se fazer presentes na vida das crianças, assim como sobre a multiplicidade de seus efeitos, impedindo-nos de considerar que haveria uma leitura unívoca de tais momentos, que se mostram tão singulares, tão pessoais.

O psicanalista inglês conclui que “(...) a adaptação ativa às necessidades mais simples (uma vez que o instinto¹⁰ ainda não tomou posse de seu lugar central) permite ao indivíduo SER sem ter que tomar conhecimento do ambiente” (Winnicott, 1954-1971/1990, p.151), acrescentando que esse estado, que é anterior à aceitação de que existe um ambiente, é o único a partir do qual o ambiente pode ser criado.

Importante destacar que para Winnicott (1960b/1983) a angústia nos estados iniciais do relacionamento parental-infantil está relacionada à ameaça de aniquilamento do *ser*, que se expressa diante da necessidade do bebê de reagir, em oposição à alternativa de *continuar a ser*. O referido autor considera mais uma vez que, caso as condições ambientais sejam favoráveis, o bebê passa a se desenvolver de modo que lhe é possível absorver essas interrupções da continuidade, desde que breves, na área de sua onipotência. Tal consideração nos auxiliará na reflexão proposta para o terceiro capítulo desta dissertação, no qual iremos abordar a (des)construção do sentimento da continuidade de *ser*.

Conforme apresentamos anteriormente, somos lembrados reiteradamente pela teoria em questão que, desde o princípio, o bebê estaria sendo cuidado e que inicialmente sua dependência do ambiente seria absoluta e a adaptação deste às suas necessidades quase completa, o que reforçaria nossos motivos para

¹⁰ Cabe-nos frisar que a tradução brasileira do livro *Natureza Humana*, utilizada nesta dissertação, faz uso da palavra instinto e não do termo pulsão. Como justificativa, o tradutor apresenta a revisão da referida obra feita pelo próprio Winnicott até a época de seu falecimento, destacando que o próprio manteve o uso do termo INSTINCT intocado. Ainda assim, atentamo-nos para a ressalva feita pelo tradutor, que é consonante com nossa compreensão acerca das formulações winnicottianas, de que o sentido do termo “instinto” na psicanálise britânica não se assemelha ao seu significado biologicista, considerando sempre a natureza humana em que está inserido.

considerarmos, o ambiente e o indivíduo, como uma unidade neste estágio tão precoce, inclusive a partir da constatação de que neste momento do desenvolvimento não há discriminação de um *Eu* e um não-*Eu*.

3.3 A PREOCUPAÇÃO MATERNA PRIMÁRIA

Winnicott postula inúmeras vezes ao longo de sua obra que as bases da saúde mental do indivíduo são fundadas pela mãe em sua experiência com o bebê e, especificamente sobre as funções do cuidado materno podemos afirmar que, de acordo com a teoria winnicottiana, quando adequado, ele satisfaz as necessidades do bebê, é consistente e indica a existência de uma empatia materna.

Para que possamos compreender melhor este estágio especial da mãe, que Winnicott (1956/2000) nomeia de *Preocupação Materna Primária*, é necessário levarmos em conta suas considerações acerca de algumas mudanças que ocorrem na mulher prestes a ter um bebê ou que recém teve um, considerando que no início tais transformações seriam quase fisiológicas e começariam pela sustentação física do bebê no útero. Winnicott (1960b/1983) observa ainda que também ocorreria uma mudança na orientação da mulher sobre si mesma e sobre o mundo, asseverando que tais mudanças precisam ser pensadas em termos psicológicos e não apenas fisiológicos, visto que a mãe transferiria algo de seu interesse por si própria ao bebê que está crescendo dentro dela.

Em seu texto *Da dependência à independência no desenvolvimento emocional do indivíduo*, Winnicott (1963a/1983) complementa essa questão com a afirmativa de que para que tal identificação materna seja possível, a mãe faria uso de suas próprias experiências como bebê, colocando-se em um estado dependente e vulnerável.

Mesmo compreendendo essa identificação como um processo de duração limitada, o referido autor considera que ela não se finda no processo de nascimento, indicando-nos que quando a mãe não apresenta distorções em sua saúde mental a identificação é lentamente modificada. Contudo, o que Winnicott (1960b/1983) destaca é que muitas vezes essa fusão inicial que pode ser vista entre o bebê e sua

mãe não apresenta um fim tão gradual e que para mãe é uma tarefa difícil se separar do bebê com a mesma velocidade que ele pode ficar separado dela.

Segundo o autor, ao perceber que o bebê já apresenta certo grau de separação dela, a mãe compreende que ele não mais espera que ela tenha uma compreensão mágica de suas necessidades e que, ao invés disso, pode perceber que ele adquiriu uma capacidade de transmitir sinais a fim de guiá-la para satisfazer suas necessidades. Assim, somos lembrados que a criança oscila entre momentos de fusão e de diferenciação, cabendo à mãe estar atenta às necessidades sempre atuais de seu bebê.

Em outro texto, Winnicott (1963a/1983) considera que o crescimento da criança muitas vezes corresponde à retomada pela mãe de sua própria independência, indicando que neste processo a criança passa a protestar em falhas menores de adaptação, quando a mãe já não apresenta uma compreensão mágica e completa de suas necessidades. O autor frisa a importância de tais falhas ao afirmar que, a mãe que não consegue falhar por meio de uma desadaptação sensível, falha por não propiciar ao bebê razões para protestar, o que dificultaria a realização da fusão entre amor e agressividade pela criança.

Para examinarmos pormenorizadamente as tarefas da mãe, retomamos as formulações de Winnicott (1948/2000) que considera que para que o bebê possa começar a se desenvolver e a encontrar o mundo que conhecemos, alguns aspectos da mãe se mostram vitalmente significativos.

Nesse sentido, destacamos a importância atribuída pelo autor de que a mãe esteja de fato ali para ser sentida pelo bebê de todos os modos possíveis e também do amor físico que ela proporciona ao bebê através do contato que estabelece com ele de acordo com as necessidades dele de calor corporal, movimento e quietude.

Também é válido observarmos que de acordo com Winnicott (1948/2000) a mãe fornece a possibilidade ao bebê de transitar de um estado tranquilo a um estado de excitação, providenciando o alimento de forma gradativa e não exigindo uma resposta abrupta do bebê, dando-lhe, dessa forma, espaço para agir e não apenas reagir. Ao mesmo tempo, verificamos que, de acordo com o referido autor, caberia a mãe fornecer o alimento nos momentos adequados, indicando-nos a possibilidade de compreender tais momentos como inicialmente vinculados às necessidades vitais, como a fome, por exemplo, e assim o cuidado materno

expresso no atendimento de tais necessidades possibilitaria, em um segundo momento, a transformação da excitação em tranquilidade.

Além disso, a teoria winnicottiana nos ensina que seria a mãe que aos poucos introduziria o mundo externo e compartilhado, com a peculiaridade de que ela graduaria tal movimento de acordo com as necessidades do bebê. Outra das tarefas da mãe, segundo Winnicott (1948/2000), seria a de proteger o bebê de coincidências e sustos, ao tentar manter as situações físicas e emocionais simples o suficiente para que ele possa entendê-las, e ao mesmo tempo ricas o bastante para que possam atender às suas necessidades crescentes.

De acordo com a referida teoria, à mãe também caberia fornecer continuidade ao bebê e capacitá-lo para que ele possa se apropriar do tempo e desenvolver um sentimento de um existir interno e pessoal. Isso seria possível porque ela não apressaria o desenvolvimento do lactente justamente por acreditar que há ali um ser humano, crença que a torna capaz de tolerar a falta de integração e o sentimento tênue de *viver-dentro-do-corpo*, tão inerentes ao bebê.

Quando nos referimos às funções da mãe e temos por base a teoria winnicottiana é necessário mencionar que elas estariam relacionadas às atribuições de *holding*, *handling* e apresentação de objetos. À função de *holding*¹¹ o referido autor irá relacionar a capacidade materna em identificar-se com seu bebê e a provisão de um cuidado satisfatório. Com relação à função de manipulação, comumente denominada *handling* nas obras winnicottianas, Winnicott (1960a/2011) destaca que esta função materna está relacionada a um bom desenvolvimento do tônus muscular e da coordenação do bebê, assim como a capacidade de gozar a experiência do funcionamento corporal e de *ser*. Seria também essa manipulação que facilitaria o estabelecimento de uma parceria psicossomática na criança, contribuindo para a formação do sentido do real em oposição ao irreal.

No que se refere à apresentação de objetos, com base no apresentado pelo psicanalista inglês, podemos compreendê-la como relacionada à capacidade de realização, que torna real o impulso criativo, dando início à capacidade de se relacionar com objetos, que contribuiria para que a criança desenvolva ainda mais a capacidade de sentir-se real em sua relação com o mundo.

¹¹ A especificidade das conquistas relacionadas à função materna de *holding* será abordada na subseção seguinte deste trabalho.

Agora que apresentamos as descrições winnicottianas acerca das tarefas que poderiam ser atribuídas à mãe nesta etapa tão precoce do desenvolvimento emocional do indivíduo, cabe-nos uma interrogação acerca das motivações e a maneira pela qual ela estaria capacitada para desempenhá-las.

Winnicott (1956/2000) chama nossa atenção para a enorme diferença psicológica existente entre esta identificação, consciente e inconsciente, da mãe ao bebê e a dependência do bebê em relação à mãe, analisando que essa última não poderia ser designada como uma identificação, visto que, por ocorrer em um momento muito primitivo, não teria as complexidades relacionadas a tal processo.

Em seu artigo intitulado *O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê*, Winnicott (1960a/2011) atenta para essa distinção do que pertenceria à mãe do que começa a desenvolver-se na criança. Nesse momento de sua obra, o psicanalista inglês elucida que haveria dois tipos distintos de identificação atuantes nesta relação inicial da mãe e seu filho: “a identificação da mãe com seu filho e o estado de identificação do filho com a mãe” (WINNICOTT, 1960a/2011, p. 21), afirmando mais uma vez que a mãe introduz nesta situação inicial uma capacidade amadurecida enquanto o bebê se encontraria nesse estado porque é assim que as coisas teriam início.

Ao discorrer sobre a diferença observada nos processos que estão ocorrendo na mãe e no bebê em uma etapa tão inicial, Winnicott (1968a/2013) observa que a mãe já foi um bebê, e que essa experiência estaria localizada em alguma parte de seu ser, tendo ela própria partido de um estado de dependência e rumado em direção à independência. Em contrapartida, o bebê não teria experiências anteriores das quais pudesse fazer uso para uma comparação, sendo que para ele tudo seria uma primeira experiência e não lhe seria possível apresentar as sofisticções de um adulto.

No que diz respeito ao ponto de vista do bebê, Winnicott (1960a/2011) situa que essa maneira de relação inicial se trata de algo que parte de uma não-organização e que aos poucos se organiza a partir de condições especiais, de modo que o bebê pode se separar gradativamente da matriz que propicia tais condições, afirmando que “é isso que se forma no útero e aos poucos evolui para tornar-se um ser humano” (WINNICOTT, 1960a/2011, p. 28).

Winnicott (1956/2000) considera que é apenas através do estado de preocupação materna primária que a mãe poderá se sentir no lugar do bebê e

corresponder às suas necessidades, que inicialmente seriam biológicas e gradualmente se transformariam em necessidades do ego, a partir de um lento e gradual processo de elaboração psíquica das experiências de satisfação e frustração das necessidades físicas.

O psicanalista inglês também observa que, ao desenvolver a preocupação materna primária, a mãe oferece um contexto para que a constituição da criança comece a se manifestar, de modo que as tendências ao desenvolvimento possam se desdobrar e, desta forma, o bebê passaria a experimentar movimentos espontâneos, se tornando o dono das sensações correspondentes a esta etapa inicial da vida (WINNICOTT, 1956/2000).

A partir de tais formulações, a teoria winnicottiana nos direciona para outro paradoxo do desenvolvimento emocional, uma vez que situa que o bebê neste momento inicial é totalmente dependente dos cuidados maternos, mas igualmente onipotente em suas necessidades.

Sendo assim, cabe-nos destacar que em sua obra Winnicott (1956/2000) assevera que, se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa à necessidade do bebê, a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão. Tal fato se mostra de fundamental importância, visto que o autor considera que seria justamente a falha materna que provocaria fases de reação à intrusão que interromperiam o continuar a ser do bebê, alegando que a base para o estabelecimento do ego é “um suficiente ‘continuar a ser’ não interrompido por reações à intrusão” (WINNICOTT, 1956/2000, p. 403).

Nesse ponto, compreendemos que quando Winnicott propõe que a falha materna provocaria uma descontinuidade no *continuar a ser* do bebê, ele está se referindo a graves falhas ambientais, que caracterizariam um ambiente não suficientemente bom, e não às falhas maternas que são indispensáveis ao desenvolvimento emocional e fazem parte, por definição, do ambiente suficientemente bom. A esse respeito, podemos citar uma referência que Winnicott (1956/2000) faz a Anna Freud¹² para reiterar as constatações da psicanalista de que “os desapontamentos e as frustrações são inseparáveis da relação mãe-criança” (FREUD, A., 1954, *apud* Winnicott, 1956/2000, p.399).

¹² Freud, Anna. (1954). Problems of Infantile Nerosis: a Discussion. Psychoanalytic Study of the Child, vol. IX. Londres. Imago.

Também constatamos que, ao discorrer sobre cuidado materno, Winnicott (1960b/1983) considera que, quando ele ocorre satisfatoriamente, pode ser classificado em três estágios superpostos, que seriam:

a) *Holding*

b) Mãe e lactente vivendo juntos. Aqui a função do pai (ao lidar com o ambiente para mãe) não é conhecida da criança.

c) Pai, mãe e lactente, todos vivendo juntos (WINNICOTT, 1960b/1983, p. 44).

Apesar de reconhecer a artificialidade da divisão em fases, visto que se encontram superpostas, o referido autor destaca o estágio do *holding* e as experiências que nele se iniciam. Para ele tais experiências seriam anteriores às relações objetais, visto que ocorrem em um momento em que o bebê ainda está fundido com a mãe e não apresenta a percepção dos objetos como externos a ele próprio.

Uma vez que a proposta deste capítulo da dissertação é a de abordar a importância do ambiente no desenvolvimento emocional, direcionaremos nossa atenção para este estágio tão inicial do cuidado materno denominado *holding*, visto que, como nos aponta Winnicott (1960b/1983), a ele podem ser relacionadas diversas ocorrências complexas do desenvolvimento psicológico do bebê.

3.3.1 *Holding* – a sustentação para grandes conquistas

O aprofundamento em nossa elaboração teórica, no que se refere ao *holding*, está relacionado à definição apresentada por Winnicott (1960a/2011), segundo a qual o *holding* seria o contexto em que as comunicações mais importantes do bebê ocorrem e quando suas experiências têm início. A teoria destaca que, enquanto a mãe segura o bebê e este está sendo segurado, ele está atravessando uma série de fases do seu desenvolvimento que são muito importantes para sua afirmação como pessoa, e que essas apenas podem ocorrer no contexto da confiança decorrente do fato de ele ser segurado e manipulado.

Acreditamos que seja importante frisar que para Winnicott (1960b/1983) o *holding* não se restringe apenas ao segurar físico, mas se refere à provisão ambiental total anterior ao estágio *viver-com*, sendo que este último estágio

implicaria relações objetais e a emergência do lactente do estado de estar fundido com a mãe e também sua percepção dos objetos como externos a ele.

Destacamos que, de acordo com a teoria winnicottiana, o *holding* protege o lactente de uma agressão fisiológica, levando em conta sua sensibilidade sensorial e sua falta de conhecimento acerca da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo, incluindo uma rotina de cuidados que é pessoal e também acompanhando as mudanças do dia a dia que fazem parte de seu crescimento.

Ainda referente ao *holding*, consideramos importante a afirmação de Winnicott (1960b/1983) de que através dele a mãe pode demonstrar ao lactente seu amor e que seria durante essa fase ambiental que o ego se transformaria de um estado não integrado em uma integração estruturada.

O autor também postula que seria a partir do *holding* que o bebê chegaria a uma existência psicossomática com um padrão pessoal, quando também se evidenciaria uma membrana limitante entre o *Eu* e o não-*Eu* que indicaria ao infante que haveria um exterior e um interior e, portanto, um esquema corporal a partir do qual é possível pensar a existência de uma realidade psíquica interna, cabendo-nos lembrar que tais aquisições também se encontram intimamente relacionadas ao *handling*.

3.4 – AS CONQUISTAS POSSÍVEIS DE UMA JORNADA PESSOAL

Para ilustrar seu conceito sobre desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott apresenta a ideia de uma jornada rumo à independência, que teria seu início em um estágio de dependência absoluta, passaria por um momento de dependência relativa e rumaria, por fim, à independência, sendo necessário que compreendamos que esta nunca seria conquistada em sua totalidade, visto que, mesmo os adultos estariam em um contínuo processo de crescimento pessoal e não se tornariam isolados e sim relacionados ao ambiente, de modo que ambiente e indivíduo podem ser considerados interdependentes.

No início, o lactente é dependente ao máximo dos cuidados maternos e, segundo Winnicott (1963a/1983), no estágio de dependência absoluta não tem

qualquer percepção da provisão materna, da qual começa a tomar conhecimento no estágio seguinte, denominado dependência relativa.

De acordo com a teoria winnicottiana, se no estágio de dependência absoluta havia um alto grau de adaptação ambiental às necessidades do bebê, no estágio da dependência relativa o bebê pode se dar conta da necessidade de detalhes do cuidado materno e pode relacioná-los gradativamente ao impulso pessoal, sendo que neste estágio também precisa se adaptar a uma falha gradual apresentada pela mãe, que provê uma desadaptação gradativa e se tornou relativamente independente das necessidades da criança, principalmente em virtude de sinais de amadurecimento demonstrados pela própria criança, conforme vimos no subitem 3.3 do presente trabalho.

Winnicott (1963a/1983) sumariza que a recompensa da dependência absoluta seria a de que os processos de desenvolvimento do bebê não seriam distorcidos e que a recompensa da dependência relativa seria a de que o bebê começaria a se tornar consciente dessa dependência. O referido autor situa que no último estágio, aproximadamente entre seis meses e dois anos de idade, no qual o bebê sente necessidade de sua mãe, o bebê passaria a saber em sua mente que a mãe é necessária, e ela, por sua vez, esforça-se por não lhe causar aflição ou desilusão nessa fase especial.

Uma importante transição poderia ocorrer após tal período, de acordo com o psicanalista inglês, visto que a criança passaria a lidar com a perda de outras maneiras, sendo que algumas pessoas próximas, tais como tios, avós, amigos especiais dos pais, poderiam se tornar substitutos da mãe. Aqui novamente podemos atestar a importância que Winnicott (1963a/1983) atribui ao esposo da mãe, que poderia ajudar a criar um lar, também com a possibilidade de representar um bom substituto da mãe ou que até mesmo poderia ter sua importância ao dar apoio e segurança à esposa para que isso possa ser transmitido à criança.

Ainda no que diz respeito às conquistas do bebê, Winnicott (1963a/1983) afirma que através do alívio da dependência o bebê seria capaz de se colocar no lugar da mãe. Ele acrescenta que desse processo se originaria o desenvolvimento global da compreensão de que a mãe teria uma experiência separada e pessoal. O referido autor postula que com essas novas aquisições, que se efetuam ainda no estágio de dependência relativa, a criança começa a permitir que os acontecimentos ocorram fora de sua área de controle e que, justamente a partir de sua capacidade

de se identificar com os pais, ela pode deixar de lado grande parte da raiva oriunda do que desafia sua onipotência.

Outra aquisição muito importante deste estágio é apresentada por Winnicott (1963a/1983) como a capacidade de uso e de compreensão que passam a ser atribuídas à fala, o que possibilitaria aos pais dar ao bebê a oportunidade para cooperar através de sua compreensão intelectual, ainda que seus sentimentos profundos possam ser diferentes.

Winnicott (1948/2000) alega que, assim como a mãe possui suas tarefas no momento inicial de desenvolvimento emocional do indivíduo, também podem ser atribuídas algumas tarefas ao bebê que está aos cuidados de uma mãe suficientemente boa. O autor assevera que estas tarefas não são jamais completadas e que as conquistas das primeiras semanas e meses devem ser perdidas e readquiridas muitas vezes.

Acreditamos que seja importante salientar que, ao enumerar estes processos subjetivos muito importantes para o desenvolvimento emocional do indivíduo, que tem início em um momento primitivo e que adquirem sua importância a partir da experiência que a mãe e o bebê vivem juntos, Winnicott (1948/2000) indica que ao menos três coisas devem acontecer: a personalidade do bebê deve se tornar integrada e a integração deve se tornar estável; o bebê deve se sentir vivendo dentro de seu corpo, sentimento que adquire seu significado gradualmente e; também é fundamental que o bebê estabeleça contato com a realidade externa.

Para melhor explicitar estas tarefas do bebê, que estão vinculadas às tarefas da mãe que apresentamos na subseção 3.3 do presente trabalho, recorreremos às formulações winnicottianas expostas no texto *Desenvolvimento Emocional Primitivo* (1945/2000), no qual o autor apresenta maiores detalhes dos processos que buscaremos explicitar na sequência:

- Integração - de um estado inicial de não-integração haveria uma tendência à integração que contaria com o apoio tanto do *holding*, que propiciaria a união das partes não integradas do bebê e o transmitiria segurança, quanto das experiências instintivas que tenderiam a aglutinar a personalidade a partir de dentro;
- Personalização- corresponderia a um sentimento de estar dentro do próprio corpo, a unidade psique-soma, construída especialmente a partir da experiência instintiva e da repetida experiência de estar sendo

cuidado de maneira satisfatória, em especial através da função materna de *handling*;

- Realização - se dá através da apresentação de objetos realizada pela mãe, que também propicia um espaço criativo para que o bebê tome consciência de aspectos da realidade, tais como o tempo e o espaço, e esse processo está intimamente relacionado a momentos de ilusão, nos quais a participação do outro é basal.

Sobre esses processos, Winnicott (1945/2000) afirma que se o bebê está sendo cuidado por uma pessoa e uma única técnica eles são facilitados, destacando o papel vital da mãe neste início, visto que, de acordo com a teoria winnicottiana, a mãe possuiria a tarefa de “(...) proteger o bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a compreender” (WINNICOTT, 1945/2000, p. 228).

Com base nessa citação é possível verificarmos que seria através da mãe que o bebê inicialmente passaria a compreender o mundo. Constatamos também que Winnicott (1961/1994) volta a expressar essa ideia em um momento posterior de suas formulações ao afirmar que seria função dos pais apresentar o mundo à criança em pequenas doses, e que, por meio de sua adaptação às necessidades do ego do bebê, a mãe lhe concederia tempo para a ampliação de seus poderes que ocorre ao longo do desenvolvimento emocional.

Ao discorrer sobre o relacionamento parental-infantil, Winnicott (1960b/1983) postula que seria na fase de *holding* que o processo de união das duas bases do comportamento impulsivo ocorre. O psicanalista inglês afirma que ocorre um processo no qual os elementos difusos que fariam parte do erotismo muscular e do movimento se fundiriam ao funcionamento orgástico das zonas eróticas

Por fim, fazemos referência à menção de Winnicott (1960b/1983) a respeito de um desenvolvimento adicional desta etapa do cuidado materno, que seria a capacidade para relações objetais: o bebê parte de um relacionamento com um objeto subjetivamente concebido para uma relação com um objeto objetivamente percebido¹³, e vai além, relacionando esta mudança à mudança vivida pelo bebê, que passa de um estado em que está fundido ao ambiente para outro em que pode se relacionar com ele, sendo separado dele.

¹³ A questão do objeto subjetivamente concebido e do objeto objetivamente percebido será abordada em maiores detalhes no item subsequente da presente dissertação.

3.4.1 A relação com objetos – um olhar paradoxal

Com o intuito de compreendermos a proposta winnicottiana para o estudo das relações objetais, devemos levar em consideração a afirmação de Winnicott que o cuidado materno também poderia ser considerado como algo que “(...) leva a, inclui e coexiste com o estabelecimento das primeiras experiências objetais do lactente e suas primeiras experiências de gratificação instintiva” (WINNICOTT, 1960b/1983, p. 49), lembrando-nos que seria incorreto considerar as relações objetais e a obtenção da satisfação instintiva antes da organização do ego.

Para o psicanalista inglês, a base para a satisfação instintiva e para as relações objetais seria a manipulação e a condução geral no cuidado com o bebê, que usualmente é considerado como garantido quando tudo vai bem, contudo, o referido autor chama nossa atenção para a importância desse cuidado materno, que não pode ser tomado como algo que sempre ocorre da maneira adequada com todos os bebês. Desta forma, somos também forçados a abandonar o pressuposto de que a relação objetal sobreviria, ainda que de formas diferentes, a todos os indivíduos. Foi-nos possível verificar que em sua teoria Winnicott não desconsidera a sexualidade e o circuito pulsional, tão caros à formulação da psicanálise, mas que acrescenta a consideração dos efeitos deles sobre o desenvolvimento egóico, que por sua vez também se mostra fundamental para a demarcação do circuito pulsional e da sexualidade.

De acordo com Winnicott (1962a/1983), o início das relações objetais é complexo e não ocorre a menos que o ambiente apresente o objeto de modo que o bebê crie o objeto. É importante, pois, mencionarmos que, para o referido autor, o bebê desenvolveria uma expectativa vaga originada a partir de uma necessidade não formulada e a mãe, ao se adaptar, apresentaria um objeto ou uma manipulação que satisfaria as necessidades do bebê e, assim, o bebê passaria a necessitar justamente aquilo que a mãe apresenta. A importância de tal processo seria a confiança que propicia ao bebê acerca de sua capacidade de criar objetos e no mundo real, e isso ocorreria porque a mãe teria lhe proporcionado um breve período em que sua onipotência seria de fato experienciada.

3.4.2 A relação primária (in)existente entre o bebê e sua mãe – uma forma de comunicação

Para que possamos compreender melhor o estado de *não-ser* do qual o *ser* emergiria, destacamos a proposição de Winnicott (1954-1971/1990) de que no início há uma solidão essencial que paradoxalmente só poderia existir em condições de dependência máxima, o que foi detalhadamente abordado pelo autor em suas considerações expressas em seu texto *A capacidade para estar só*, datado de 1958. No referido texto, conclui que tal capacidade somente é obtida a partir da experiência do bebê de ficar só na presença da mãe, que por sua vez deve estar confiantemente presente, mesmo que representada momentaneamente por um carrinho, berço ou até mesmo pela atmosfera especial do ambiente próximo.

Desde suas formulações expostas no artigo *Preocupação Materna Primária*, Winnicott (1956/2000) conjectura que, se há este estado especial da mãe, também há um estado especial no bebê nesta fase tão inicial. Desta forma, consideramos necessário voltarmos nossa atenção às particularidades do lactente.

Winnicott (1963a/1983) afirma que desde muito cedo o bebê revela a capacidade de se identificar com a mãe, localizando a base desses desenvolvimentos em reflexos primitivos, como o sorriso que o bebê dá ao responder a outro sorriso, que evolui para formas mais complexas que contam com a participação da imaginação.

Devemos nos atentar à consideração de Winnicott (1968) de que neste momento primitivo não é possível falarmos em comunicação inconsciente entre a mãe e seu bebê, porque o inconsciente só existiria para a mãe visto que para o bebê ainda não haveria esta distinção entre consciente e inconsciente, e sim um complexo anatômico e fisiológico e um potencial para o desenvolvimento de uma personalidade humana. Contudo, o psicanalista inglês reconhece que alguma forma de comunicação já ocorre desde o início da vida de cada indivíduo, asseverando que haveria comunicação antes da verbalização.

Visando compreender as maneiras pelas quais essa comunicação se expressaria, propomos um aprofundamento no artigo *A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê - convergências e divergências*, no qual Winnicott

(1968) especifica algumas formas em que esta comunicação ocorre, vejamos quais seriam:

- Comunicação física da mãe - relacionada ao movimento de sua respiração, ao calor de seu hálito, ao seu cheiro e ao som de seu coração. Som este que o bebê já conhece antes mesmo de nascer. Tal comunicação seria ilustrada pelo movimento de embalar, através do qual a mãe adaptaria seus movimentos aos do bebê;
- Brincadeiras - através da interação da mãe com o bebê é produzido um território comum, um espaço potencial que pode ser transformado em um objeto transicional, que seria o símbolo da confiança e união entre mãe e bebê, sem necessitar de interpretação;
- Uso que o bebê faz do rosto da mãe – um protótipo de espelho, em que o bebê vê a si próprio quando as condições são favoráveis;
- Mãe concretiza o que o bebê estaria pronto para procurar dando-lhe a ideia destas coisas, possibilitando-lhe desta forma a experiência de onipotência inicial que possibilita também que experiencie a frustração.

Ao considerar a realidade das crianças quando se encontram nesse estágio de comunicação, Winnicott (1960a/2011) postula que nesse momento não existiria um *Eu* visto que nada ainda teria se distinguido como um não-*Eu* e afirma que desta maneira a identificação seria com o que a criança começaria. Acreditamos que seja importante, ainda, levar em conta a ressalva de Winnicott (1960a/2011) de que não significa necessariamente que o bebê de fato se identifique à mãe, mas, sim, que como não há o reconhecimento da mãe ou de qualquer outro objeto externo ao *self*¹⁴, inicialmente o bebê estaria fundido ao *self* da mãe.

Winnicott (1955-56/2000) chama atenção para o terno identificação primária, alegando que este implicaria em um ambiente que ainda não estaria diferenciado do que mais tarde viria a ser um indivíduo, ressaltando que se considerado o ponto de vista do bebê, o que haveria seria a dependência absoluta no ambiente imediato e em seu comportamento.

¹⁴ A definição do *self* na obra winnicottiana nem sempre é muito precisa, dessa forma, situamos que conforme nos indica Abram (2000) podemos compreender que o *self* “é composto por todos os diferentes aspectos da personalidade que, na terminologia de Winnicott, constituem o eu, uma forma distinta do não-eu, de cada pessoa. A palavra *self*, por conseguinte, representa um sentimento de ser subjetivo” (ABRAM, 2000, p. 221).

Nesse ponto, podemos conjecturar que a questão da identificação primária deve ser compreendida a partir de uma visão paradoxal, pois ela não poderia ainda ser considerada como um processo psíquico complexo uma vez que ocorre em um período muito primitivo, e, ao mesmo tempo, precisa ser compreendida como tendo uma função basal para o desenvolvimento psíquico.

Em uma formulação posterior acerca da identificação primária e sua particularidade, Winnicott (1971a/1975) afirma que duas pessoas podem se sentir em união, mas que neste momento primitivo do desenvolvimento emocional o bebê e o objeto seriam um, e situa esta experiência como vital para o início de todas as experiências posteriores de identificação.

Além disso, convém destacarmos outro importante paradoxo observado por Winnicott (1960a/2011), que pondera que não haveria ainda um *self* do bebê e por isso não poderia ser considerado como fundido ao *self* da mãe, mas que, contudo, haveria ali um *self* em potencial e as memórias e expectativas poderiam começar a acumular-se e formar-se, o que seria apenas possível quando o ego do bebê fosse forte e, como vimos, o fortalecimento do ego do infante se daria através do cuidado materno e da identificação da mãe para com o seu bebê.

Ainda a respeito do estado paradoxal de fusão que se encontra o bebê no início de seu desenvolvimento, consideramos esclarecedora outra formulação apresentada por Winnicott acerca da condição em que o bebê ainda não estaria separado do objeto, sobre a qual afirma que “trata-se de uma condição à qual a palavra fusão é aplicada, quando há um retorno a ela, a partir de um estado de separação, mas pode-se presumir que, no início, há pelo menos um estágio teórico anterior à separação entre o não-eu e o eu” (WINNICOTT, 1971b/1975, p. 176-177).

Tal questão se mostra de fundamental importância para o nosso trabalho, visto que aborda a questão da fusão, que por definição seria a junção de dois elementos distintos, a partir de uma ideia paradoxal. Dessa maneira, nos é permitido falar de tal modo porque, potencialmente, haveria uma mãe e um bebê, ainda que indiferenciados em um momento muito primitivo, especialmente se pressupormos o ponto de vista do bebê.

Contudo, consideramos indispensável a ressalva feita por Winnicott (1971 [1967?]/1975) de que a separação entre o mundo dos objetos e o *Eu* não ocorre de modo completo, havendo apenas uma ameaça de tal separação que seria sentida mais ou menos traumática em decorrência das experiências das primeiras

separações. Ainda a este respeito, o referido autor considera que apesar da impossibilidade de separação total, a separação de sujeito e objeto, do bebê e da mãe, parece acontecer e significar algo proveitoso para ambos.

Em sua comunicação *Pediatria e Psiquiatria*, proferida em 1948, Winnicott propõe imaginarmos a situação na qual este estágio inicial de fusão seria perturbado por uma tensão instintiva denominada fome. O bebê estaria disposto a acreditar em algo que poderia existir, ou seja, tem desenvolvida a capacidade de alucinar um objeto, contudo, o referido autor ressalta que se trata mais de um direcionamento da expectativa do que de um objeto propriamente dito. De acordo com sua teoria, seria neste momento que a mãe apareceria com o seio e o colocaria de modo que o bebê pudesse encontrá-lo, indicando a existência de mais um paradoxo, visto que o objeto apresentado precisa ser criado pelo bebê, que por sua vez requer que um objeto lhe seja apresentado. Consideramos que seja importante levarmos em conta o destaque que o psicanalista inglês atribui para este novo movimento que é feito em direção à criança ao invés de para fora dela.

Segundo as teorizações winnicottianas, seria por meio da adaptação ao impulso do bebê que a mãe permitiria que ele tivesse a ilusão de que criou aquilo que ali está. Resultante disso será não apenas a experiência física da satisfação instintiva, mas também a ligação emocional e o início da crença da realidade como algo no qual é possível ter ilusões. Válido ressaltar que para Winnicott (1952b/2000) seria através da ilusão que o contato entre psique e ambiente seria possível.

De acordo com Winnicott (1948/2000), de maneira gradual e através da experiência viva de um relacionamento entre a mãe e o bebê, o indivíduo passa a utilizar os detalhes que percebeu na criação do objeto esperado e seria através da repetição desta performance inúmeras vezes no decorrer da amamentação que a mãe poderia proporcionar ao bebê a capacidade de ilusão de maneira tão satisfatória que seria possível, na sequência, propiciar a gradual desilusão, igualmente importante para o desenvolvimento do bebê.

Relevante frisar que, de acordo com Winnicott (1952b/2000), a adaptação à necessidade jamais é completa mesmo quando a mãe está orientada para esta tarefa, como apresentamos anteriormente. Seria justamente neste espaço entre a adaptação total e a adaptação real e, portanto, incompleta, que ocorre o uso dos processos intelectuais pelo indivíduo para que possa gradualmente aceitar, compreender, tolerar e até mesmo prever as falhas ambientais. De acordo com o

autor, é a compreensão intelectual que converte a adaptação insuficientemente boa do ambiente em uma adaptação suficientemente boa, desde que o ambiente se comporte de modo coerente e o indivíduo não possua uma limitação intelectual orgânica.

Ao nos depararmos com essas formulações winnicottianas, acerca de um momento inicial de ilusão que seria propiciado pela mãe através da satisfação quase completa das necessidades do bebê, somos remetidos à teorização freudiana concernente ao estabelecimento de um circuito alucinatório do desejo, que, como apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, gradualmente vai cedendo espaço ao pensamento para sua consecução. Tal postulado de Freud também pode ser compreendido como harmônico com a afirmação de Winnicott de que a mãe ao não se adaptar totalmente às necessidades do filho propicia o surgimento de um espaço no qual os processos intelectuais assumiriam suas funções e auxiliariam o indivíduo na lida com o mundo externo.

É interessante notar que em outro de seus artigos, Winnicott (1958b/2011) pondera que, ainda que inicialmente a mãe deva apresentar uma adaptação quase exata às necessidades de seu bebê, gradativamente ela também conquista a possibilidade de ser malsucedida nessa adaptação justamente porque a mente e os processos intelectuais do bebê se tornariam seus aliados e aliviariam parte de suas funções ao se tornarem capazes de levar em conta e permitir falhas de adaptação. Assim, podemos compreender que o psicanalista inglês considera que a mãe também é relativamente dependente dos processos intelectuais do bebê visto que seria justamente a aquisição destes que a tornaria apta para aos poucos readquirir sua própria vida.

Conforme apresentamos anteriormente, a capacidade de ficar só está relacionada também aos cuidados maternos recebidos e pode ser identificada já em um estágio precoce do desenvolvimento emocional. Devemos lembrar igualmente que Winnicott (1958a/1983) considera que a imaturidade egóica pode ser compensada pelo apoio do ego da mãe, e que o referido autor nos ensina ainda que com o passar o tempo esse ego materno é introjetado pelo indivíduo, de modo que assim ele se torna gradativamente capaz de ficar só sem fazer referências à mãe com tanta frequência.

Visando compreender melhor este processo de amadurecimento pessoal e a aquisição gradual da capacidade de estar só, recorreremos a uma detalhada

explicação apresentada por Winnicott (1958a/1983). O psicanalista inglês considera que o estágio do desenvolvimento representado pelos dizeres *eu estou só* se refere a um grau elevado de crescimento emocional, e afirma que o *eu* já indica o estabelecimento de uma unidade pelo indivíduo. Nesse estágio, a integração já seria um fato assim como a diferenciação entre o mundo interno e externo, contudo, não haveria ainda referência a viver neste ponto.

Ao considerar a expressão *eu sou* o psicanalista inglês a situa como outro estágio no crescimento individual, no qual o indivíduo não teria apenas forma, mas também vida, ainda que no início o indivíduo esteja vulnerável e dependa de um meio protetor para atingir esse estágio. Esse meio protetor seria de fato a mãe que estaria preocupada e orientada para as necessidades do ego infantil através de sua identificação com o bebê, que por sua vez ainda não a reconhece como tal.

Ao avaliar o estágio seguinte, *eu estou só*, Winnicott (1958a/1983) destaca uma apreciação por parte da criança da existência contínua de sua mãe, ainda que isso não ocorra necessariamente de maneira consciente. O *estar só* é decorrente do *eu sou*, que, como vimos, é uma etapa intermediária e depende da existência contínua de uma mãe disponível que torna possível à criança estar só e ter prazer com isso, em períodos limitados. Dessa forma, podemos novamente mencionar o paradoxo considerado por Winnicott (1958a/1983) acerca da capacidade de ficar só e seu desenvolvimento que se daria apenas a partir da experiência de ficar só na presença de alguém.

Para que possamos compreender melhor essa experiência tão fundamental de estar só na presença de alguém, acreditamos ser importante apresentar uma referência feita por Winnicott (1956/2000) no início de seu artigo *A Preocupação Materna Primária*, no qual ele se remete à discussão publicada no *The Psychoanalytic Study of the Child*, a partir da qual se afirma concordante com a participação de Anna Freud em tal debate. Um dos excertos das formulações da psicanalista que Winnicott selecionou para reflexão foi o que se segue:

O relacionamento com a mãe, embora seja o primeiro com um outro ser humano, não é o primeiro relacionamento do bebê com um ambiente. Precede-o uma fase anterior, na qual não o mundo objetivo, mas as necessidades corporais, sua satisfação e frustração desempenham o papel principal. (FREUD¹⁵, A., 1954, *apud* Winnicott, 1956/2000).

¹⁵ Freud, Anna (1954). Problems of Infantile Nerosis: a Discussion. *Psychoanalytic Study of the Child*, vol. IX. Londres. Imago

Tal referência nos permite compreender que não podemos estudar o estabelecimento das relações apenas a partir do momento em que ele se daria entre o bebê, já diferenciado, e o objeto, impelindo-nos a considerar um momento anterior no qual o que estaria em questão seria justamente essa unidade ambiente-indivíduo.

Para que possamos analisar adequadamente esse momento anterior, no qual o bebê e o ambiente se encontrariam indiferenciados, propomo-nos primeiramente a considerarmos a presença de elementos distintos tanto em homens quanto em mulheres, que são descritos por Winnicott (1971a/1975), em termos de elemento feminino puro e elemento masculino puro.

Ao discorrer sobre o elemento feminino puro, Winnicott (1971a/1975) afirma que ele estaria relacionado com o seio, no sentido de o bebê tornar-se o seio, ou seja, o sujeito seria o objeto e vice-versa. Assim, Winnicott alega que tal identidade sujeito-objeto, característica do elemento feminino puro, seria encontrada na base da capacidade de *ser* enquanto o elemento masculino estaria vinculado ao *fazer*. Conforme indicamos no item 2.7, tal formulação winnicottiana nos parece estar em harmonia com as ponderações expressas por Freud (1941[1938]/1996).

A importância de mencionarmos tal distinção entre o elemento feminino puro e o elemento masculino puro, presentes em diferentes medidas nos indivíduos, decorre da afirmação winnicottiana de que seria no relacionamento do elemento feminino puro com o seio que se encontraria uma aplicação prática da ideia de objeto subjetivo, de um *self*, e também a sensação de real que se origina do sentimento de possuir uma identidade.

Entretanto, cabe-nos lembrar que Winnicott (1971a/1975) faz a ressalva de que nenhum sentimento de *self* surgiria sem que houvesse a base desse relacionamento no sentimento de *ser*. Para ele, tal sentimento precederia a ideia de *estar em união com*, porque ainda não houve nada além de identidade. O psicanalista inglês considera que a identidade vinculada ao elemento feminino puro requereria pouca estrutura mental, sendo que, dessa forma, o alicerce para o futuro *ser* poderia ser lançado a partir da data de nascimento, desde que considerada a existência de uma mãe suficientemente boa. Mas, qual seria a importância do estudo de tão primitivo sentimento?

Para compreendermos melhor essa questão é importante ressaltarmos que para Winnicott (1971a/1975) seria a experiência de *ser* que se constitui como única base para a autodescoberta e para o sentimento de existir e, posteriormente, para a

capacidade de desenvolver um interior, de ser um continente e de poder utilizar os mecanismos de introjeção e projeção para se relacionar com o mundo.

Em contrapartida, seria também fundamental o estudo do elemento masculino puro, visto que, de acordo com Winnicott (1971a/1975) ele transita em termos de relacionamento instintual, quer seja ativo ou passivo. Tal afirmação nos é de grande valia porque seria a partir dessa ideia que poderíamos falar de impulso instintivo na relação do bebê com o seio e o amamentar, e posteriormente com relação às experiências que envolvem as zonas erógenas.

Contudo, devemos considerar que, de acordo com a referida teoria, a relação de objeto do elemento masculino puro pressupõe uma separação, que ocorreria quando o ego estivesse mais organizado, possibilitando ao bebê conceder ao objeto a qualidade de ser não-*Eu*, sendo que experimentaria também as satisfações do id que incluiriam a raiva relativa à frustração. Assim, a satisfação dos impulsos acentuaria a separação do objeto e conduziria a sua objetivação.

Ao nos depararmos com a vinculação do tipo de relação com base no elemento masculino puro a um momento em que o ego estivesse mais organizado, sentimos a necessidade de apresentar uma explicação mais detalhada acerca do ego e sua construção.

3.4.3 A construção do ego – ecos de um processo silencioso

Primeiramente, destacamos que para Winnicott (1962a/1983) o termo ego pode ser usado para descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis, a se integrar em unidade. Perguntamo-nos, então, como ocorreria seu delineamento e, em relação a esse questionamento, Winnicott (1956/2000) nos aponta uma direção e afirma que a construção do ego é silenciosa, visto que sua primeira organização seria derivada da experiência de ameaças de aniquilação que não se cumpriram e das quais o bebê pode se recuperar repetidamente.

Ao considerar o ego como equivalente a um somatório de experiências, Winnicott (1956/2000) procura situar o papel complementar dos instintos no desenvolvimento inicial do bebê, considerando que na maturidade egóica as experiências instintivas fortaleceriam o ego enquanto na sua imaturidade elas

poderiam estraçalhá-lo. O referido autor ressalta ainda que inicialmente seria justamente através de um ambiente suficientemente bom que tal maturidade poderia ser atingida.

Ao analisar os contextos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico, Winnicott (1954/2000) também faz alusão ao fato de que não é possível abordar o desenvolvimento inicial do ego sem considerar o ambiente, uma vez que, como apresentamos anteriormente, o ambiente estaria sustentando o indivíduo que por sua vez nada sabe sobre ele, formando com ele uma unidade.

Ao longo deste capítulo, vimos destacando a grande importância atribuída por Winnicott ao relacionamento da criança com a mãe. Consideramos importante salientar que na teoria winnicottiana esse relacionamento será nomeado como relacionamento com o ego, sendo que uma das razões fornecidas pelo referido psicanalista para tal pode ser encontrada em seu artigo *A capacidade para estar só* (1958a/1983). Nesse artigo, Winnicott afirma que o impulso do id apenas tem significado se contido na vivência do ego, explicando que a “*a relação com o id fortifica o ego quando ocorre em um contexto de relação com o ego*” (WINNICOTT, 1958a/1983, p. 35, itálico do autor), complementando, como vimos anteriormente, que seria justamente quando só na presença de alguém que a criança poderia descobrir sua vida pessoal.

Ainda a esse respeito, o psicanalista enfatiza que é apenas quando só nestas condições que a criança tem a capacidade de se tornar não-integrada, de devanear, de estar sem orientação e desta forma simplesmente existir, não necessitando reagir às contingências externas nem ser uma pessoa ativa com uma direção específica de interesse. Winnicott (1958a/1983) observa que, desse modo, a cena está disposta para que ocorra uma experiência do id, pois considera que com o passar do tempo surgiria uma sensação ou um impulso que seria sentido como real e iria representar uma verdadeira experiência pessoal, desde que se expressasse nesse contexto.

Em uma fase tão preliminar do desenvolvimento emocional, novamente um papel de destaque é atribuído à presença da mãe, que, como vimos, em decorrência de sua identificação com o filho, estaria disponível ao mesmo tempo em que não faria exigências ao bebê. Winnicott (1958a/1983) compreende que, uma vez que o impulso chega neste ambiente, a experiência do id pode ser produtiva, sendo que o

objeto pode ser uma parte ou o todo de uma pessoa auxiliar, indicada pelo referido autor como a mãe, especificamente.

Tais considerações são de suma importância, pois, de acordo com Winnicott (1960b/1983) inicialmente as forças do id clamariam por atenção e seriam externas ao bebê. Neste ponto destacamos uma semelhança entre as formulações winnicottianas e freudianas visto que para Freud os impulsos pulsionais também estariam situados externamente ao aparelho psíquico, conforme abordamos no item 2.3.

O psicanalista inglês considera ainda que em um ambiente suficientemente bom o id se tornaria aliado do ego, de modo que suas satisfações fortaleceriam o ego, que por sua vez controlaria o id. Winnicott (1960b/1983) conclui que a principal razão no desenvolvimento do bebê que o faz se tornar capaz de controlar o id e que também possibilita ao ego incluir o id seria justamente o cuidado materno, que complementaria o ego do bebê através do ego materno, de maneira a torná-lo forte e estável.

A seguir, abordaremos de forma mais detalhada como este cuidado materno propiciaria um ambiente no qual poderiam se desdobrar outras experiências vinculadas ao desenvolvimento emocional, em especial à capacidade do estabelecimento de relações.

3.4.4 O cuidado materno como propulsor para a experiência da ilusão, agressividade e reparação

Ao analisar o contexto do relacionamento do bebê com o seio materno, Winnicott (1945/2000) considera a existência de dois fenômenos que não estabelecem uma relação *à priori* e sim apenas a partir do momento em que a mãe e o bebê vivem juntos uma experiência. Para o referido autor os dois fenômenos seriam os seguintes: o bebê como possuidor de impulsos instintivos e ideias predatórias, e a mãe que tem o seio, pode produzir leite e possui a ideia de que gostaria de ser atacada por um bebê faminto.

De acordo com o psicanalista inglês, em decorrência de sua maturidade e capacidade física, caberia à mãe compreender e tolerar as necessidades do bebê,

sendo que isso favoreceria a produção de uma situação que poderia resultar no primeiro vínculo do bebê com um objeto externo, ou seja, que do ponto de vista do bebê se situaria externamente ao *Eu*.

É importante notarmos que, de acordo com a teoria winnicottiana, seria justamente quando faminto que o bebê se direcionaria ao seio e estaria pronto para alucinar algo que pudesse ser atacado e que seria também neste momento, desde que incluído um ambiente suficientemente bom, que o seio real apareceria e o bebê sentiria que era exatamente isso que estava alucinando, conforme apresentamos no item 3.4.2. Winnicott (1951/2000) acrescenta que considera que tal percepção seria enriquecida por detalhes da visão, sensação e cheiros e afirma que esses detalhes poderão ser utilizados na próxima alucinação. Tais considerações o auxiliam a compreender a importância vital desse mecanismo para o desenvolvimento emocional posterior, pois assim teria início a construção de uma capacidade de fazer uso do que está ao seu alcance, que estaria intrinsecamente relacionada à continuidade no provimento dessa experiência pela mãe.

Como apresentamos anteriormente, esse momento inicial ainda seria de fusão entre o bebê e sua mãe e Winnicott (1951/2000) analisa que psicologicamente o bebê mama num seio que seria parte dele mesmo, e a mãe amamenta um bebê parte dela mesma, levando-o a concluir que este intercâmbio inicial estará baseado em uma ilusão.

Ainda a esse respeito, consideramos válido destacar que para Winnicott (1945/2000) seria em um momento primitivo que um simples contato com a realidade externa ou compartilhada é realizado, no qual o bebê alucina e o mundo apresenta, sendo que neste momento ainda seria possível a ilusão do bebê de que tais coisas – sua alucinação e a realidade – sejam vistas como idênticas, mesmo que de fato jamais o sejam.

Tais descrições acerca dos primórdios do estabelecimento de relações se mostram preciosas, pois assim como temos abordado ao longo do presente capítulo com relação a outras importantes aquisições do bebê, verificamos que a teoria winnicottiana nos indica que, também para o desenvolvimento da ilusão, o ambiente tem papel de destaque, não sendo possível considerar o indivíduo de maneira isolada, como podemos observar a seguir:

Para que essa ilusão se dê na mente do bebê, um ser humano precisa dar-se ao trabalho permanente de trazer o mundo para ele num formato compreensível e de um modo limitado, adequado às suas necessidades. Por esta razão não é possível a um bebê existir sozinho, física ou psicologicamente, e de fato é preciso que uma pessoa específica cuide dele no início (Winnicott, 1945/2000, p. 229).

Em seu artigo acerca dos objetos e fenômenos transicionais, Winnicott (1951/2000) menciona novamente esta importante tarefa da mãe de propiciar a ilusão para o bebê e acrescenta que igualmente importante seria sua tarefa de desiludir, de modo que forneceria substrato para que o bebê possa aceitar a realidade, ainda que esta aceitação nunca se dê de maneira completa e sempre exista uma tensão entre o relacionamento da realidade interna e externa, aliviada apenas pela área intermediária de experiências, que veremos em maiores detalhes na subseção seguinte do presente trabalho.

Para que possamos abordar mais uma conquista advinda do cuidado materno e que se encontra inserida na esfera dos relacionamentos objetivos, destacamos o fato de que a teoria winnicottiana nos ensina que inicialmente o indivíduo apresenta um relacionamento impiedoso com o objeto, não lhe sendo possível perceber ou importar-se com as consequências de seus pensamentos e ações.

Ainda a esse respeito, Winnicott (1945/2000) afirma que a criança tem prazer nessa relação impiedosa com a mãe, que se expressa primordialmente por meio de brincadeiras, e enfatiza que a mãe seria extremamente necessária, porque é a única da qual poderia esperar tolerância com relação a sua ausência de compaixão.

Visando compreender melhor de que maneira se daria o estabelecimento de tal relação impiedosa com a mãe, uma vez que essa, como vimos, tem uma função vital no desenvolvimento emocional do bebê, recorreremos a uma explicação fornecida por Winnicott (1963b/1983) acerca do fato de que no início haveria para o bebê duas mães: a mãe-objeto e a mãe-ambiente, que representariam a diferença que existe para o bebê entre os dois aspectos do cuidado que recebe.

Ao discorrer sobre o assunto, o psicanalista inglês afirma que seria a mãe objeto, entendida pelo bebê como possuidora do objeto parcial que pode satisfazer suas necessidades, que se tornaria o alvo da sua experiência instintual, enquanto caberia à mãe-ambiente, compreendida como a pessoa que evita o imprevisto e

provê o *holding* e o *handling* adequados, receber um contato afetuoso. Winnicott (1963b/1983) chama atenção para o fato de que a provisão ambiental mantém sua importância fundamental, ainda que o bebê esteja adquirindo uma estabilidade interna.

É necessário levarmos em conta que a referida teoria nos indica que posteriormente ocorreria uma fusão entre essas representações para o bebê e que para isso seria necessário que a mãe continuasse viva e disponível, sem estar preocupada com outras coisas. Assim, é importante que a mãe-objeto sobreviva aos episódios dirigidos pelo instinto enquanto a mãe-ambiente continue sendo ela mesma, mantendo sua empatia com o bebê, estando disponível para receber seu gesto espontâneo e alegrando-se com isso (Winnicott, 1963b/1983).

Interessante mencionar que Winnicott (1963b/1983) afirma que os impulsos instintivos levariam ao uso impiedoso dos objetos e que isso originaria um sentimento de culpa que seria retido e abrandado em função da contribuição que o bebê poderia fazer à mãe-ambiente. Dessa forma, o referido autor nos ensina que seria justamente essa oportunidade para a reparação ofertada pela mãe-ambiente através de sua presença constante que permitiria ao bebê liberar sua vida instintiva, uma vez que a culpa não seria sentida imediatamente, permanecendo em potencial e aparecendo apenas quando não surge a capacidade de reparação.

Isso posto, cabe-nos destacar que de acordo com a teoria winnicottiana seria a partir do estabelecimento de confiança neste ciclo e na oportunidade de reparação que o sentimento de culpa sofreria uma modificação e poderia ser chamado de *concern*¹⁶, dado seu aspecto benigno de interesse e preocupação. Seriam essas as questões que permitem a Winnicott (1963b/1983) postular que se não há nos estágios iniciais do desenvolvimento uma figura materna para receber o gesto de reparação, a culpa se torna intolerável e o *concern* não pode ser sentido, sendo substituído por formas primitivas de culpa e ansiedade.

Consideramos válido enfatizar que Winnicott (1963b/1983) declara que a origem dessa capacidade pertenceria já a uma etapa em que ocorre o relacionamento entre duas pessoas, ou seja, quando o bebê é uma unidade e sente a mãe como uma pessoa total. Contudo, somos lembrados pelo próprio autor que

¹⁶ Preferimos manter o termo *concern* em inglês, conforme proposto na tradução de Davy Bogomoletz do livro *Natureza Humana*, por compreendermos, assim como o referido tradutor, que outras palavras em nossa língua não reproduzem fielmente as diversas intenções do original.

tal capacidade, assim como os demais processos que se iniciam na infância, nunca está completamente estabelecida e continua a ser reforçada pelo crescimento posterior.

Após termos analisado em seus pormenores as particularidades do processo do estabelecimento de relações objetais, cabe-nos frisar que, de acordo com Winnicott (1968b/1975) poderíamos dizer que primeiramente há a relação de objeto e que na sequência haveria o *uso* do objeto, sendo que no intervalo entre essas ações o sujeito colocaria o objeto para fora de sua área de controle onipotente, indicando que haveria a percepção do objeto como fenômeno externo pelo sujeito.

A importância desse movimento se refere à observação do psicanalista inglês de que tal mudança significa que o sujeito destrói o objeto quando este se torna externo, e destaca que para que o sujeito possa fazer o uso do objeto é necessário que este sobreviva aos seus ataques. Assim, Winnicott (1968b/1975) postula que seria fundamental que a mãe possa ser essa pessoa que segura o bebê durante este ataque do qual sobrevive, indicando-lhe a possibilidade do *uso* de objeto e se tornando pano de fundo inconsciente para o amor a um objeto real, que estaria situado fora da área de controle onipotente do sujeito. Resta-nos, portanto, uma investigação acerca dos pormenores dessa transição entre uma onipotência original e a gradual possibilidade de relação e uso dos objetos.

3.5 UMA ÁREA INTERMEDIÁRIA DE EXPERIÊNCIA

No capítulo anterior deste trabalho apresentamos as ideias freudianas acerca da constituição psíquica e expusemos suas considerações sobre o chuchar – descrito por Freud como o protótipo das manifestações sexuais infantis, que seriam predominantemente autoeróticas.

Retomamos, pois, essa ideia visto que Winnicott reitera a importância do ato de chupar o dedo, considerando-o “(...) uma útil dramatização do relacionamento objetal primitivo” (WINNICOTT, 1945/2000, p.232). Em suas formulações o referido autor também nos indica a possibilidade de expandirmos a compreensão desta manifestação tão comumente observada não apenas nas fases mais iniciais do desenvolvimento.

Em uma clara demonstração de valorização da teoria proposta por Freud, o psicanalista inglês afirma conhecer o aspecto autoerótico do ato de chupar o dedo, reconhecendo também a boca como uma zona erógena especialmente organizada na infância e concordando com a consideração freudiana de que ao chupar o dedo a criança teria prazer. Contudo, chama nossa atenção para outro aspecto que pode estar presente em tal ato.

Winnicott (1951/2000) propõe uma ampliação da compreensão da atividade erótica de chupar o dedo, indicando que conjuntamente com tal atividade poderia haver outras ações que se tornariam importantes, citando como exemplo a observação de que ao chupar o dedo, o bebê muitas vezes segura um objeto externo, tal como o cobertor, e o leva à boca juntamente com os dedos. Também menciona que o bebê ao chupar o dedo por vezes realiza conjuntamente movimentos com a boca acompanhados de sons e balbucios ou também arranca e coleta a lã do cobertor para que possa usá-la para fazer carícias.

Para que possamos compreender o destaque atribuído pelo autor à extensão de tal atividade, cabe-nos resgatar a proposta da teoria winnicottiana de nomear tais experiências, que estariam ligadas ao pensamento e ao devaneio, como *fenômenos transicionais*, uma vez que de tais experiências poderia justamente emergir algo ou um fenômeno, como, por exemplo, uma ponta do cobertor, uma bolinha de lã ou um maneirismo que se tornariam vitalmente importantes para a criança, em especial como uma defesa contra a ansiedade, e que se transformariam no que Winnicott (1951/2000) nomeia como objeto transicional.

Acreditamos ser valiosa a apresentação da formulação winnicottiana acerca do objeto transicional para nossa compreensão da amplitude dos efeitos do ambiente sobre o desenvolvimento emocional porque o referido autor assevera que o uso que a criança faz desse objeto pode adquirir grande importância e pode ter valor de objeto intermediário entre *self* e mundo exterior, destacando que os fenômenos transicionais podem constituir a base para a vida cultural do adulto (WINNICOTT, 1958b/2011).

Winnicott (1967a/1975) considera que o objeto transicional é um símbolo da união, e conseqüentemente da separação, do bebê e da mãe, afirmando que este objeto pode ser localizado no lugar, no espaço e no tempo, onde e quando a mãe se acha em transição na mente do bebê de ser fundida a ele e ser experimentada como um objeto a ser percebido. É interessante a observação realizada por Winnicott

(1951/2000) de que por vezes não há objeto transicional algum a não ser a mãe, e que em certos casos o bebê pode estar tão perturbado emocionalmente que a transição não pode ser usufruída ou a sequência de objetos utilizados pode ser rompida ou mantida ocultamente.

Outra conjectura winnicottiana que se mostra de fundamental importância para a compreensão do estabelecimento de relações objetais é a afirmação de Winnicott (1958b/2011) de que inicialmente a característica das relações objetais é que ela se estabelece com objetos parciais, alegando que o bebê se relaciona com o seio e não tem consciência da figura da mãe, embora possa conhecê-la em momento de contato afetivo.

Winnicott (1958b/2011) afirma que em um momento primitivo, antes da criança ter atingido o *status* de unidade, as relações objetais têm a característica de união de parte com parte, e consideramos válido destacar que tal proposição já havia sido realizada por Freud (1905) ao discorrer sobre os objetos parciais e as fases pré-genitais da organização da libido. O psicanalista inglês afirma ainda que seria a gradual integração da personalidade que faria com que o objeto parcial possa ser compreendido como pertencente à pessoa inteira e considera que tal percepção daria início a um sentimento de dependência e por consequência uma necessidade de independência.

É importante notarmos que para Winnicott (1951/2000) os objetos transicionais não seriam os primeiros objetos dos relacionamentos objetais, mas estariam relacionados à primeira posse e à área intermediária entre o subjetivo e o que é objetivamente percebido.

De acordo com Winnicott (1951/2000), desde a infância o ser humano estaria preocupado com o relacionamento entre o objetivamente percebido e o subjetivamente concebido e tal resolução seria apenas atingida se a mãe propicia um ambiente inicial adequado. O termo objeto subjetivo seria usado para descrever o primeiro objeto, que ainda não foi repudiado como um fenômeno não-*Eu* (WINNICOTT, 1971a/1975).

Essa região intermediária proposta pela teoria winnicottiana e que dependeria da provisão ambiental estaria situada entre a criatividade primária e a percepção objetiva baseada no teste de realidade. Para o psicanalista inglês os fenômenos transicionais seriam o primeiro estágio no uso da ilusão, sem o qual não teria sentido um relacionamento com um objeto percebido como externo a ele pelos

outros. Desta forma, aceitamos a proposta feita por Winnicott (1971a/1975) para que façamos uso da teoria dos fenômenos transicionais para descrever o modo como uma provisão ambiental suficientemente boa nos estágios mais primitivos tornaria possível ao indivíduo enfrentar o imenso choque diante da perda da onipotência.

Ainda a respeito dessa importante área de transição, destacamos a consideração de Winnicott (1967a/1975) de que desde o início o bebê teria intensas experiências no espaço potencial entre o objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido. O uso desse espaço seria determinado pelas experiências de vida que se efetuam em estágios primitivos de sua existência e o psicanalista inglês afirma que seria neste espaço entre o indivíduo e o ambiente, que a experiência cultural poderia ser localizada e que assim também seria com o brincar.

Por vincular as origens desta experiência cultural ao brincar, Winnicott (1967a/1975) postula que para estudar a brincadeira e a vida cultural do indivíduo é necessário o estudo do destino do espaço potencial que existe entre o bebê e a figura materna, lembrando-nos que esta, por ser humana, é falível e essencialmente adaptável por causa do amor.

Dessa forma, para novamente justificarmos a relevância do estudo da importância do ambiente no desenvolvimento emocional, recorreremos à afirmação do autor que postula que, para o bebê, desde que a mãe propicie as condições adequadas, todo e qualquer pormenor da vida constitui exemplo do viver criativo, e que todo o objeto é 'descoberto'. Winnicott assevera que, quando lhe é dada a oportunidade, o infante começa a viver criativamente e a utilizar objetos reais, sendo criativo para eles e com eles e pondera que, caso o bebê não receba essa oportunidade, não existirá essa área tão importante para a brincadeira ou para a experiência cultural (WINNICOTT, 1967a/1975).

É interessante destacarmos que o psicanalista inglês afirma que seria a partir da experiência que o bebê tem da vida, em relação à mãe ou à figura materna, que se desenvolveria certo grau de confiança na fidedignidade da mãe, que não se restringiria apenas ao seu atendimento das necessidades da dependência, e que ocorreria a concessão de oportunidades para que o bebê possa transitar da dependência à autonomia.

De acordo com Winnicott (1971[1967?]/1975), essa experiência de fidedignidade dará origem a um sentimento de confiança, que por sua vez tornaria possível a separação do não-*Eu* a partir do *Eu* sendo que, ao mesmo tempo, a

separação seria evitada pelo preenchimento do espaço potencial com o brincar criativo e com símbolos, e também com outros fenômenos que se somam a uma vida cultural.

Diante dessas assertivas, Winnicott (1971[1967?]/1975) destaca primeiramente a necessidade de proteção do relacionamento do bebê e mãe no estágio primitivo do desenvolvimento para que assim possa ser criado o espaço potencial, no qual, em virtude da confiança, o bebê possa brincar criativamente.

Importante destacarmos que, para o psicanalista inglês, os indivíduos viveriam criativamente e com o sentimento de que a vida merece ser vivida a partir de variáveis relacionadas à quantidade e à qualidade das provisões ambientais desde o início de sua experiência de vida.

Ao longo desse capítulo, foi-nos possível demarcar diversas conquistas do desenvolvimento emocional que são impulsionadas pelas provisões ambientais. Buscamos destacar que não seria possível compreender a jornada realizada pelo bebê de um estado de dependência absoluta do ambiente rumo à independência sem a consideração da importância vital dos cuidados maternos. Consideramos tal abordagem necessária especialmente porque, como frisamos, o bebê e a mãe, inicialmente, formariam uma unidade, e seria justamente através de um estado de preocupação especial da mãe que ela propiciaria ao bebê um ambiente suficientemente bom, no qual suas potencialidades poderiam se desdobrar e assim poderia haver uma paulatina diferenciação, a partir da qual pudesse emergir um indivíduo, com base no sentimento de *continuidade de ser*.

Em sua descrição da teoria do relacionamento parental-infantil, Winnicott (1960b/1983) afirma que metade dela se refere ao infante e a sua jornada da dependência absoluta rumo à independência, que transitaria pela dependência relativa e paralelamente à jornada do infante do princípio do prazer ao princípio de realidade e do autoerotismo às relações objetais, enquanto a outra metade estaria relacionada ao cuidado materno, às qualidades e mudanças nas mães que satisfazem as necessidades específicas e de desenvolvimento do infante para as quais ele se orienta.

No primeiro capítulo desta dissertação nos propusemos a fazer uma parte deste percurso, abordando, a partir das teorizações freudianas, a jornada do infante do princípio de prazer ao princípio de realidade, assim como do autoerotismo ao amor objetal. No presente capítulo, demos ênfase ao percurso realizado pelo bebê

de um estado de dependência absoluta rumo à sua independência, destacando o papel fundamental que pode ser atribuído ao cuidado materno.

Cabe-nos ressaltar que, para Winnicott (1951/2000), não existe qualquer possibilidade que o bebê progrida do princípio de prazer para o princípio de realidade e para além da identificação primária a não ser que exista uma mãe suficientemente boa. Ele verifica, ainda, que nas formulações freudianas – *O ego e o id* (1923) e *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921) – também é possível encontrar referência a esses cuidados iniciais dedicados ao infante.

É importante lembrarmos que ao apresentar sua teoria, Winnicott (1963a/1983) reconhece a importância da teorização psicanalítica acerca da construção psíquica em termos de progressão da vida instintiva do indivíduo, à fase oral, anal, fálica e genital, mencionando que foram estas ideias freudianas que o iniciaram em seu pensamento psicanalítico e que esta seria a teoria pela qual se orientaria.

Dessa forma, no capítulo seguinte passaremos a uma reflexão acerca das situações de bebês que são encaminhados para acompanhamento da Vara da Infância e Juventude de Curitiba diante da possibilidade de estarem em um ambiente que apresentaria turbulências e que poderia ser um dificultador para seu desenvolvimento físico e emocional, em especial no que se refere à construção de um sentimento de integração pessoal e também do desenvolvimento do importante sentimento de confiança na vida, no mundo, nas pessoas.

Tal empreitada se sustenta no destaque dado por Winnicott (1963a/1983) ao valor de sua abordagem, que permite estudar ao mesmo tempo fatores pessoais e ambientais. De acordo com o referido psicanalista, a normalidade está relacionada tanto ao indivíduo quanto à sociedade e a maturidade do indivíduo não é possível em um ambiente social doente, imaturo.



ILUSRAÇÃO 3 - Tenniel, J. *Alice shaking hands with Humpty Dumpty*, 1872.

4 REVERBERAÇÕES TEÓRICAS A PARTIR DE UMA PRÁTICA

Após apresentarmos as formulações freudianas e winnicottianas acerca da constituição psíquica e do desenvolvimento emocional e da forma como são sustentados pelos cuidados maternos, propomos neste capítulo uma interlocução entre essas teorias e situações advindas da atuação da autora da presente dissertação como psicóloga no Núcleo Integrado de Apoio Psicossocial das Varas da Infância e Juventude (NIAPVIJ) do Foro Central da Comarca da Região Metropolitana de Curitiba. Essa interlocução visa elucidar de que maneira tais referências teóricas auxiliam na condução de nossa atuação profissional.

Afirmamos na introdução deste trabalho que uma das características da psicanálise é o modo como ela foi elaborada a partir da experiência clínica, sendo inquestionável a articulação de ambas. Consideramos válido retomarmos nesse momento outra importante questão acerca da especificidade do método psicanalítico que, de acordo com o proposto por Green¹⁷ (2004, apud Mezan, 2006), seria a de que ele se baseia em um *pensamento clínico*, o qual se refere a um modo de racionalidade que se origina da experiência prática, atestando que mesmo que não seja feita referência explícita aos pacientes, sempre se estaria pensando neles.

Outro ponto interessante desse método, segundo o referido autor, seria o de que ele reconheceria o hiato existente entre a clínica e a teoria, alegando que esta jamais poderia aderir por completo àquela nem tampouco recobrir sua extensão, acrescentando também que a clínica não seria uma aplicação exata da teoria e que não poderia ser esclarecida inteiramente por ela.

No que concerne à especificidade do método empregado, Mezan (2006) pondera que as pesquisas psicanalíticas possuem “um solo comum: todos os autores identificam uma *questão* e a investigam com os meios conceituais oferecidos pela psicanálise” (MEZAN, 2006, p.233). Dessa forma, o referido autor propõe que imaginemos as diversas áreas em que se desdobram tais investigações como raios de uma roda cujo centro seria a clínica *stricto sensu*, justificando que seria na clínica e a partir dela que os conceitos cardeais da psicanálise teriam sua origem, sendo-lhe possível, dessa maneira, destacar que seriam esses os instrumentos com que opera a pesquisa em psicanálise.

¹⁷ GREEN, A. *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob, 2004.

Assim, é inegável a maneira de como esta dissertação é demarcada por tal característica, visto que, embora não se trate de uma investigação de um caso clínico, ela foi orientada pelo pensamento clínico e faz uso do rico instrumento que a clínica psicanalítica fornece, ou seja, dos seus conceitos cardeais.

Nesta seção de nosso trabalho, iremos apresentar primeiramente algumas particularidades de nossa intervenção profissional, para que então possamos assinalar as reverberações teóricas as quais ela nos impele.

4.1 A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RISCO- INTERVENÇÕES POSSÍVEIS

A atuação profissional no enquadramento mencionado acima nos coloca diariamente em contato com ocorrências de violação de direitos de crianças e adolescentes que contém em seus relatos situações de abandono e violência. Com o intuito de ilustrar de forma mais precisa a maneira como tal atuação ocorre, de forma articulada, com diferentes órgãos governamentais e não-governamentais, cabe-nos inicialmente apresentar um panorama da proposta municipal de atendimento às crianças e aos adolescentes em situação de risco.

Para exemplificar algumas destas situações, citamos a convivência com usuários de substâncias psicoativas, a negligência – sobretudo com a saúde, alimentação e higiene - e a violência física, psicológica e sexual. Consideramos válido destacar que tal tipificação das diversas formas de violência segue a proposição do Ministério da Saúde da Saúde (2002), cabendo-nos situar que não verificamos a necessidade de tais diferenciações dentro do campo psicanalítico. Uma vez que o corpo, o psiquismo e a sexualidade estão intrinsecamente relacionados, não sendo possível considerá-los como entidades isoladas, concluimos que o dano a um desses aspectos poderia causar prejuízo também aos outros.

Na cidade de Curitiba há uma ação integrada entre diversas instituições denominada Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para Violência que visa atender essas crianças que se encontram com seus direitos violados. Essa ação integrada, à qual nos referiremos neste trabalho como Rede de Proteção, foi implantada no ano de 2000 e articula diversos setores da Prefeitura

Municipal de Curitiba, tais como a Secretaria da Saúde, Secretaria da Educação, Fundação de Ação Social, Instituto Municipal de Administração Pública, com o Poder Judiciário, o Ministério Público, a Defensoria Pública, os Conselhos Tutelares e outros órgãos de defesa de direitos (CURITIBA. Fundação de Ação Social (FAS), 2015).

São apresentados no Protocolo da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para Violência (CURITIBA. Secretaria Municipal da Saúde, 2008) dados acerca das situações de risco, as quais estariam expostas as crianças e adolescentes em Curitiba, vejamos:

Em Curitiba, de acordo com o Banco de Dados da Rede de Proteção, no ano de 2006, houve notificação de 3.390 casos de violência, suspeita ou comprovada, contra crianças e adolescentes. Destes, 56,2% foram decorrentes de negligência. A segunda forma de violência mais notificada foi a física (20,4%), a terceira foi a sexual (14,3%), a quarta foi a psicológica (5,9%) e a quinta foi o abandono (3,3%). Do total de notificações, 90% ocorreram no espaço doméstico (CURITIBA. Secretaria Municipal da Saúde, 2008, p.11, grifo nosso).

O que queremos destacar com a apresentação desses dados é a constatação de que a grande maioria das situações de violações de direitos se apresenta na forma de negligência, que, por definição, se refere justamente à falta de cuidados e atenção, indo na contramão do que vimos ser fundamental para o desenvolvimento emocional saudável da criança. Também chamamos atenção para o fato de que quase a totalidade dessa violação de direitos ocorrer no espaço doméstico, ambiente no qual usualmente se pressupõe que a criança ou o adolescente estariam seguros e protegidos. Tais fatos nos levam a questionar de que forma essas funções tão basais do ambiente familiar deixariam de ser realizadas, requerendo uma intervenção externa para que direitos básicos sejam assegurados às crianças e adolescentes.

As denúncias e as notificações de suspeitas ou confirmações de violência praticada contra crianças e adolescentes são obrigatórias de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL,1990) e, quando realizadas, desencadeiam uma série de medidas protetivas, que podem variar desde orientação e acompanhamento familiar até a intervenção judicial.

Quando tais intervenções são requeridas ao Poder Judiciário, usualmente a partir de notificação encaminhada ao Ministério Público pelo Conselho Tutelar ou

outro setor da Rede de Proteção, é possível verificar que, na maioria das vezes, as ações anteriormente executadas para a proteção da criança e/ou adolescente não foram suficientes, quer tenham sido elas efetuadas pela família de origem, família extensa ou pelos diversos órgãos integrantes do Sistema de Garantias de Direitos (SDG).¹⁸

De acordo com o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), em seu artigo 2º da resolução nº113, posteriormente retificada pela Resolução nº 117, a função do SDG é:

(...) promover, defender e controlar a efetivação dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais, coletivos e difusos, em sua integralidade em favor de todas as crianças e adolescentes, de modo que sejam reconhecidos e respeitados como sujeitos de direitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento; colocando-os a salvo de ameaças e violações a quaisquer de seus direitos, além de garantir a apuração e reparação dessas ameaças e violações (BRASIL, CONANDA, 2006, grifo nosso).

Tal resolução, como vimos, ratifica o que a própria psicanálise dispõe a respeito da particularidade do processo de desenvolvimento que é experienciado pela criança e pelo adolescente, indicando que não podem ser vistos apenas como objetos e sim como sujeitos, e aqui podemos acrescentar, de acordo com a referida teoria, que são sujeitos de desejos, determinações e potencialidades inconscientes.

Quando há uma situação de violação de direitos, diversas instâncias podem atuar conjuntamente para sua resolução, contudo, é atribuição do Juiz da Infância e Juventude, e também do Conselho Tutelar, a aplicação de medidas protetivas, com exceção das medidas de acolhimento institucional e familiar e de colocação em família substituta, que são de competência exclusiva do Juiz da Infância e Juventude.

Podemos localizar no ECA (BRASIL,1990) dois artigos que dispõem especificamente sobre as medidas a serem aplicadas caso haja situações de

¹⁸ De acordo com a Resolução nº 113, posteriormente retificada pela Resolução nº 117, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, o sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente é definido pelo artigo 1º, caput, na "(...) articulação e integração das instâncias públicas governamentais e da sociedade civil, na aplicação de instrumentos normativos e no funcionamento dos mecanismos de promoção, defesa e controle para a efetivação dos direitos humanos da criança e do adolescente, nos níveis Federal, Estadual, Distrital e Municipal" (BRASIL, 2006).

violação de direitos. No artigo 101 elas são denominadas “Medidas de Proteção” e são dispostas da seguinte maneira:

- I- encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade;
- II- orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III- matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;
- IV- inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente;
- V- requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial;
- VI- inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos;
- VII- acolhimento institucional; inclusão em programa de acolhimento familiar;
- VIII - colocação em família substituta (BRASIL, 1990).

Por sua vez, as medidas previstas no artigo 129, do mesmo diploma legal, são denominadas “Medidas Pertinentes aos Pais ou Responsável” e estão dispostas nos seguintes incisos:

- I- encaminhamento a programa oficial ou comunitário de proteção à família;
- II- inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento à alcoólatras e toxicômanos;
- III – encaminhamento a tratamento psicológico ou psiquiátrico;
- IV- encaminhamento a cursos ou programas de orientação;
- V – obrigação de matricular o filho ou pupilo e acompanhar sua frequência e aproveitamento escolar;
- VI- obrigação de encaminhar a criança ou adolescente a tratamento especializado;
- VII – advertência;
- VIII- perda da guarda;
- IX – destituição da tutela;
- X – suspensão ou destituição do poder familiar (BRASIL, 1990).

Consideramos de fundamental importância a apresentação de tais medidas, uma vez que a atuação como psicóloga no NIAPVIJ está intrinsecamente vinculada a elas, em especial em decorrência dos encaminhamentos que nos são possíveis frente a uma situação de violação de direitos.

Conforme observamos, em diversos casos se faz necessária a intervenção judicial para que mais uma vez se busque o cumprimento da Doutrina da Proteção Integral da Criança e do Adolescente, tal como promulgado pela Lei 8.069/90 (ECA) em seu art. 1º. É também a referida Lei que preconiza em seu artigo 4º que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

Interessante destacarmos a necessidade de uma legislação que assegure os direitos básicos das crianças e adolescentes e atribua essa responsabilidade à família, comunidade e ao Estado. Podemos conjecturar que, assim como indicam Freud e Winnicott, tais questões não poderiam ser tomadas como previamente garantidas, de maneira mecânica e biologicista, sendo necessária a participação ativa dos envolvidos.

Uma vez esclarecidos os deveres estabelecidos pela Lei, o que podemos verificar é que as situações que são encaminhadas para a intervenção do NIAPVIJ possuem em comum o fato de evidenciarem possíveis falhas do ambiente, que naquele momento talvez não ofereceria à criança e ao adolescente as condições necessárias para seu desenvolvimento físico e/ou emocional. Notamos, também, que, justamente por evidenciarem lacunas tais situações requerem prioritariamente o (re) estabelecimento de um ambiente estável, para que o desenvolvimento emocional se inicie ou tenha continuidade.

Quando é constatada uma situação de risco, ocorrem tentativas de intervenção, inicialmente com o intuito de fortalecimento do grupo familiar para que ele possa exercer suas funções de proteção básica. Após a aplicação de tais medidas, é avaliado seu efeito na promoção de um ambiente relativamente seguro para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Em caso de ineficácia, outras medidas se mostram necessárias e então é aplicada a separação da criança ou adolescente desse ambiente que se mostrou instável e um grande risco para seu desenvolvimento.

Convém ressaltarmos que essa situação de risco é avaliada a partir do acompanhamento, intervenção e denúncias de diversos profissionais do Sistema de Garantias de Direitos, tais como escolas, unidades de saúde, conselhos tutelares, centros de referência de assistência social e também por meio de denúncias da comunidade em geral.

A situação de acolhimento institucional ou a inserção em programa de acolhimento familiar são previstas no ECA (BRASIL, 1990) como medidas protetivas excepcionais e provisórias, devendo sua duração ser breve, apenas o suficiente

para que ocorra o retorno familiar da criança ou adolescente em ambiente propício, ou, caso não haja essa possibilidade, ela seja encaminhada para colocação em família substituta na modalidade de guarda ou adoção.

O que podemos constatar em nossa prática diária é que ocorrem diversas dificuldades no retorno familiar dessas crianças e adolescentes, e que também são verificados percalços em sua colocação em família substituta, que por vezes tornam longo o período de acolhimento, o que inegavelmente provoca marcas no desenvolvimento emocional do indivíduo.

Tendo em vista que as crianças e os adolescentes cujas situações foram encaminhadas para o NIAPVIJ possivelmente já se defrontaram com falhas ambientais antes de ser solicitada nossa avaliação e acompanhamento; considerando-se que por vezes as medidas protetivas aplicadas não se mostram eficazes e o acolhimento institucional de tais crianças e adolescentes se faz necessário e pode culminar em sua colocação em família substituta na modalidade adoção, analisamos mais uma vez o papel do ambiente no desenvolvimento emocional do indivíduo.

Fazemos a ressalva de que, precipitadamente, poderíamos adotar a ideia de que, uma vez privadas de um ambiente suficientemente bom no início de seu desenvolvimento, as crianças encaminhadas para acompanhamento no NIAPVIJ teriam poucas chances de atingir um desenvolvimento emocional considerado como saudável, sob a perspectiva winnicottiana.

Porém, devemos lembrar que, para Winnicott, saúde não significa apenas uma ausência de doenças e sim a condição de um viver criativo e espontâneo. Tal perspectiva também pode direcionar nossa prática diária, que não precisa se limitar a uma busca por um enquadramento estabelecido externamente como melhor para aquela criança, mas sim se direcionar para a construção conjunta desse espaço juntamente com a criança, que, como vimos, é um sujeito de direitos, não negligenciando a participação indispensável do ambiente.

4.2 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS A UMA PRÁTICA

Diante das constatações que acabamos de apresentar, a perspectiva teórica desenvolvida por Winnicott nos parece trazer contribuições extremamente ricas, na medida em que o autor enfatiza a importância vital do ambiente para o desenvolvimento afetivo e emocional dos indivíduos. Destacamos também a referência basal na teorização freudiana que indica a importância das funções maternas para a constituição psíquica, inclusive no que diz respeito à demarcação do campo pulsional, às primeiras experiências de satisfação e como precursora das demais relações objetais, conforme vimos no primeiro capítulo dessa dissertação.

É importante lembrarmos que, ao apresentar sua teoria, Winnicott (1963a/1983) reconhece a importância da teorização psicanalítica acerca da construção psíquica em termos de progressão da vida instintiva do indivíduo, à fase oral, anal, fálica e genital, mencionando que foram estas ideias freudianas que o iniciaram em seu pensamento psicanalítico e que essa seria a teoria pela qual se orientaria.

É igualmente fundamental frisarmos a observação de Winnicott (1963a/1983) de que há um paradoxo na questão psicológica, pois inicialmente o lactente é, ao mesmo tempo, dependente e independente. O psicanalista inglês nos lembra de que há o que é herdado, incluindo os processos de maturação e talvez tendências patológicas que têm uma realidade própria que ninguém pode alterar, e destaca que ao mesmo tempo o processo maturativo depende para sua evolução da provisão ambiental, visto que, quando adequada, ela torna possível o progresso continuado dos processos de maturação.

No decorrer da sua obra, o psicanalista inglês deixou claro que o centro de gravidade do *ser* de um bebê se encontra na situação global, no conjunto ambiente-indivíduo, não se restringindo apenas ao infante, que ainda não possui condições para existir em separado. O autor asseverou ainda que seria, justamente, a partir de um ambiente suficientemente bom, por meio das técnicas do cuidado, da sustentação e do manejo, que ocorreria a conquista gradual de um espaço relacional, nas palavras do autor, transicional, no qual a emergência de um indivíduo se torna possível.

Sendo assim, nos propusemos a refletir sobre esse momento essencial no qual o indivíduo e o ambiente não poderiam ainda ser considerados separadamente, frisando que, mesmo se tratando de um momento muito primitivo do desenvolvimento emocional, compreendemos que ele não pode ser tomado como algo que ocorre da mesma maneira em todos os casos. Porém, representaria uma conquista, talvez a mais primária, que poderia estabelecer uma base para a jornada rumo à independência.

Apesar de considerarmos que questões primitivas podem estar presentes mesmo em momentos de desenvolvimentos mais tardios, para que possamos analisar com maior profundidade a importância do estabelecimento de tais condições para o desenvolvimento emocional, que, como vimos, em um ambiente suficientemente bom são estabelecidas em um momento muito inicial, propomos uma reflexão acerca da situação de bebês que são encaminhados para nosso acompanhamento no NIAPVIJ.

Cabe-nos mencionar que alguns desses bebês são acompanhados logo após seu nascimento, até mesmo diretamente na maternidade, diante de denúncias de grave negligência, geralmente relacionadas a não realização do acompanhamento pré-natal, ao consumo abusivo de substâncias entorpecentes¹⁹ por parte dos genitores, e à negligência com os demais aspectos do cuidado, saúde, e moradia.

Ressaltamos que não compreendemos existir uma resposta única para tal reflexão, evitando assim a ideia de causa e efeito que isso poderia gerar, e afirmamos nossa intenção em explorar algumas das diversas questões, conscientes e inconscientes, que podem estar relacionadas a tais situações.

Em um primeiro momento, gostaríamos de esclarecer que para nos referirmos às pessoas que deram à luz tais crianças, e que até o momento de nossa intervenção profissional não demonstraram desempenhar funções parentais, iremos utilizar o termo genitores, visando diferenciá-los dos pais, com o intuito de destacar

¹⁹ Ressaltamos que compreendemos que, para a psicanálise, a questão do uso de substâncias psicoativas não pode ser entendida a partir da reprodução de um discurso higienista e sim através do respeito à subjetividade e às determinações inconscientes do sujeito. Contudo, reconhecemos que a abordagem da toxicomania e suas particularidades extrapolaria o escopo da presente pesquisa. Dessa forma, iremos compreender o uso abusivo de substâncias psicoativas como potencialmente prejudicial para o desenvolvimento físico do bebê e também para seu desenvolvimento emocional, especialmente por geralmente representar um comprometimento libidinal na economia psíquica da mãe, dificultando que se dedique adequadamente aos cuidados do filho.

mais uma vez que tais funções não seriam estabelecidas por questões orgânicas e sim por meio do estabelecimento de vinculações afetivas.

Como vimos no capítulo anterior, Winnicott afirma reiteradas vezes que a mãe seria a pessoa mais indicada para cuidar de seu filho, alegando que tal fato se daria em decorrência de sua facilidade em se identificar com o bebê, que seria favorecida pela própria condição da gestação, considerando também seus aspectos físicos, como por exemplo, a sustentação que fornece ao bebê em seu útero.

Contudo, em nossa prática, é inevitável nos depararmos com a constatação já apresentada por Winnicott de que, ainda que facilitada por algumas condições fisiológicas, a maternidade não seria uma capacidade inata, o que se evidencia em nossos acompanhamentos de casos de algumas mulheres que, mesmo após engravidarem, não conseguem desempenhar essa importante função de *holding*, e nem ao menos demonstram condições de se identificarem com seus bebês, deixando-os relegados à própria sorte, muitas vezes sem qualquer tipo de atenção.

Simplesmente apresentar discursos condenatórios de tais atitudes seria raso e ineficaz, sendo-nos necessário dar um passo além, a fim de permitirmos que essas atitudes não sejam apenas vistas como fenômenos expressos em um campo objetivo, mas sim, e sempre, como possuidoras de determinações inconscientes.

Freud (1914/1996) já nos indicava que o modo como a criança seria tratada pelos pais corresponderia a uma revivescência do próprio narcisismo parental. Tal afirmação nos leva a refletir sobre essas genitoras, que em sua maioria apresentam histórias de abandono e negligência em seu próprio desenvolvimento, impelindo-nos a conjecturar se lhes seria possível reviver um narcisismo que nem ao menos foi devidamente experienciado.

Ou seja, o que verificamos com nossa prática é que, muitas vezes, essas mulheres, que deram à luz a essas crianças, e até o momento de nossa intervenção não haviam demonstrado desempenho satisfatório em suas funções maternas, não possuíam referências confiáveis do exercício de tal função, sendo possível constatar que elas mesmas apresentavam grandes marcas das privações as quais estiveram sujeitas.

A teoria winnicottiana também nos ensina que outro facilitador da identificação da mãe para com o seu bebê seria o próprio brincar que a mãe já vivenciou, no qual ela pode ter sido o bebê e também brincado de pai e mãe. De acordo com Winnicott (1968a/2013), a mãe igualmente pode ter regredido a um

comportamento de bebê quando adoecida e possivelmente também observou a própria mãe cuidar dos irmãos, assim como já pode ter lido livros a respeito de cuidados de bebês. Portanto, cabe-nos relatar a observação de que nos casos que acompanhamos também verificamos ser incomum para inúmeras dessas genitoras a capacidade para o brincar e o viver criativo, sendo-lhes difícil sequer relatar uma construção imaginária que teriam realizado sobre o desempenho das funções maternas.

Outro ponto para o qual chamamos atenção nesta reflexão é a afirmativa winnicottiana de que para que a mãe possa estar em um estado de preocupação materna primária, e dessa forma significar para o bebê um ambiente suficientemente bom, é necessário que ela própria esteja protegida pelo ambiente, de modo que possa se voltar para os cuidados do filho.

Durante o acompanhamento das situações que nos são encaminhadas, verificamos que a grande maioria dessas genitoras não possui tal apoio, não lhes sendo possível sustentar isoladamente a existência desse ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento de seu bebê.

Tais ponderações poderiam conduzir erroneamente a uma concepção destas mulheres apenas como vítimas de um ambiente que não lhes forneceu condições necessárias para o desempenho de suas funções. Para que isso não ocorra, recorremos a Abram (2000), que adverte que não podemos responsabilizar o ambiente pelo que acontece ao bebê em sua totalidade. E acrescentamos que, por consequência, o ambiente não poderia ser responsabilizado pelos comportamentos do adulto, uma vez que o ambiente tão somente fornece um prenúncio da experiência a ser considerada, podendo ser tanto danoso quanto facilitador ao desenvolvimento emocional.

Aqui também retomamos a formulação winnicottiana de que o ambiente, apesar de ser considerado indispensável para o desenvolvimento emocional, não é o único fator que deve ser levado em conta, frisando que a ele está associado um potencial herdado e aspectos constitucionais.

Winnicott (1962b/1983) nos lembra de que, mesmo recebendo o melhor cuidado do mundo, a criança ainda pode estar sujeita aos distúrbios associados com os conflitos originados da vida instintiva. Ainda assim, o psicanalista inglês enfatiza, assim como em diversos de seus artigos, que é necessária uma provisão ambiental suficientemente boa, de forma absoluta no princípio e relativa nos posteriores.

A teoria winnicottiana atesta que o ambiente não faz a criança, e que na melhor das hipóteses possibilita que concretize seu potencial. Dessa forma, destacamos que Winnicott (1963a/1983) nos ensina que a mãe e o pai não produzem um bebê como um artista produz um quadro, mas que apenas iniciam um processo de desenvolvimento que resulta em existir um habitante no corpo da mãe, depois em seus braços e após no lar proporcionado pelos pais. O psicanalista inglês afirma ainda que esse habitante se tornará algo que está fora do controle de qualquer um, indicando mais uma vez a importância das tendências hereditárias.

Realçamos a afirmação do psicanalista inglês de que de fato há certas condições que são indispensáveis para que o indivíduo comece a *ser*, mas que conclui que, ainda que esse processo de constituição do *ser* seja diferente caso as condições ambientais sejam favoráveis ou desfavoráveis, não são elas que determinam o potencial *vir-a-ser* do bebê, posto que este seria herdado, enfatizando que esse potencial não pode se tornar um bebê a menos que seja incluído o cuidado materno (WINNICOTT, 1960b/1983). Ainda a esse respeito, Winnicott (1956/2000) postula que os fatores constitucionais terão maior probabilidade de se manifestar quando o ambiente for adaptativo, o que nos indica mais uma vez a importância de não considerarmos o indivíduo de forma isolada de seu ambiente.

Podemos também afirmar, com base em nossa atuação profissional e em consonância com o que nos indica a teoria, que em alguns casos observamos que as genitoras, ao receberem encaminhamentos da Rede de Proteção, e especialmente quando contam com o apoio de seu ambiente familiar, sentem-se de fato mais protegidas e amparadas, retomam suas potencialidades e passam a desempenhar um cuidado materno satisfatório.

Nossa prática no NIAPVIJ nos impele a questionamentos acerca do que é possível ser feito quando nos deparamos com situações de violência que acometem crianças e adolescentes, e diante das angústias oriundas de tais questões, recorreremos mais uma vez a Winnicott (1958b/2011), que ao listar os motivos para o estudo dos primeiros estágios de desenvolvimento da personalidade, afirma:

(...) Uma boa proporção de mães e pais, em virtude de doenças sociais, familiares e pessoais não consegue fornecer à criança condições suficientemente boas à época de seu nascimento; nesses casos, espera-se de médicos e enfermeiras²⁰ que tenham a capacidade de entender, tratar ou mesmo prevenir esses distúrbios (...) (WINNICOTT, 1958b/2011, p. 4).

Sentimo-nos, portanto, amparados em nosso desafio diário de compreender melhor o desenvolvimento emocional infantil para que possamos ter maior clareza acerca dos elementos que operam em tal processo e, quem sabe, propormos ações que possibilitem sua ocorrência.

Não raro, a tentativa de compensação da dificuldade materna inicial de prover um ambiente suficientemente bom, através do fornecimento de um ambiente no qual possa ocorrer uma adaptação adequada, quer seja por meio de ações realizadas com a família de origem, acolhimento temporário em uma instituição ou da adoção, poderia ser compreendida como fadada ao fracasso, porque tais falhas pertenceriam a uma época anterior do desenvolvimento do indivíduo e já teriam provocado alterações derradeiras.

Contudo, Winnicott (1954/2000) nos fornece bases para a esperança ao considerar que é normal e saudável que o indivíduo seja capaz de defender o próprio *Eu* contra falhas ambientais específicas com o *congelamento da situação da falha* (Winnicott, 1954/2000, p. 378). Ao mesmo tempo, haveria a concepção inconsciente, que posteriormente pode se tornar uma experiência consciente, de que em algum momento futuro haverá oportunidade para uma nova experiência, na qual a situação da falha poderá ser descongelada e revivida, com o indivíduo num estado de regressão dentro de um ambiente capaz de promover a adaptação adequada.

Questionamo-nos, portanto: como poderíamos pensar esse ambiente em que esse descongelamento seria viável? Seria possível que, uma vez separada de sua família de origem a criança poderia retornar após algumas modificações no ambiente e dar sequência ao seu desenvolvimento? Ou seria possível que esse descongelamento ocorresse em uma instituição de acolhimento, desde que incluído um cuidado pessoal? E ainda, seria a adoção um espaço propício para tal? Como poderíamos fazer a avaliação do que seria um ambiente suficientemente bom em nossa atuação no NIAPVIJ?

²⁰ Entendemos ser possível estender tal compreensão também a psicólogos e demais profissionais que trabalham diretamente com tais crianças.

É o próprio Winnicott que nos conforta ao afirmar que não necessitamos ser sagazes ou ter o conhecimento teórico completo do desenvolvimento emocional, mas sim dar oportunidades para que pessoas certas conheçam crianças e pressintam, tal como a mãe suficientemente boa, suas necessidades, asseverando que o que uma criança necessita é de orientação e amor, e também de não ser tratada como adulto e sim como a criança que é (WINNICOTT, 1962b/1983).

E dessa forma, compreendemos que não seria a determinação rígida de um ambiente ideal que asseguraria a construção desse espaço em que tais modificações poderiam ser operadas, ainda que devamos sempre considerar suas principais características e funções, tal como amplamente exploradas no capítulo anterior desta dissertação.

Embora devamos nos lembrar de que ao discorrer sobre e a importância do cuidado por uma pessoa e por uma técnica pessoal, Winnicott (1945/2000) acrescenta que o bebê foi construído para ser cuidado desde o nascimento por sua própria mãe ou, na falta desta, por uma mãe adotiva e não por uma série de enfermeiras, ao considerarmos as situações de acolhimento institucional descritas acima, verificamos que tal situação ideal apresenta desvios com bastante frequência, sendo-nos necessário propor uma leitura ampla e contextualizada das formulações winnicottianas, ultrapassando a barreira que uma leitura simplista de seus textos poderia erroneamente nos conduzir.

A respeito das suas reiteradas afirmações sobre o fato de que a mãe do bebê seria a pessoa mais indicada para cuidar dele, Winnicott (1956/2000) justifica que esse estágio inicial de preocupação se assemelharia a uma psicose, mas que, contudo, seria uma condição organizada por haver de fato uma gravidez. Tal semelhança com o estado de dissociação psicótica se daria porque são observados retraimento, fuga e um estado esquizoide, sendo um quadro em que um aspecto da personalidade tomaria o poder temporariamente. Ainda a respeito de sua afirmação de que a mãe seria, a priori, a pessoa adequada para desempenhar essa delicada tarefa, Winnicott (1958b/2011) nos apresenta outro motivo, afirmando que seria a mãe quem, com maior probabilidade, entregar-se-ia à causa da criação do filho.

Frisamos, porém, que como afirmamos anteriormente, ainda que o psicanalista inglês apresente tais questões como facilitadoras do estado de preocupação primária a ser atingido pela mãe, elas não são garantidas apenas pelo

fator biológico constitucional, sendo necessário que diversos outros fatores concorram para seu desempenho adequado.

Devemos nos recordar ainda que o referido autor destaca também a transitoriedade desta condição, pois é de fundamental importância que a mãe possa, gradualmente, retomar seu estado independente do bebê, recuperando-se dessa sensibilidade exacerbada à medida que o bebê a libera. Winnicott (1956/2000) acrescenta que a mãe adotiva ou qualquer outra mulher capaz de apresentar esta condição organizada denominada preocupação materna primária, também estaria possivelmente em condições de se adaptar suficientemente bem, na medida da sua capacidade de se identificar com o bebê.

Tal afirmativa winnicottiana nos direciona para a necessidade de apresentarmos outra das tarefas que se impõe à nossa atuação profissional, que é a avaliação e a “preparação” de pessoas interessadas na adoção de crianças e adolescentes, por meio de entrevistas e encontros informativos e reflexivos.

Tal empreitada consiste em um desafio de grande magnitude, visto que nos coloca frente à impossibilidade de predizer comportamentos, tanto dos possíveis pais quanto das crianças, indicando-nos mais uma vez o que a teoria psicanalítica nos alerta, que seria somente a partir da vivência de uma experiência compartilhada que as coisas adquiririam um significado, ou seja, apenas quando houver o encontro de um pai e uma mãe com uma criança é que podemos falar em paternidade e filiação.

Frisamos que tal encontro não significa apenas a reunião de pessoas, mas sim, sua confluência para um mesmo ponto, considerando que ele não é previamente garantido também para filiações consanguíneas, sendo necessária sua construção.

Diante dessas observações, cabe-nos recorrer novamente à teoria winnicottiana, que atesta que as mães que não têm a tendência de prover cuidado suficientemente bom, não podem ser tornadas suficientemente boas pela simples instrução (Winnicott, 1960b/1983), ou seja, nos mostra que haveria uma dimensão que escapa aos ensinamentos técnicos, embora eles sejam importantes.

Dito de outra maneira, ensinar os cuidados, a higiene, a amamentação, o banho, a troca de fraldas, e demais particularidades do cuidado do bebê pode ser necessário e importante, mas não transforma automaticamente uma pessoa em

mãe, uma vez que, como vimos, para que isso ocorra é necessário primeiramente que ela se encontre num estado muito especial de identificação com seu bebê.

Outra questão que podemos observar em nossa prática se refere ao modo como, em inúmeros casos, as crianças que estão sendo inseridas em uma família adotiva manifestam comportamentos agressivos, que por vezes são interpretados pelos adotantes como rejeição, ao invés de compreendidos como inerentes e indispensáveis ao estabelecimento de relações, para as quais é de fundamental importância que o objeto sobreviva a esses ataques, tal como apresentamos no item 3.4.4.

Ocorre que, diante da dificuldade de alguns pretendentes à adoção em aceitar tais manifestações das crianças, uma relação não pode ser devidamente estabelecida e em alguns casos resulta na interrupção do processo de adoção e no conseqüente retorno da criança à instituição de acolhimento.

Consideramos primoroso destacarmos que compreendemos tais situações como de extremo risco, uma vez que, de acordo com a teoria winnicottiana apresentada no capítulo anterior, seria apenas a partir da presença de uma figura materna para receber a reparação diante de uma atitude instintual impiedosa que o sentimento de culpa oriundo de tal ação poderia sofrer uma modificação e adquirir o status de uma preocupação, um cuidado, expresso pelo termo *concern*. Retomamos a formulação de Winnicott (1963b/1983) de que quando tal transformação não é possível, quando não há possibilidade de reparação, restariam formas muito primitivas de culpa e ansiedade, e podemos constatar, com base em nossa prática no NIAPVIJ, quão frequentemente elas são identificadas nas crianças que se encontram em instituições de acolhimento, em especial, após terem seu processo de adoção interrompido.

Para não incorreremos nos descaminhos da desesperança, contudo, devemos nos lembrar dos ensinamentos winnicottianos, que nos direcionam para a busca de um viver criativo, no qual não seria possível desconsiderar o ambiente, mas também haveria espaço para a exploração das potencialidades de cada indivíduo. Ousamos ainda propor como referência a reflexão de que “o poder judiciário só deve separar as crianças dos pais naqueles casos em que a crueldade ou a negligência flagrantes despertam a consciência da sociedade” (WINNICOTT, 1959/2011, p. 114), sem nos esquecermos de que cada caso requer um estudo minucioso.

Tal consideração nos leva a refletir sobre esta condição estabelecida por Winnicott para o afastamento da criança de seus pais, levando-nos a ponderar se o despertar da consciência social se mostraria tão fundamental para essa separação, justamente porque dele poderia advir um sentimento de preocupação com os cuidados da criança, que poderia, ainda que rudimentarmente, assemelhar-se ao estado de preocupação materna primária tão fundamental para o desenvolvimento emocional.

4.3 UM RECURSO ADICIONAL – OU SERIA TRANSICIONAL?

Após termos apresentado algumas referências às situações acompanhadas no NIAPVIJ, sentimos a necessidade de recorrer a alguns exemplos da literatura para melhor aprofundarmos nossas reflexões acerca dos momentos muito primitivos da constituição subjetiva.

O recurso à literatura se faz presente na teoria psicanalítica desde seus primórdios, tal como podemos verificar já nas referências apresentadas por Freud (1900/1996) a *Édipo Rei* e *Hamlet* em *A interpretação dos Sonhos*. Também é desta época uma das análises mais aprofundadas do referido autor acerca de uma obra literária, *Gradiva*, escrita pelo dramaturgo e romancista alemão Jensen (FREUD, 1907[1906]/1996).

No referido texto, o psicanalista faz uso da obra literária para explicar suas recém-apresentadas formulações sobre as construções oníricas e justifica que, diante da controversa importância atribuída aos sonhos pela comunidade científica da época, ele sustentava sua ideia de que o sonho seria uma produção psíquica que possuiria significado e que seria passível de interpretação no espaço analítico ao lado das crenças da superstição e da Antiguidade, embora ressalte que não considerava, como fazia a sabedoria popular, as produções oníricas como simples presságios do futuro.

Ainda visando sustentar sua posição a esse respeito, Freud (1907[1906]/1996) situa que os escritores imaginativos também dariam indícios de uma posição semelhante a que ele estava assumindo. Para explicar sua associação, Freud argumenta que ao fazer sonhar os personagens construídos por sua

imaginação o escritor seguiria a experiência cotidiana de que os pensamentos e sentimentos das pessoas teriam prosseguimento no sonho, com o objetivo de retratar o estado de espírito de seus heróis através de seus sonhos.

O referido psicanalista destaca:

E os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (FREUD, (1907[1906]/1996, p. 20).

Sendo assim, nos propomos nesta subseção a fazer uso desse conhecimento da mente encontrado nas produções culturais, inclusive por considerarmos-las como pertencentes ao espaço intermediário entre a fantasia e realidade, espaço este que como vimos tem seu início em um momento muito primitivo do desenvolvimento emocional do indivíduo, e depende das provisões ambientais. Por fim, consideramos válido o retorno a conhecidas obras literárias uma vez que o próprio Winnicott nos ensina que “em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição” (WINNICOTT, 1967a/1975, p. 138).

O próprio Winnicott (1952b/2000), ao discorrer sobre a fragilidade do *Eu* durante o processo de integração, atesta que, do ponto de vista do bebê, a personalidade não tem seu início como algo completo, e para tal faz referência ao personagem *Humpty Dumpty* para retratar alguém que teria acabado de alcançar a integração e se tornado um único todo.

Para o psicanalista inglês, o personagem representaria alguém que teria recém-emergido do conjunto ambiente-indivíduo e se veria sentado em cima do muro, onde não estaria mais sendo sustentado com devoção pelo ambiente. O autor observa que *Humpty Dumpty* estaria em um momento muito precário do seu desenvolvimento emocional, de extrema vulnerabilidade a uma desintegração irreversível, e assim nos ensina que a junção dos fragmentos, inerente ao processo de integração, é um momento frágil.

Diante da importância atribuída na obra winnicottiana à compreensão do processo de integração experienciado pelo indivíduo, e por entendermos que ela se mostra de extrema valia para que possamos compreender melhor os desafios de

nossa prática com crianças em situação de risco, aprofundaremos nossas reflexões acerca da analogia apresentada.

*Humpty Dumpty*²¹ é um conhecido personagem de uma cantiga da língua inglesa, que também se faz presente na conhecida obra literária de Lewis Carroll, *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*, publicada em 1872, como continuação de sua obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*.

Começemos, pois, pela cantiga infantil:

Humpty Dumpty sentou-se em um muro
Humpty Dumty caiu no chão duro
E todos os homens e cavalos do rei
Não conseguiram juntá-lo outra vez!²²

Essa pequena estrofe muito está relacionada com o que Winnicott expôs em sua teoria acerca do desenvolvimento emocional primitivo, que como sabemos foi impulsionada por sua prática clínica. Podemos pensar que, assim como o personagem, o indivíduo pode apresentar essa fragilidade no processo de integração que pode acarretar em uma desintegração irreversível, tal como vimos na rima.

Acrescentamos a afirmação winnicottiana que, no percurso do bebê da dependência absoluta rumo à independência, é de fundamental importância que a desadaptação da mãe ocorra de maneira gradativa, respeitando os sinais fornecidos pelo próprio indivíduo que está emergindo do conjunto ambiente-indivíduo. Destacamos também que, de acordo com Winnicott, não podemos entender as conquistas do desenvolvimento emocional como permanentes e absolutas, o que indica que certa “desintegração” é passível de ocorrer com todos nós.

Consideramos ainda os ensinamentos do referido autor que postula que, quando esta desadaptação é feita de maneira abrupta, o ambiente pode ser sentido pelo bebê como intrusivo, exigindo dele uma reação e interrompendo sua continuidade de *ser*. Não por acaso Winnicott afirma que essas reações estão relacionadas às ameaças de aniquilação sentidas pelo *Eu* ainda muito incipiente.

²¹De acordo com a tradutora da obra de Lewis Carroll utilizada para a confecção do presente trabalho, Maria Luiza X. de A. Borges: “Em inglês a expressão “Humpty-Dumpty” é usada como termo ofensivo para alguém ‘baixinho e gordo’ ” e haveria inúmeras versões para a origem da expressão, entre elas a própria cantiga infantil, datada no final do século XVIII.

²² No original: Humpty Dumpty sat on a wall/ Humpty Dumpty had a great fall/
And all the king's horses and all the king's men/ Couldn't put Humpty together again

Em um de seus artigos, Winnicott (1960b/1983) assevera que seria justamente através do acúmulo de recordações do cuidado, da projeção de necessidades pessoais, da introjeção de detalhes deste cuidado e do desenvolvimento da confiança no ambiente que o indivíduo se tornaria capaz de se defrontar com o mundo e suas complexidades de maneira gradativa. Tal percurso lhe possibilitaria ver no mundo o que já reconhece como presente em si próprio, levando-o a se identificar com a sociedade, mas permitindo-lhe preservar uma existência pessoal satisfatória, o que tomaria forma mais definida no estágio da independência relativa, que, como vimos, é muito mais uma direção a ser seguida do que um fim a ser atingido pelo indivíduo.

Também nos é possível conjecturar se tal rompimento não poderia ter acontecido em virtude da magnitude da “queda”, para a qual o bebê não estava ainda preparado. Essa questão da intensidade do estímulo com o qual o bebê pode lidar em tão preliminar fase de seu desenvolvimento já foi expressa por Freud, como vimos no item 2.3.

A cantiga se encerra a partir da conclusão de que nem todos os homens e cavalos do Rei conseguiram juntar os pedaços do personagem, o que nos leva a pensar sobre essa impossibilidade e, principalmente, se ela deve ser transposta para a clínica e, em especial, para o trabalho realizado no NIAPVIJ com crianças e adolescentes que por vezes são encaminhados em um momento em que suas fragilidades alcançaram o ponto máximo.

Outro fato que nos chama a atenção na cantiga é a colocação de que tal integração não ocorreu apesar das ações de homens e cavalos do Rei, levando-nos a deduzir que estes haviam sido designados para tal tarefa. Ou seja, alguém externo teria determinado a terceiros que “juntassem os pedaços” de *Humpty Dumpty*, situação que em muito se assemelha às determinações de intervenção junto às crianças e suas famílias no contexto do Poder Judiciário, que muitas vezes apresenta implicitamente as determinações: “conserte-as”, “junte seus pedaços”.

Verificamos na prática a ineficácia de tais intervenções uma vez que para que haja um ambiente suficientemente bom para que o desenvolvimento emocional siga seu curso é necessária a participação ativa dos integrantes desse conjunto ambiente-indivíduo e, como vimos, também do meio que os circunda, sendo necessário ressaltar que essa tendência à integração e ao estabelecimento de um

indivíduo distinto não é externa ao sujeito e nem pode ser determinada a partir de terceiros, mas deve ser construída a partir de uma experiência compartilhada.

Assim, cabe-nos hipotetizar que, se ao invés de homens e cavalos do rei, *Humpty* tivesse sido atendido por um cuidado pessoal, com destaque à dimensão afetiva desse cuidado, preferencialmente desempenhado por alguém em condições de desenvolver o estado especial de preocupação ao qual Winnicott (1956/2000) denominou de *Preocupação Materna Primária*, a situação poderia ter tido outro desfecho, lembrando-nos sempre que não podemos esquecer o potencial ao desenvolvimento emocional que existe em cada um.

Como mencionado anteriormente, esse enigmático personagem também se faz presente na obra Lewis Carrol. Em seu livro *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá* (1872), o referido autor dedica um capítulo para o relato do encontro de Alice com *Humpty Dumpty*.

No livro em questão, Lewis Carrol narra a jornada de Alice por um mundo mágico que a menina encontra ao atravessar o espelho de sua casa, um mundo que seria repleto de fantasia e personagens enigmáticos, no qual ela teria um percurso a fazer para se tornar uma rainha, tal como aquelas vistas em um jogo de xadrez. No começo do livro a menina está a conversar com suas gatinhas de estimação, propondo-lhes brincadeiras nas quais deveriam fazer de conta que seriam rainhas. Ao final do livro Alice acorda em sua casa com uma das gatinhas em suas mãos, queixando-se que seu sonho havia sido interrompido e dá continuidade a alguns discursos originados no ambiente de suas aventuras, demonstrando não realizar uma separação completa de suas experiências oníricas e de sua realidade. Seus animais de estimação haviam se transformado nos personagens do sonho, levando Alice a se questionar se eles também estariam sonhando, se eles fariam parte do sonho dela ou ainda, se ela teria feito parte do sonho deles.

Tal construção literária nos remete à observação freudiana que expusemos no início dessa subseção que nos indica que ao mencionar os sonhos de seus personagens o escritor reconhece a importância de tais construções. Podemos verificar também que o sonho de Alice teria sido construído em relação com seus devaneios, dando-lhes expressão.

No que se refere especificamente ao encontro de Alice com *Humpty Dumpty*, o autor nos presenteia com uma rica experiência que podemos compreender em termos do desenvolvimento emocional primitivo. O contato entre os dois

personagens se deu em uma loja, na qual o ovo estaria à venda e a menina interessada inicialmente em comprá-lo.

Quando Alice o visualizou sentado em cima de um estreito muro e percebeu que ao se aproximar ele ficava cada vez maior e com traços humanos, com olhos, nariz e boca, viu que ele se tratava do famoso personagem da rima infantil, o próprio *Humpty Dumpty*.

Mesmo com sua proximidade a menina observou que o ovo mantinha os olhos fixos na direção oposta e que não tomava conhecimento de sua presença, o que a fez pensar que se trataria de alguém presunçoso.

Quando Alice verbalizou sua constatação de que de fato aquele enigmático personagem pareceria um ovo, ele teria dito, sem lhe dirigir o olhar, que ser chamado de ovo o irritava, acrescentando que certas pessoas demonstravam não possuir mais juízo do que um bebê. Em seguida, a menina demonstrou estar incomodada por considerar que aquilo não se assemelhava a uma conversa, pois, ao falar, *Humpty Dumpty* não se dirigia a ela.

Tal excerto do diálogo nos chamou atenção porque nos possibilitou pensar que para que ocorra de fato uma comunicação é necessário que haja o reconhecimento do outro, viabilizando que houvesse entre eles uma troca, tal como vimos ser construída entre uma mãe e seu bebê no item 3.4.2 deste trabalho, cabendo-nos fazer a ressalva de que uma comunicação não pode ser restrita apenas aos aspectos linguísticos de uma fala. Podemos dizer que *Humpty Dumpty* falava, porém, não demonstrava estar se comunicando com Alice.

Outra questão que nos chama a atenção é a maneira como o personagem se sentiu incomodado diante da afirmação de Alice de que ele pareceria com um ovo, como se aquilo de certa maneira o determinasse, desconsiderasse suas potencialidades e o limitasse. Ainda no tocante a essa conversa inicial, destacamos a afirmação de *Humpty Dumpty* de que certas pessoas pareciam não ter mais juízo que um bebê, uma vez que nos indica que a “aquisição do juízo” seria uma conquista, que não estaria presente em uma fase inicial do desenvolvimento humano.

Na sequência da história, a menina se lembrou da cantiga infantil, aquela que apresentamos anteriormente, e como não havia sido estabelecida uma comunicação com o enigmático ovo, Alice repetiu-a para si mesma fazendo um comentário logo a seguir. Neste momento *Humpty Dumpty* a advertiu para que não

falasse sozinha e solicitou que se apresentasse falando seu nome e ocupação. Ao ouvir o nome de Alice, *Humpty Dumpty* o considerou como um nome bobo, questionando-lhe sobre seu significado. A menina, porém, questionou a necessidade de um nome significar alguma coisa, ao que *Humpty* imediatamente respondeu que seu nome, por exemplo, significava seu formato, alegando que ela, com o nome que tinha, poderia possuir qualquer formato.

Esse trecho da conversa nos indica a função de denominação do nome, pois o personagem atesta que seria ele que propiciaria seu reconhecimento. Podemos conjecturar que tal afirmação estaria de acordo com a perspectiva psicanalítica, visto que nos indica ser impossível situar a existência de alguém apenas a partir de seu nascimento, afirmando que para que alguém possa *ser* é necessário, dentre outros inúmeros fatores, que alguém nele invista, nomeando-o, dando-lhe contorno, a partir de esperanças, desejos e fantasias.

Após terem sido realizadas as apresentações, Alice adverte *Humpty Dumpty* sobre o risco que ele corria por estar sentado em um muro tão estreito, em clara referência à rima infantil, e obtém como resposta do referido personagem que ele não cairia, e que, caso isso acontecesse, o Rei lhe prometera que mandaria todos os seus cavalos e homens para levantá-lo em um segundo. Novamente, em referência explícita à tão famosa rima, ao que Alice riu-se, lembrando do desfecho, de que nem todos os cavalos e cavaleiros do Rei teriam conseguido juntar os pedaços do personagem.

Ao despedirem-se, Alice e *Humpty Dumpty* tiveram o seguinte diálogo:

‘Adeus, até a próxima!’ disse [Alice] no tom mais jovial que pôde.
 ‘Eu não a reconheceria se nós nos encontrássemos’, *Humpty Dumpty* respondeu num tom desgostoso, dando-lhe um de seus dedos para ela apertar: ‘você é tão exatamente igual às outras pessoas’.
 ‘Em geral é o *rostro* que conta’, Alice observou, pensativa.
 ‘É justamente do que me queixo’, disse *Humpty Dumpty*. ‘Seu rosto é igual ao de todo mundo...os dois olhos, tão...’(marcando o lugar deles no ar com o polegar) ‘nariz no meio, boca embaixo. É sempre a mesma coisa. Agora, se você tivesse dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca no alto... isso seria de alguma ajuda’ (CARROLL, 19872, p. 252).

Tal excerto nos conduz a uma reflexão acerca da precariedade da organização psíquica novamente retratada através do personagem *Humpty Dumpty*, que não demonstra ter estabelecido uma distinção satisfatória entre o *Eu* e o *não-Eu*, de modo que não lhe seria possível reconhecer o outro em um reencontro.

Winnicott (1967b/1975, 1968a/2013) irá nos indicar que o bebê faria o uso do rosto da mãe como um espelho, no qual veria a si próprio quando as condições fossem favoráveis. Assim, consideramos útil também retomar a assertiva apresentada pelo autor em seu artigo sobre o papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil, no qual afirma que, talvez, ao mamar, o bebê ao invés de olhar para o seio, olhe para o rosto da mãe, considerando que geralmente o que ele veria seria ele mesmo, pois a mãe estaria olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece estaria relacionado com o que ela vê ali (WINNICOTT, 1967b/1975).

Também é possível retomarmos a formulação winnicottiana de que para que haja uma identificação do bebê com sua mãe que possibilite uma paulatina diferenciação entre eles, é necessária certa consistência egóica, que paradoxalmente só é construída ao longo do tempo através de um estado de dependência absoluta, no qual o ego da mãe está identificado ao ego do bebê, lhe apoiando.

Podemos pensar que na situação retratada pelo personagem *Humpty Dumpty* além de verificarmos dificuldade no processo de integração, também houve falhas em seus processos de personalização e realização, uma vez que não demonstra possuir uma unidade psique-soma e tampouco apresenta consciência dos aspectos da realidade, não sabendo reconhecê-los considerando aspectos do tempo e espaço, fazendo um uso precário da ilusão.

4.4 A DIMENSÃO AFETIVA NO ESTABELECIMENTO DE RELAÇÕES - UMA CONQUISTA

Já afirmamos anteriormente que não seria possível a efetivação desse processo de desenvolvimento emocional sem que fosse considerada sua dimensão afetiva e visando atestar a importância do afeto no estabelecimento de relações faremos uso de um trecho do mundialmente conhecido livro de Antoine Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe*:

E foi então que apareceu a raposa:

- Bom dia - disse a raposa.
 - Bom dia - respondeu polidamente príncipezinho, que se voltou, mas não viu nada.
 - Eu estou aqui - disse a voz, debaixo da macieira...
 - Quem és tu? - perguntou o príncipezinho. - Tu és bem bonita...
 - Sou uma raposa - disse a raposa.
 - Vem brincar comigo - propôs o príncipezinho. - Estou tão triste...
 - Eu não posso brincar contigo - disse a raposa. - Não me cativaram ainda.
 - Ah! Desculpa - disse o príncipezinho.
- Após uma reflexão, acrescentou:
- Que quer dizer "cativar"?
 - Tu não és daqui - disse a raposa. - Que procuras?
 - Procuo os homens - disse o pequeno príncipe. - Que quer dizer "cativar"?
 - Os homens - disse a raposa - têm fuzis e caçam. É bem opressor! Criam galinhas também. É a única coisa interessante que eles fazem. Tu procuras galinhas?
 - Não - disse o príncipe. - Eu procuro amigos. Que quer dizer "cativar"?
 - É uma coisa muito esquecida - disse a raposa. Significa "criar laços"...
 - Criar laços?
 - Exatamente - disse a raposa. - Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo... (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.92).

E na sequência, após falar-lhe sobre a vida monótona que possui, a raposa faz um apelo ao pequeno príncipe:

- Por favor... cativa-me! – disse ela.
 - Bem quisera – disse o príncipezinho – mas eu não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.
 - A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa. – Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!
 - Que é preciso fazer? – perguntou o príncipezinho.
 - É preciso ser paciente – respondeu a raposa. – Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto...
- No dia seguinte o príncipezinho voltou.
- Teria sido melhor se voltasses à mesma hora – disse a raposa. – Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração... É preciso ritos (SAINT-EXUPÉRY, 1943, p.94).

Com base no primeiro excerto apresentado, propomos uma reflexão acerca da especificidade da condição de “cativar” como um requisito para o estabelecimento de um tipo especial de relação e sugerimos que tal proposta seja estendida aos interessados em assumir uma relação de parentalidade com os filhos,

quer sejam eles consanguíneos ou adotivos. Conforme nos indica a história, e em consonância com o promulgado pela teoria psicanalítica de Freud e Winnicott, não haveria qualquer possibilidade de estabelecimento de relações sem que haja essa disposição especial, esse investimento libidinal.

Entretanto, por vezes o que presenciamos em nossa prática diária vai ao encontro do apresentado pela raposa no segundo trecho selecionado, ao nos depararmos com pessoas que tratam a questão da adoção como se fosse um “mercado de crianças”, no qual poderiam fazer suas escolhas de acordo com suas preferências pessoais, chegando ao ponto de inclusive devolver “a mercadoria” caso não os agrade.

Por fim, destacamos o último fragmento do texto apresentado, que pode ser considerado um retrato do que Winnicott propõe acerca da importância da continuidade do ambiente para o desenvolvimento emocional do bebê, de modo que lhe possibilite confiabilidade. Lembremo-nos que o psicanalista inglês considera que as crianças estariam preparadas para lidar com fatores adversos e que seria a imprevisibilidade que lhes poderia ser traumática (WINNICOTT, 1959/2011).

Winnicott (1968) irá definir a comunicação estabelecida entre a mãe e o bebê como sendo silenciosa uma vez que observa que, ao fornecer um ambiente suficientemente bom no qual as tendências inatas do bebê podem se desenvolver, a mãe estaria comunicando ao seu filho que é confiável, que sabe do que ele precisa e que estaria atenta, preocupada, e buscaria providenciar o que ele deseja. Dessa forma, o bebê registraria os efeitos dessa confiabilidade, e teria a sensação de segurança e de ter sido amado.

Interessante frisarmos que Plastino (2001) observa que Freud, ao se dedicar a questões da constituição de subjetividade, em especial através de sua teorização da identificação primária, também destaca a participação dos processos afetivos de apreensão, que seriam sustentados por experiências emocionais e corporais e que gerariam uma compreensão que não seria da ordem do entendimento e também suscitariam um sentido que não corresponderia à significação intelectual.

Ao longo da reflexão que propusemos para este capítulo, pudemos constatar a importância basal da capacidade de estabelecimento de vínculos afetivos para o desenvolvimento emocional, sendo para isso necessário que se estabeleça uma identificação entre a mãe e o bebê, que estaria intrinsecamente relacionada à capacidade da mãe de fantasiar e desejar o seu bebê, que como vimos depende das

vivências que ela própria teve e que construíram seu narcisismo e também do suporte ambiental com que pode contar, tanto em sua infância quanto em sua vida adulta. Seria essa identificação que lhe propiciaria antecipar que ali de fato haveria um indivíduo em potencial, sendo que para sua emergência seria necessária a sustentação materna de uma não-integração primária para que então as tendências inatas possam ter sua expressão e desenvolvimento.



ILUSTRAÇÃO 4 - Klimt, G. Stoclet Frieze - **A árvore da vida**, 1904. Série de três mosaicos – Museu de Artes Aplicadas – Vienna, Áustria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após termos finalizado a escritura deste trabalho, verificamos que ele possui uma estrutura semelhante a uma árvore, uma vez que possui as raízes freudianas que foram apresentadas no primeiro capítulo; o tronco e os galhos, que para nós representam uma expansão e ao mesmo tempo sustentação, a partir da teoria de Winnicott; e os frutos que corresponderiam às articulações realizadas e colhidas através da prática, conforme apresentamos no último capítulo. Tal analogia nos permite ponderar a diferenciada extensão do segundo capítulo em comparação com os demais, haja vista que sentimos a necessidade de um aprofundamento maior em tal teoria, que amparou tantas reflexões. Outro ponto que destacamos a esse respeito é a própria característica da obra winnicottiana, que é extensa e não apresenta uma sistematização realizada pelo seu autor, delegando esse desafio ao seu leitor.

Para que possamos delinear com maior precisão o caminho que percorremos nessa dissertação, consideramos de fundamental importância lembrar as questões que nos conduziram à sua realização. Dessa forma, destacamos que este trabalho é oriundo de inquietações que a prática diária como psicóloga no NIAPVIJ nos impõe, sendo-nos possível afirmar que a principal delas se refere ao modo como a subjetividade emergiria, trazendo consigo um indivíduo, (in)capaz de se relacionar com o mundo de múltiplas maneiras.

Ao nos depararmos com crianças que são afastadas de suas famílias de origem por estarem em um ambiente considerado como insuficiente pela Rede de Proteção local, nos encontramos em um grande dilema acerca do que pode ser considerado com um ambiente suficientemente bom e, mais ainda, qual seria sua importância para o desenvolvimento emocional. Tal questionamento coloca em evidência nosso posicionamento profissional, que como bem sabemos, deve ser sustentado em uma teoria, ainda que não se prenda a ela de forma mecanicista.

Sendo assim, nos vimos impelidas a buscar referenciais teóricos que pudessem auxiliar no exercício de nossa prática, e para tal selecionamos inicialmente textos freudianos que versam sobre a questão da constituição psíquica e, especialmente, sobre a maneira pela qual as relações objetais estariam inseridas em tal processo. A partir desse movimento nos deparamos com um universo vasto e

podemos acompanhar a evolução das descobertas de Freud a respeito, e também assinalar aquelas questões que a obra freudiana deixou em estágio embrionário e que foram posteriormente desenvolvidas sob a perspectiva de Donald Woods Winnicott.

Também nos foi possível notar que Freud, apesar de se dedicar majoritariamente ao estudo das relações objetais infantis e elucidá-las especialmente através de suas formulações relativas ao Complexo de Édipo, também faz inúmeras referências sobre o estabelecimento de relações anteriores a este período, indicando que elas também produzem efeitos na construção da subjetividade.

Primeiramente, destacamos a necessidade de reconhecimento da sexualidade como estruturante do psiquismo, e a particularidade que tem em ser construída e organizada pelo prazer, o que extrapolaria o campo das necessidades biológicas, apesar de tê-las como apoio inicialmente. Também é a partir das conceituações freudianas sobre a sexualidade apresentadas neste trabalho, que nos é possível ressaltar as funções maternas como imprescindíveis para o desenvolvimento psíquico, levando-nos ao questionamento acerca da qualidade dessa alteridade e os efeitos que ela produz.

Convém indicarmos que essa formulação se apresenta como uma importante ponte para a nossa leitura da obra de Winnicott, tendo em vista que o referido autor se dedica ao estudo da provisão ambiental e a inclui em sua formulação acerca do desenvolvimento emocional, tomando o cuidado fisiológico, vinculado à nutrição, como o protótipo do cuidado afetivo.

Quando destacamos a constatação de Freud de que inicialmente a satisfação é obtida através de um circuito alucinatório, verificamos que tal postulado possui ecos nas formulações winnicottianas, que irão introduzir o fenômeno da transicionalidade como um meio que possibilita a passagem de um funcionamento alucinatório para o encontro com a exterioridade.

Interessante notar que a consideração freudiana acerca da função do pensamento como um substituto do desejo alucinatório também pode ser relacionada com a teoria de Winnicott, visto que em ambas a motilidade é tida como uma importante via de descarga, sendo também responsável pelos contornos que serão atribuídos ao indivíduo ao se encontrar com as resistências do mundo externo.

Pudemos pensar a pulsão como algo não pertencente ao campo natural, como não estabelecida claramente para o bebê desde o princípio de sua vida, mas sim como algo que emerge entre a urgência de uma necessidade vital e satisfação ou frustração provida pela mãe/ambiente.

Sendo assim, compreendemos que neste encontro e desencontro entre a necessidade e sua satisfação, é inaugurada a economia pulsional, o que nos possibilita novamente uma aproximação entre as teorias de Freud e Winnicott ao compreendermos que para Freud também só faria sentido tratar desta dinâmica pulsional uma vez que ela já estaria inserida no campo de uma *Natureza Humana*²³.

Uma questão que exigiu nossa atenção foi a demarcação freudiana referente ao autoerotismo, que seria uma forma de obtenção de satisfação muito inicial e dispensaria o uso de objetos externos para tal. O referido postulado nos levou a questionar a particular situação de indiferenciação em que se encontra o bebê em uma fase preliminar de sua vida, quando ainda não lhe é possível distinguir o que lhe é externo do que lhe é interno. Tal questionamento nos indicou que, mesmo que Freud afirme que no autoerotismo não há o uso de objetos externos na obtenção de satisfação, podemos refletir se os objetos iniciais, inclusive a própria mãe, que proporcionam satisfação ao bebê, não seriam também compreendidos por ele como integrantes de seu próprio *Eu*, sendo diferenciados apenas em etapas posteriores de seu desenvolvimento.

Consideramos válido mencionar que Winnicott também se dedica ao estudo desse momento inicial de indiferenciação *Eu/ não-Eu*, inserindo a ideia de um objeto subjetivo inicial que apenas gradativamente seria reconhecido como fazendo parte da realidade externa, a partir do estabelecimento de um ambiente favorável que propicie um espaço para a transicionalidade.

As considerações freudianas referentes ao modo de satisfação auto-erótica, tão presente nas fases iniciais da vida e que nunca é abandonado por completo, estão intimamente vinculadas às referências à fase oral e ao modo canibalesco de relação com o objeto, que é, ao mesmo tempo, devorado e mantido via incorporação. Esse paradoxo na relação com o objeto, presente já em fases pré-genitais do desenvolvimento libidinal, se fez *mister* para nossa compreensão da

²³ Convém explicarmos que fazemos uso dessa expressão em referência à obra winnicottiana de mesmo nome. No livro em questão, Winnicott situa que seu estudo diz respeito à natureza humana, na qual estariam incluídas diversas experiências do indivíduo desde momentos muito primitivos de sua constituição.

identificação e da agressividade e seus papéis na constituição psíquica, e nos possibilitou localizar ressonâncias dessa formulação na teoria winnicottiana que se dedica às investigações sobre a identificação primária e a função estruturante da agressividade, inclusive no que se refere ao processo de diferenciação *Eu/objeto* e ao reconhecimento do objeto como externo.

Ao afirmar que a identificação da criança com os pais seria um fenômeno direto e imediato anterior à catexia objetal, Freud nos indica a possibilidade de expandirmos nossa compreensão acerca do fenômeno da identificação, e encontramos em Winnicott apoio para tal aprofundamento. Ainda no que se refere à identificação, localizamos na teoria freudiana o postulado de que ela poderia ser a condição na qual o *Eu* abandonaria os objetos ao mesmo tempo em que os internalizaria através da incorporação, e constatamos que tal afirmação se apresenta em consonância com as formulações winnicottianas acerca da importância da sobrevivência do objeto para que seja estabelecida outra forma de relação com ele.

Esse movimento característico de uma relação primitiva do *Eu* com os objetos, que é realçado por ambas as teorias utilizadas nesse trabalho, mostra-se de grande valia para a reflexão acerca das situações de adoção, nas quais é comum o comportamento agressivo da criança com os adotantes.

Papel fundamental também é atribuído pela teoria freudiana à angústia, suas origens e desdobramentos. Tais formulações nos foram de extrema importância visto que sustentaram a existência de um desamparo relativo na espécie humana, abrindo-nos novamente a possibilidade de diálogo com Winnicott diante da consideração da mãe como indispensável para a provisão de um ambiente adequado no qual o bebê possa lidar com este turbilhão de estímulos em que está imerso, sem se sentir totalmente desamparado ou desprovido de condições para tal.

Ainda em suas reflexões sobre a angústia, ao situar o *Eu* como uma parte diferenciada do *Id*, Freud assinala que tal afeto produz seus efeitos mesmo em momentos muito primitivos, nos quais o *Eu* ainda se encontra em processo de formação. Interessante registrarmos que tal ideia é retomada por Winnicott, que discorre sobre a importância dos acontecimentos dos primeiros dias e horas de vida para o desenvolvimento emocional do indivíduo, destacando ser imprescindível a consideração do contexto ambiental em que ocorrem, atestando que tais experiências não seriam necessariamente traumáticas e que poderiam inclusive contribuir para o fortalecimento egóico.

Os apontamentos que realizamos ao longo do primeiro capítulo, que tem como base os textos freudianos, nos possibilitaram um direcionamento para a teoria winnicottiana, que aborda pormenorizadamente a relação mãe-bebê e insere os conceitos de *Preocupação Materna Primária*, *dependência absoluta*, *dependência relativa* e outros tantos que estão vinculados a problemática do desenvolvimento emocional primitivo.

Já de início destacamos que, de acordo com Winnicott, não há a possibilidade de pensarmos no indivíduo de maneira isolada, especialmente durante a fase inicial de seu desenvolvimento, na qual ele forma com o ambiente uma unidade paradoxal, denominada *ambiente-indivíduo*. Cabendo-nos frisar que essa unidade só pode ser estabelecida quando a mãe atinge um estado muito especial de identificação com seu filho, voltando suas atenções para ele. Winnicott nos ensina que tal movimento só é possível quando a mãe conta com o apoio de seu próprio ambiente, que lhe permite dedicação quase exclusiva aos cuidados da criança e às suas necessidades.

Um das principais funções da mãe nesse período tão primitivo é o *holding*, que não se refere apenas à sustentação física que a mãe prove para seu filho, mas inclui todo o suporte e amparo que ela lhe fornece nesses momentos iniciais de seu desenvolvimento, possibilitando à criança um ambiente seguro para que possa gradualmente atingir uma integração. Outra das importantes tarefas da mãe, que também se relaciona a essa fase inicial do *holding*, seria o manejo da criança, *handling*, que daria início ao processo de personalização, no qual o indivíduo adquire uma existência psicossomática e também aos poucos passa a diferenciar o *Eu* do não-*Eu*. Ainda a esse respeito, vimos que ao apresentar os objetos para o bebê, a mãe contribui para que gradualmente o infante desenvolva uma capacidade de reconhecimento de aspectos da realidade, inclusive a partir de experiências de ilusão.

As conquistas mencionadas acima fazem parte da jornada realizada pelo bebê de um estado inicial de dependência absoluta rumo à independência, que transita por uma fase de dependência relativa. Consideramos igualmente válido destacar que pudemos compreender que ao longo dessa jornada, o bebê, que inicialmente se encontraria indiferenciado do ambiente, aos poucos desenvolve a capacidade de se relacionar com ele, separando-se dele.

Dessa forma, sentimos a necessidade de abordar os primórdios desse relacionamento estabelecido entre o bebê e o objeto, e fomos direcionados para uma investigação mais aprofundada a respeito da forma como se constrói a relação do infante com sua mãe, diante da qual pudemos explorar a questão da identificação primária, tal como proposta por Winnicott, e também a forma pela qual o ego do bebê é construído com o apoio do ego da mãe, diante de diversas formas de comunicação estabelecidas entre eles.

Tal apoio materno também está intrinsecamente relacionado às importantes experiências de ilusão e desilusão que servirão como base para a relação do indivíduo com a realidade e os objetos. Demonstramos que nesse processo de estabelecimento de relações a agressividade tem papel preponderante, e que é consagrado pela sobrevivência do objeto, diante da capacidade de reparação que é ofertada pela mãe ambiente, que possibilita a transformação do sentimento de culpa em *concern*.

Cabe-nos lembrar de que a reflexão aqui proposta tem sua origem em inquietações desencadeadas a partir da atuação com crianças que estariam em um ambiente turbulento, que nos levaram a refletir sobre o modo como a subjetividade seria organizada e especialmente como isso se daria através da (im)possibilidade do estabelecimento de relações.

No terceiro capítulo nos propusemos primeiramente a apresentar os pormenores de nossa atuação no Poder Judiciário. Para isso, destacamos alguns dados da Rede de Proteção da cidade de Curitiba e também dispositivos legais que orientam a intervenção do Estado visando assegurar os direitos básicos de crianças e adolescentes. Na sequência expusemos as inquietações que o acompanhamento de infantes que foram separados de suas famílias de origens nos impõe, e realizamos uma articulação com as teorias de Freud e Winnicott, evidenciando a importância de uma atuação profissional para além das questões objetivas, que consiga de fato considerar as determinações inconscientes e a dimensão ambiental que são inerentes aos fatos observados.

Por fim, recorreremos à literatura para continuarmos nossas reflexões acerca de um momento muito primitivo do desenvolvimento emocional e assim pudemos elucidar a fragilidade desses processos iniciais que ocorrem na vida do indivíduo e que se repetem em toda sua extensão, culminando no destaque da dimensão afetiva para o estabelecimento de relações e para a constituição subjetiva.

Em nossa reflexão restou claro que o caminho a ser seguido não se trata de uma determinação rígida de condições e requisitos a serem cumpridos para que um ambiente seja considerado suficientemente bom, mas sim, e principalmente, que tal percurso deve ser construído a partir do estabelecimento de uma relação primordial, que não pode ser considerada como existente *a priori*, entre uma mãe, ou quem se encontra disponível para o estado de preocupação materna primária, e o bebê.

Concluimos que para nossa atuação profissional é vital a aceitação do paradoxo de que não haveria um indivíduo antes de uma relação, e que ele surgiria justamente a partir de uma relação, que por sua vez lhe permitiria emergir para que então pudesse se relacionar.

A partir da realização deste trabalho, pudemos verificar que a formulação freudiana acerca da função materna relativa à provisão das satisfações iniciais ao bebê foi retomada por Winnicott em suas produções. Tal constatação se mostra de fundamental importância para nosso trabalho, uma vez que ambas as teorias nos propiciam um campo fecundo para reflexões acerca da situação de vulnerabilidade das crianças que são encaminhadas para acompanhamento das Varas da Infância e Juventude após terem sido separadas de suas genitoras e encaminhadas para instituições de acolhimento, sendo em alguns casos encaminhadas para adoção.

Destacamos a importância de situarmos que, conforme já apresentamos na introdução deste trabalho, as perspectivas freudianas e winnicottianas têm como base atuações clínicas distintas além de terem se originado em contextos históricos e sociais diversos.

Convém destacarmos que, ao longo de nossos estudos, percebemos que, ao mesmo tempo em que o diálogo entre tais teorias flui sem dificuldades, em certos aspectos ele também apresenta alguns pontos que exigem uma avaliação mais minuciosa a respeito dessa possibilidade, tais como a relação da questão do desamparo e da pulsão de morte para ambos os autores, em especial na forma como os cuidados maternos seriam entendidos nessa interlocução.

Cabe-nos reconhecer, porém, que tal investigação extrapola o escopo da presente pesquisa, e ao mesmo tempo se mostra como uma possibilidade primorosa para estudos futuros, especialmente por consideramos que nos possibilitaria um aprofundamento na reflexão sobre os comportamentos agressivos de crianças em processo de adoção e em acolhimento institucional, que demonstram possuir um lugar de destaque em sua economia psíquica.

Outra questão que não pode ser abarcada pela realização do presente trabalho, mas se situa em um estágio embrionário para pesquisas futuras, é a interrogação acerca da situação dos adolescentes e crianças mais velhas, para os quais a intervenção do NIAPVIJ é realizada em um momento posterior do seu desenvolvimento. Com relação a esses casos, cabe-nos questionar se apresentariam semelhanças com as intervenções realizadas com as crianças pequenas, tal como discutimos no presente trabalho, ou se seriam delas muito diferentes. Inclusive, verificamos a possibilidade de investigarmos se trata-se de situações em que houve um ambiente inicial suficientemente bom que foi perdido, o que provocaria diferentes marcas nas vidas dos indivíduos envolvidos.

Por fim, consideramos que o maior aprendizado obtido na construção dessa dissertação se refere à constatação de como a desconstrução e a reconstrução são importantes e inseparáveis do processo de desenvolvimento, quer seja de um trabalho acadêmico quer seja de um indivíduo, e que tais processos não podem ocorrer dissociados de um ambiente, preferencialmente acolhedor, no qual os potenciais possam ter espaço e suporte para seu livre desabrochar.

Um exemplo das desconstruções e reconstruções por nós realizadas se refere ao abandono de uma pressuposição inicial de que necessariamente haveria uma falha ambiental inicial traumática nos casos que são encaminhados para nosso acompanhamento no NIAPVIJ. A realização dessa pesquisa nos direciona para a adoção de uma perspectiva que nos indica que, a despeito das condições concretas da vida, a transmissão afetiva pode encontrar seu lugar e dessa forma possibilitar a emergência de uma relação subjetiva e, em decorrência, de um sujeito singular.

Tal constatação demarca a validade de nossa pesquisa, uma vez que nos possibilita sustentar a ideia de que cada situação deve ser estudada a partir de sua singularidade. Foi-nos possível, também, extrair algumas coordenadas para esse estudo individualizado que deve considerar a (in)existência de laços afetivos primitivos e reconhecer a importância da agressividade como um potencial inerente ao estabelecimento de relações objetivas e à aquisição do *concern*. Ainda a esse respeito, nos foi possível constatar que a sobrevivência do objeto é fundamental nesse circuito, pois é a partir dela que será construído um sentimento de confiabilidade e esperança no mundo, nas pessoas.

Por fim, consideramos imprescindível destacar que a compreensão do ambiente como facilitador, e não como determinante rígido do desenvolvimento

emocional, se mostra de grande valia para nossa atuação, pois nos direciona para um fazer criativo, que não se restringe a um rígido estabelecimento de padrões para que etapas sejam atingidas pela criança e pelos pais no curso de seu desenvolvimento, mas, ao contrário, visa fornecer-lhe um espaço confiável em que seus potenciais podem se desenvolver e sua subjetividade emergir.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16 de julho de 1990. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em: 03.03.2015.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Assistência à saúde. Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Resolução nº 117, de 11 de julho de 2006. Altera dispositivos da Resolução n.º 113/2006, que dispõe sobre os parâmetros para a institucionalização e fortalecimento do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 12 de julho de 2006. . Disponível em: < <http://dh.sdh.gov.br/download/resolucoes-conanda/res-117.pdf>>. Acesso em: 03/03/2015.

CARROL, L. (1872) *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Tradução sob direção de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.p. 151-315.

CURITIBA. Fundação de Ação Social (FAS). Rede de proteção à criança e ao adolescente. Disponível em: <<http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/conteudo.aspx?idf=861>>, Acesso em: 03/03/015

CURITIBA. Secretaria Municipal da Saúde. *Protocolo da Rede de Proteção à Criança e ao Adolescente em Situação de Risco para Violência*. Curitiba: Secretaria Municipal da Saúde, 2008.

DARRIBA, V. A. O “inacabamento do conceito na psicanálise. *Pulsional Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano 17, n. 179, p.78-85, set. 2004.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago,1996. vol. 5, cap. 7, p. 541 - 648.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago,1996. vol. 7, p. 117 - 231.

FREUD, S. (1907[1906]). Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 9, pp. 15-88.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 12, p. 231 – 244.

FREUD, S. (1913[1912-13]). Totem e tabu. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 13, p. 13 - 162.

FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 14, p. 75-108.

FREUD, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 14, p. 117 - 144.

FREUD, S. (1915). Os instintos e seus destinos. In: *Obras completas*. Tradução sob direção de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. vol. 12, p. 51 - 81.

FREUD, S. (1917[1915]). Luto e Melancolia. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 14, p. 245-263.

FREUD, S. (1920). Além do princípio de prazer. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 18, p. 13 - 75.

FREUD, S. (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 18, p. 79-154.

FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 19, p. 15-80.

FREUD, S. (1925[1924]). Um estudo autobiográfico. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 20, pp. 11–78.

FREUD, S. (1925). A negativa. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 19, p. 263 - 269.

FREUD, S. (1926[1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 20, p. 81-170.

FREUD, S. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 21, pp. 67–148.

FREUD, S. (1941[1929]). Achados, ideias, problemas. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 23, p. 317 - 318.

FREUD, S. (1950[1985]). Projeto para uma psicologia científica. In: *EDIÇÃO standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução sob direção de Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 1, p. 335-354.

MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. In: *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, vol 39, nº 70. p. 227-241, 2006.

PINHEIRO, N.N.B. Algumas reflexões sobre transferência, contratransferência e clínica a partir do pensamento de Winnicott. In: OUTEIRAL, J., FISHER, V.M., LEÃO, A., *Winnicott: Seminários Curitibanos*. Curitiba: Maresfield Gardens, 2012. p. 133-145.

PLASTINO, C. A. Winnicott: a fidelidade da heterodoxia. In: BEZERRA Jr, B., ORTEGA, F., PLASTINO, C.A. *Winnicott e seus interlocutores*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. p. 199-229.

PLASTINO, C. A. *O primado da afetividade: a crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, A. (1943) *O pequeno príncipe*. Tradução sob direção de Dom Marcos Barbosa. Edição cinquentenário. Rio de Janeiro: Agir, 1995.

WINNICOTT, D. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p.218-232.

WINNICOTT, D. (1948). Pediatria e psiquiatria. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 233- 253.

WINNICOTT, D. (1949). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 254-276.

WINNICOTT, D. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 316-331.

WINNICOTT, D. (1952a). Ansiedade associada com insegurança. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 163-167.

WINNICOTT, D. (1952b). Psicoses e cuidados maternos. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 305-315.

WINNICOTT, D. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 374-392.

WINNICOTT, D. (1955-56). Formas clínicas da transferência. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 393-398.

WINNICOTT, D. (1956). A preocupação materna primária. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 399-405.

WINNICOTT, D. (1958a). A capacidade para estar só. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução sob direção de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 31-37.

WINNICOTT, D. (1958b). O primeiro ano de vida. In: _____. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução sob direção de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 3-20.

WINNICOTT, D. (1959). Consequências da psicose parental para o desenvolvimento emocional da criança. In: _____. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução sob direção de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 101-114.

WINNICOTT, D. (1960a). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: _____. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução sob direção de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 21-28.

WINNICOTT, D. (1960b). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução sob direção de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 38-54

WINNICOTT, D. (1961). Observações adicionais sobre a teoria do relacionamento parento-filial. In: Winnicott, C.; SHEPERD, R.; DAVIS, M. (Org). *Explorações Psicanalíticas*. Tradução sob direção de José Octávio de Abreu Aguiar. Porto Alegre: Artmed, 1994. p.59-61.

WINNICOTT, D. (1962a). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução sob direção de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 55-61.

WINNICOTT, D. (1962b). Provisão para a criança na saúde e na crise. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução sob direção de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. P. 62-69.

WINNICOTT, D. (1963a). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução sob direção de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p.79-87.

WINNICOTT, D. (1963b). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução sob direção de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. p.70-78.

WINNICOTT, D. (1967a). A localização da experiência cultural. In: _____. *O brincar e a realidade*. Tradução sob direção de Tradução sob direção de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 133-144

WINNICOTT, D. (1967b). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____. *O brincar e a realidade*. Tradução sob direção de Tradução sob direção de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 153-162.

WINNICOTT, D. (1968a). A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. *Os bebês e suas mães*. Tradução sob direção de Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. p. 79-92.

WINNICOTT, D. (1968b). O uso de um objeto. In: _____. *O brincar e a realidade*. Tradução sob direção de Tradução sob direção de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.121-131.

WINNICOTT, D. (1971a). A criatividade e suas origens. In: _____. *O brincar e a realidade*. Tradução sob direção de Tradução sob direção de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 95-120.

WINNICOTT, D. (1971b). Inter-relacionar-se independentemente do impulso instintual e em função de identificações cruzadas. In: _____. *O brincar e a realidade*. Tradução sob direção de Tradução sob direção de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 163-186.

WINNICOTT, D. (1971[1967?]). O lugar em que vivemos. In: _____. *O brincar e a realidade*. Tradução sob direção de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p.145-152.

WINNICOTT, D. (1954-1971). *Natureza Humana*. Tradução sob direção de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.